

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA - UESB**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA: LINGUAGEM E SOCIEDADE**

**NIVALDA PEREIRA COELHO**

**MEMÓRIA DAS PRATICANTES DE FUTEBOL FEMININO NA CIDADE DE  
GUANAMBI, BAHIA: LUGARES E ESPAÇOS DA MULHER GUANAMBIENSE**

**VITÓRIA DA CONQUISTA - BA**  
**MARÇO DE 2021**

**NIVALDA PEREIRA COELHO**

**MEMÓRIA DAS PRATICANTES DE FUTEBOL FEMININO NA CIDADE DE  
GUANAMBI, BAHIA: LUGARES E ESPAÇOS DA MULHER GUANAMBIENSE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade – PPGMLS, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade

Área de Concentração: Multidisciplinaridade da Memória.

Linha de Pesquisa: Memória Cultura e Educação.

Projeto Temático: Memória, cidade e cultura.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Eduardo Ferreira Marta.

**VITÓRIA DA CONQUISTA - BA**

**MARÇO DE 2021**

C618m

Coelho, Nivalda Pereira.

Memórias das praticantes de futebol feminino na cidade de Guanambi, Bahia: lugares e espaços da mulher guanambiense. / Nivalda Pereira Coelho – Vitória da Conquista, 2021.  
127f.

Orientador: Felipe Eduardo Ferreira Marta.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, Vitória da Conquista, 2021.

Inclui referência: F. 98 – 103

1. Mulher – Futebol. 2. Mulher Guanambiense – Memória - Sociedade. 3. Time de Futebol - Mulheres. I. Marta, Felipe Eduardo Ferreira. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade. III. T.

CDD: 301.412

Catálogo na fonte: Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890

UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: Memory of female soccer players in the city of Guanambi, Bahia: places and spaces of women from Guanambi.

Palavras-chave em inglês: Women; Soccer; Memory; Society.

Área de concentração: Multidisciplinaridade da Memória.

Titulação: Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade.

Banca Examinadora: Prof. Dr. Felipe Eduardo Ferreira Marta (presidente), Prof. Dr. João Diógenes Ferreira dos Santos (titular), Profa. Dra. Silvana Vilodre Goellner (titular).

Data da Defesa: 26 de março de 2021.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade.

**NIVALDA PEREIRA COELHO**

**MEMÓRIA DAS PRATICANTES DE FUTEBOL FEMININO NA CIDADE DE  
GUANAMBI, BAHIA: LUGARES E ESPAÇOS DA MULHER GUANAMBIENSE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade.

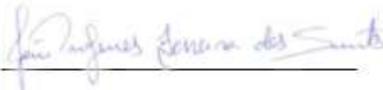
Local e Data da defesa: 26 de março de 2021.

**Banca Examinadora:**

Prof. Dr. Felipe Eduardo Ferreira Marta  
(Presidente)  
Instituição: UESB

Ass.:  \_\_\_\_\_

Prof. Dr. João Diógenes Ferreira dos Santos  
Instituição: UESB

Ass.:  \_\_\_\_\_

Profª. Drª. Silvana Vilodre Goellner  
Instituição: UFRGS

Ass.:  \_\_\_\_\_

## **DEDICATÓRIA**

A todas as mulheres que lutam por um lugar na sociedade, seja nos esportes, no mercado de trabalho, na educação ou em qualquer outro espaço. Em especial, à minha mãe Lourdes, mulher guerreira que sempre encarou de frente as suas dificuldades.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio através da bolsa que foi um incentivo de grande importância para minha permanência no curso.

À comunidade acadêmica da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, em especial, ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade – PPGMLS, pela disponibilidade em oferecer um excelente suporte de ensino para que essa pesquisa fosse realizada.

Agradeço também ao meu orientador Felipe Marta, um grande sábio, que conduziu todo esse processo da maneira mais leve, humana e solidária que alguém poderia conduzir. Ao professor Dr. João Diógenes e à professora Dr.<sup>a</sup> Silvana Goellner, por terem gentilmente aceitado fazer parte da minha banca examinadora.

Agradeço imensamente a Deus, que provou de todas as formas que, assim como em tudo na minha vida, Ele sempre esteve ao meu lado, proporcionando os subsídios necessários para que chegasse até aqui.

À minha mãe Lourdes e ao meu pai Nivaldo, que, mesmo com a distância física, sempre estiveram comigo emanando todo amor e confiança, são a razão da minha luta.

A Cláudia e a Gil, mãe e pai do coração, que nunca mediram esforços para que eu realizasse este e tantos outros sonhos.

Aos meus irmãos, Aparecido, Sidney, Agnaldo, Rael, Romário, Leo, Artur e minha irmã Aparecida. Os melhores irmãos e irmã que existem e que, mesmo muitas vezes sem saber, me transmitiram forças para continuar.

Aos amigos e amigas que viram, ouviram e vivenciaram os melhores e piores momentos que tive durante esses anos, em especial, a Fernanda, com quem dividi não só um mesmo espaço físico, mas muitas angústias, incertezas e ansiedades. Não tenho palavras capazes de expressar a gratidão que tenho pela paciência e companheirismo de vocês.

A todos os meus professores da graduação, que foram os primeiros a alimentarem esse sonho dentro de mim e me darem o suporte necessário para efetivá-lo. Em especial, a Fausta Porto, Marlon Messias e Berta Leni, por me direcionarem nos momentos de incertezas.

Agradeço também a Ana Carla da Rocha Farias, que durante a graduação sempre trabalhou ao meu lado dentro das discussões de gênero. Nossos debates colaboraram para que essa pesquisa tenha surgido.

Aos meus avôs, avós, tias, tios, primos, primas, sobrinhos e sobrinha que sempre estiveram ao meu lado.

Não poderia deixar de agradecer imensamente a Cida, a Rogéria, a Risalva e a Natalina, mulheres de luta, que marcaram lugar no futebol de Guanambi e que disponibilizaram suas histórias de vida para que esta dissertação fosse escrita. Estendo os agradecimentos a José Carlos, que também contribuiu para essa pesquisa através dos seus relatos. Sem vocês, este estudo não teria existido.

Aos colegas da turma de 2019 do mestrado e doutorado, por dividirem momentos tão importantes nessa caminhada.

Enfim, a todos e todas que, de alguma forma, contribuíram para que este sonho se realizasse.

Gratidão!

*“Que nada nos defina, que nada nos sujeite. Que a liberdade seja a nossa própria substância, já que viver é ser livre.”*

(Simone de Beauvoir)

## RESUMO

O futebol é um esporte que marca a história do Brasil e que está enraizando nos corações de muitos brasileiros, se não no da maioria. No entanto, sua prática por mulheres gera inúmeras discussões que envolvem as questões de gênero, transcendendo o mundo esportivo e alcançando outras esferas sociais. Portanto, o estudo teve como objetivo analisar os motivos que incentivaram a prática esportiva das primeiras jogadoras de futebol de Guanambi, estabelecendo relações entre os lugares destinados a elas no contexto local. O processo de negligenciamento da presença feminina nesta prática é reflexo de uma construção histórica, que tem por tendência a definição dos lugares que as mulheres devem ou não assumir na sociedade. Assim, no presente trabalho, investigou-se o primeiro time de futebol de mulheres na cidade de Guanambi, interior baiano, em meados da década de 1980, momento em que essa prática emergia em diversos lugares. Para tanto, o estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, baseada na metodologia da história oral, que permite aos pesquisadores enriquecerem suas experiências diante das entrevistas realizadas, pois cada indivíduo apresenta algo novo diante do objeto pesquisado. Assim, utilizou-se da entrevista como instrumento para a coleta dos dados. Tal procedimento possibilitou o acesso a oralidade de quatro mulheres que não só fizeram parte do primeiro time de futebol de mulheres da cidade, mas, também, se tornaram pioneiras em um meio onde o preconceito e a invisibilidade sempre estiveram presentes. A partir da análise das entrevistas, percebeu-se que a cidade carrega consigo memórias dominantes e subterrâneas, em que as dominantes se referem a grandes fazendeiros considerados ilustres para a população, e as subterrâneas dizem respeito à presença da mulher em determinados acontecimentos, sendo negado seu protagonismo na maioria deles, inclusive, quando se trata da inserção e atuação no futebol. A presença das mulheres no futebol, até os dias de hoje, se configura como uma luta, que, no contexto da década de 1980, estava apenas iniciando, e essas mulheres fizeram parte desse movimento ao se posicionarem, impondo seus lugares perante uma sociedade local conservadora. Enfim, por meio de todo o estudo realizado e das sugestões pedagógicas apresentadas foi possível confirmar que, a partir desse contexto é que essas jogadoras se tornaram pioneiras no futebol guanambiense, não só por ser uma modalidade direcionada aos homens, mas porque elas tentaram/tentam quebrar a lógica da pedagogia que a estabelece em relação ao lugar da mulher.

**Palavras-chave:** Mulher; Futebol; Memória; Sociedade.

## ABSTRACT

Soccer game is a sport that marks the history of Brazil and that is taking root in the hearts of many Brazilians, if not the majority. However, its practice by women creates a risk that involves gender issues, transcending the sporting world and reaching other social spheres. Therefore, the study aimed to analyze the reasons that encouraged the practice of the first soccer sports player in Guanambi, establishing relationships between local places to them in the local context. The process of neglecting the female presence in this practice is a reflection of a historical construction, which tends to define the places that women should or should not take in society. Thus, in the present work, the first women's soccer season was investigated in the city of Guanambi, in the interior of Bahia, in a description of the 1980s, when this practice was emerging in several places. To this end, the study stands out as a qualitative research based on the methodology of oral history, which allows researchers to enrich their experiences in the face of discoveries, as each individual presents something new before the object being researched. Therefore, use the interview as an instrument for data collection. This procedure made it possible for four women to have access to orality, which was not only part of the first women's soccer game in the city, but also became a pioneer in an environment where prejudice and invisibility were always present. From the analysis of the sources, it is seen that the city carries dominant and underground memories, in which the dominant ones are located to large farmers considered illustrious for the population, and how underground they refer to the presence of women in data happen, being denied their way of being protagonist in most of them, including, when it comes to insertion and performance in soccer game. The presence of women in soccer game, up to the present day, is configured as a struggle, which, in the context of the 1980s, was just beginning, and these women were part of this movement when they positioned themselves, imposing their places before a conservative local society. Anyway, through all the study carried out and the pedagogical suggestions it was possible to confirm that, from this context it is that these players become pioneers in guanambiense soccer game, not only because it is a modality directed to men, but because they tried / try to break the logic of pedagogy that society has in relation to the place of women.

**Keywords:** Woman; Football; Memory; Society.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Território de Identidades Sertão Produtivo .....	28
Figura 2: Fundação Joaquim Dias Guimarães .....	33
Figura 3: Túmulo de Joaquim Dias Guimarães .....	34
Figura 4: Primeiro time de futebol de mulheres de Guanambi .....	35
Figura 5: Vênus Futebol Clube com o último uniforme que atuaram .....	53
Figura 6: Caldeirão onde o corpo de Leocádia foi jogado e o túmulo construído ao lado.....	86
Figura 7: Reportagem sobre crise nos casamentos em Guanambi .....	92

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1: Perfil das entrevistadas e do entrevistado.....	36
---	----

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

BIAL	Bonfim Industrial Algodoeira
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CODEVASF	Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e Parnaíba
FIP	Faculdades Integradas Pitágoras
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
JEB's	Jogos Escolares Brasileiros
REDA	Regime Especial de Direito Administrativo
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UCSAL	Universidade Católica de Salvador
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UniFG	Centro Universitário Faculdade Guanambi

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>2 EM TORNO DO SERTÃO PRODUTIVO: ELEMENTOS QUE CARACTERIZAM A CIDADE DE GUANAMBI .....</b>	<b>28</b>
2.1. O legado dos Dias Guimarães: a consolidação de uma memória oficial para o surgimento da cidade .....	32
<b>3 A MULHER GUANAMBIENSE DENTRO DO MUNDO ESPORTIVO .....</b>	<b>35</b>
3.1 A Educação Física e a prática esportiva em Guanambi: o lugar das mulheres nas tramas da memória.....	42
3.2 “Todo lugar que a gente jogava, a gente ganhava”: a formação do primeiro time de futebol de mulheres em Guanambi .....	47
3.3 Mata a bola no peito: “o preconceito é que a mulher não jogava futebol, que a mulher era fraca, que ela poderia machucar” .....	58
3.4 “Não tinha incentivo [...], por que se tivesse [...] a gente tinha ido muito longe”: as histórias continuaram longe do campo.....	67
<b>4 BELARMINA, FLORINDA E LEOCÁDIA: MARGINALIZAÇÃO E PEDAGOGIZAÇÃO DO PROTAGONISMO FEMININO EM GUANAMBI .....</b>	<b>80</b>
4.1 A trágica história de Leocádia: o aspecto pedagógico por trás da santificação .....	83
4.2 Memória, futebol e o lugar da mulher em Guanambi: desejos, lutas e transgressões no alto sertão da Bahia.....	87
<b>5 CONCLUSÕES.....</b>	<b>94</b>
<b>FONTES .....</b>	<b>98</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>99</b>
<b>ANEXO A – Roteiro da entrevista.....</b>	<b>104</b>
<b>ANEXO B – Parecer de aprovação pelo Comitê de Ética.....</b>	<b>106</b>
<b>ANEXO C – Autorizações para coleta de dados.....</b>	<b>109</b>
<b>ANEXO D – Termos de Consentimento Livre e Esclarecido .....</b>	<b>112</b>
<b>ANEXO E – Autorização de uso de imagem e depoimentos .....</b>	<b>123</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A proposta para este estudo surgiu nos primeiros meses do ano de 2019, ao tomar conhecimento do edital do Programa de Pós-Graduação em Memória, Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *campus* de Vitória da Conquista. Assim, foi possível fazer um *link* entre uma das linhas de estudos do programa e a discussão acerca da prática do futebol de mulheres, temática pesquisada em meu trabalho de conclusão de curso em Educação Física, no ano de 2016, mas que já carregava dentro de mim desde a infância.

Nasci no município de Guanambi, em uma comunidade rural de condições sociais precárias, inclusive, em relação à educação, visto que ofertava apenas as séries do ensino fundamental I; a partir daí era necessário se deslocar até a cidade para cursar as séries seguintes, o que era muito raro, já que as condições financeiras da população daquela localidade eram precárias, além das crianças terem que trabalhar na roça desde muito cedo. Foi nesse contexto, em meados dos anos 2000, que ingressei na educação básica e comecei a ter contato com outras crianças, além dos meus irmãos, irmã, primos e primas.

Devido à precariedade do sistema de ensino já citada acima, a escola em que estudei possuía apenas uma sala de aula e atendia alunos da alfabetização até a quarta série. Desse modo, eu tinha que lidar com crianças de todas as idades, inclusive, alguns repetentes da quarta série que possuíam o dobro da minha idade. Esse fato permitiu que as brincadeiras desenvolvidas no recreio fossem, em certas ocasiões, excludentes e discriminatórias, mas, mesmo assim, eu sempre queria participar. Apesar de todos os impasses, nessa escola, dei os primeiros passos rumo ao conhecimento e ao envolvimento com as práticas corporais, principalmente o futebol, a atividade preferida no recreio e nos momentos que antecediam as aulas.

Nesses anos iniciais de escolarização, sempre me arriscava às escondidas para correr atrás da bola em um campinho de terra dessa escola na companhia de outras meninas, mas, principalmente, de meninos que faziam questão de usar da força do seu corpo para tirar vantagem sobre mim e outras meninas que jogavam com eles. Esse foi meu primeiro contato com o futebol e toda sua construção social vinculada ao gênero masculino, já que até mesmo minha mãe me proibia de jogar, por não considerar uma brincadeira de meninas.

Mesmo com todas as proibições impostas por minha mãe e algumas vezes pela professora, passei parte da infância ‘jogando bola’ escondida na escola ou no quintal de casa com irmãos e primos nas ocasiões em que aceitavam minha presença, visto que me

consideravam fraca para jogar com eles, algo que muito me intrigou. Sempre questioneei o fato de as meninas não poderem jogar. Nos momentos da educação física, não havia espaço para as mulheres no futebol, e mesmo quando tinha não era igual ao dos meninos, o tempo era reduzido. Questionamentos desta natureza me acompanharam por muitos anos.

No último ano do ensino fundamental I, tive a possibilidade de me mudar para a zona urbana da cidade, já que, até então, eu ainda residia na zona rural. Fui morar com uma amiga da família e, a partir desse momento, muitas coisas mudaram na minha vida, mas o interesse pelos esportes sempre me acompanhou, tornando-se a mola propulsora para minha inserção no curso de Educação Física, espaço que me proporcionaria uma maior aproximação e debates acerca das questões que envolvem os esportes e participação das mulheres nesses meios, em especial, no futebol. Foi então que dediquei o trabalho de conclusão do curso ao futsal e voleibol femininos, primeiros passos dentro das discussões de gênero.

À medida que estudava, começava a perceber as inúmeras problemáticas que envolviam a presença da mulher no futebol. São muitos os preconceitos e, também, a desvalorização sofrida pelas mulheres, os quais envolvem questões que vão além da simples presença, seja em campinhos de terra ou nos gramados profissionais. Isso me fez observar a importância de conhecer e dar visibilidade à história de luta das mulheres por seu espaço dentro da sociedade, seja nos esportes ou em qualquer espaço social.

...

Os debates acerca da participação feminina no futebol são capazes de gerar inúmeras reflexões relacionadas aos espaços de lutas das mulheres por reconhecimento e igualdade perante a sociedade. Essas questões que envolvem gênero podem ser entendidas como o resultado da desigualdade de poder entre homens e mulheres, resultante da construção social do papel de ambos em relação às suas diferenças sexuais (SCOTT, 1995). Para Pisani (2012), os problemas enfrentados pelas mulheres, principalmente no cenário do futebol brasileiro, têm sua gênese nos seus primeiros momentos de vida, pois, quando uma criança do sexo masculino nasce é comum que ela ganhe presentes como roupas de times, sapatinhos com formatos de chuteiras ou bolas, o que não é comum quando se trata do sexo feminino.

No âmbito social, esses debates trazem contribuições principalmente relacionadas às poucas produções teóricas em torno dessa temática, além da possibilidade de enaltecimento da luta feminina pelo espaço no futebol, principalmente na cidade de Guanambi e nas regiões circunvizinhas, o que reafirma a busca das mulheres por espaços dentro da sociedade em geral. Resgatar essas memórias possibilita grandes influências no reconhecimento individual das praticantes, além de promover debates teóricos acerca da inserção das mulheres no

esporte e em tantos outros lugares antes compreendidos como masculinos, não só na sociedade em geral, como, também, no contexto local em que a pesquisa está sendo realizada.

Assim, nesta dissertação, busca-se um caminho metodológico que parte de uma memória oficial<sup>1</sup> de Guanambi em relação à sua criação e suas características, para, depois, compreender como as jogadoras, a partir das entrevistas, rememoram a sua participação no esporte, em especial, no futebol. Para isso, partiu-se da seguinte questão norteadora: Quais fatores influenciaram a prática esportiva das primeiras jogadoras de futebol de Guanambi?

A fim de responder a esse questionamento, inicialmente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, na qual se buscou analisar diferentes aspectos relacionados à memória, à história, e ao trabalho de memorialistas locais. Assim, é importante distinguir o trabalho com as características de cada uma dessas categorias, visto que correspondem a conceituações diferentes e, à medida que são abordados em uma mesma pesquisa, tendem a se tornarem confusas em determinado momento. Nesse sentido, destaca-se, então, que:

No momento em que a história almeja uma cientificidade e singularidade, acentua-se a diferenciação entre história e memória. A primeira seria fruto de um trabalho metódico, conceitual, investigativo, reflexivo, pautada em métodos ditos científicos; já a memória seria uma atividade espontânea, pré-reflexiva, contínua, quase natural e inerente aos indivíduos. Se a memória carregaria indelevelmente a afetividade dos sujeitos, a história traria consigo a imparcialidade, a objetividade dos fatos; uma se aproximaria do passado para revivê-lo, ao passo que a outra se distanciaria para analisa-lo (FREIRE, 2016, p. 133).

No trabalho historiográfico, os autores buscam dialogar com estudiosos anteriores a eles. Assim, esses trabalhos relacionam-se com práticas culturais que englobam vestígios de vivências, experiências e visões de mundo. (HASS JÚNIOR, 2009).

Em relação aos memorialistas, cabe salientar que eles, a fim de contemplar acontecimentos entendidos como integrantes da história local da cidade abordam, dentro de um recorte temporal, temáticas que chamam atenção da população ou que enaltecem determinados aspectos. (GOULART, 2007). Isso acontece devido ao nítido vínculo afetivo com o local do qual esses escritores escrevem, o que faz com que haja certa idealização exacerbada em seus relatos. (HASS JÚNIOR, 2009).

Feito esses esclarecimentos, será dado início ao que a pesquisa se propõe a partir da história acerca do surgimento da cidade, presente principalmente em documentos e *sites*

---

<sup>1</sup> Para Michael Pollak (1989), o termo memória oficial se refere a memórias dominantes sobre determinados assuntos, enquanto o oposto destas memórias seriam os relatos orais cotidianos.

oficiais do município, os quais permitem relacioná-los à figura de um importante fazendeiro da região que teria doado uma parte da Fazenda Carnaíba, onde, posteriormente, em meados do século XIX, desenvolveu-se a vila que, tempos depois, veio a se tornar cidade. No entanto, há outras memórias em disputa, como a de Belarmina e de Leocádia, que serão abordadas adiante, que trazem as mulheres como protagonistas desse período de surgimento da cidade, mas que não são reconhecidas pela população local. Estas memórias desenvolvidas por memorialistas apontam que a vila teria se constituído nos arredores da casa de uma senhora de nome Belarmina; esta, embora tivesse costumes religiosos, foi responsável por promover reuniões festivas e ladainhas<sup>2</sup> que chamavam atenção de viajantes e de fazendeiros que lotavam o ambiente, fazendo com que outras pessoas se interessassem em fixar moradia naquele ambiente (COTRIM, 2012).

Segundo os relatos dos memorialistas Domingos Antônio Teixeira (1991) e Dário Cotrim (2012), os quais serão visitados ao longo deste texto, com o passar do tempo, alguns prostíbulos foram construídos próximos à moradia de Belarmina, vinculando a constituição da pequena vila ao comércio sexual na região. Esse fato talvez justifique o silenciamento desta memória por parte da sociedade local, que não aceita a ideia de a cidade ter sua história relacionada a “mulheres de vida livre”, que não se submetiam aos poderes masculinos. Oficializar uma memória histórica<sup>3</sup> da cidade atrelada à vida, aos poderes e à “nobreza” de um fazendeiro que se dispôs a doar parte de suas terras para constituição de uma vila, representa a hegemonia histórica e social masculina para a consolidação de certos costumes tradicionalistas que entendem a figura masculina como símbolo de representatividade social.

Diante deste contexto de negligenciamento de um lugar de destaque para as mulheres na constituição histórica da cidade, muitas ideias foram se formando e, com elas, as distintas visões femininas ali presentes, de um lado as ‘mulheres de família’, que se submetiam aos afazeres domésticos e ao domínio do seu marido, e por outro lado as ‘meretrizes’, presentes em bordéis e casas noturnas. (COTRIM, 2012). O direcionamento dos lugares que as mulheres deveriam ocupar ao longo do processo de surgimento da cidade tornou-se pressuposto para um processo de limitação dos seus lugares e espaços nos diferentes contextos sociais vivenciados pela sociedade local.

---

<sup>2</sup> Forma de oração dialogada em que os fiéis se ocupam das respostas, uma vez que o sacerdote recita uma frase e os fiéis recitam a seguinte, e assim por diante. LADAINHA. In: DICIO, Dicionário Online de Português. **Porto**: 7Graus, 2020. Disponível em: < <https://www.dicio.com.br/ladainha/>>. Acesso em: 04/03/21.

<sup>3</sup> Memória histórica ou memória social pode ser compreendida como uma série de fatos relevantes nacionalmente e que, ao serem relacionados, unificam a representação histórica de um determinado objeto. Para maiores informações consultar HALBWACHS (1990).

Estabelecer as relações existentes entre a história do futebol de mulheres em Guanambi e a sua própria história social dentro da relação com o campo esportivo e com a presença da mulher nos espaços entendidos como masculinos permite uma discussão que ultrapassa o recorte da prática esportiva e atinge significados mais abrangentes. Assim, nesta pesquisa, discute-se a construção da memória da cidade relacionada a uma disputa entre aspectos oficiais e aspectos destacados por memorialistas, em que os meios oficiais tendem a silenciar uma versão da memória que traz as mulheres na condição de protagonistas do seu processo histórico. Como ponto de partida para este debate, utilizou-se o primeiro time de futebol de mulheres da cidade de Guanambi fundado em meados da década de 1980, por entender o quanto essa prática se relaciona socialmente com aspectos masculinizados refletidos até os dias de hoje.

Neste sentido, esta pesquisa faz uso da memória como fonte para analisar os motivos que incentivaram a prática esportiva das primeiras jogadoras de futebol de Guanambi, estabelecendo relações entre os lugares destinados a elas no contexto local. Portanto, foram analisados os relatos de algumas das integrantes do primeiro time feminino da cidade, além do técnico da equipe, que também faz parte da memória desse time e carrega consigo uma série de lembranças do período.

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações (NORA, 1984, p. 9).

Responder aos objetivos de identificar as influências na vida esportiva das praticantes de futebol e analisar o percurso histórico da prática esportiva das pioneiras do futebol em Guanambi requer utilizar a memória das participantes como uma fonte privilegiada de informação e, também, como um recurso metodológico para o resgate de uma história negligenciada.

Isso estabelece o uso da oralidade como ponto fundamental na elaboração da trajetória da memória social como objeto de investigação que possibilita, em última instância, uma nova inteligibilidade do passado recente, uma vez que:

[...] essa perspectiva que explora as relações entre memória e história, ao romper com uma visão determinista que limita a liberdade dos homens, coloca em evidência a construção dos atores de sua própria identidade e reequaciona as relações entre passado e presente ao reconhecer, de forma

inequívoca, que o passado é construído segundo as necessidades do presente, chamando a atenção para os usos políticos do passado (ALBERTI, 1990, p. 16).

Por isso, a história oral possibilita a inserção nos relatos históricos de pessoas que são invisíveis perante a história oficial, mas que carregam uma grande bagagem de informações vivenciadas individualmente ou em grupos e que merecem ser registradas para futuras análises das suas próprias visões de mundo (CASSAB; RUSCHEINSKY, 2004). O que, em outros termos, dá ouvido aos sujeitos para que exponham contribuições sociais que, muitas vezes, são negligenciadas pela classe hegemônica.

Assim, a opção pela história oral como método de pesquisa, neste trabalho, dá-se em função de permitir uma abordagem sobre experiências diretamente ocorridas durante a vida do sujeito, neste caso especial, no campo do esporte, bem como dos cuidados e das práticas com o corpo. É essa memória, contada e perpetrada via história oral, que dá sentido à ordem social vigente, oferecendo, portanto, evidência sobre o passado e sobre a construção social do presente, inclusive no campo do esporte, tema central da pesquisa em questão (CRUIKSHANK, 2006).

Os estudos baseados nessa metodologia de pesquisa possibilitam ao pesquisador um contato diferenciado com a história, porque se utiliza da memória enquanto meio para se chegar aos resultados. Através das metodologias orais, muitas classes silenciadas pela história oficial, como a classe feminina, tomam a palavra, podendo expor individualidades, pontos de vistas contraditórios e aspectos culturais, o que a história baseada em documentos oficiais não é capaz de expressar (BOSI, 2003).

Ademais, os relatos orais, as narrativas e as histórias sobre o passado ajudam a compreender os processos que permeiam a vida das pessoas, das comunidades, das coletividades, permitindo desvelar a complexidade que marca a vida cotidiana e as contradições inerentes às relações de poder incorporadas aos processos sociais vigentes.

Segundo Halbwachs (1990), a memória é um processo de reconstrução e deve ser analisado considerando dois aspectos, o primeiro é o fato de não se tratar de uma repetição linear dos acontecimentos no contexto atual, e o segundo é se diferenciar dos acontecimentos que podem ser localizados em um tempo ou espaço que se envolve em um conjunto de relações sociais. Para este autor, a lembrança advém das relações sociais desenvolvidas no cotidiano. Sendo assim, a memória individual só pode ser estabelecida a partir de memórias coletivas.

Ao falar da memória do futebol de mulheres em Guanambi, é possível resgatar o percurso histórico desta prática através de fragmentos individuais das praticantes, bem como dos indivíduos que fizeram parte desse grupo, estabelecendo relações entre os diversos contextos vivenciados por cada um. Não se trata apenas da participação da mulher no futebol enquanto esporte. É mais que isso. Trata-se das questões de gênero, das discussões que envolvem o lugar e a história da mulher na sociedade local.

Em seus estudos sobre gênero, Scott (1995) faz referência à participação da mulher na história da sociedade. Segundo a autora, os historiadores não feministas não negam a participação da mulher na história, mas reconhecem, para que depois possam excluí-la ou separá-la do âmbito oficial, para que ela seja estudada e analisada apenas por feministas. Daí a necessidade de lançar debates dessa parcela da sociedade que há tanto tempo vem sendo excluída, mascarada e negligenciada enquanto parte dela.

A pesquisa está fundamentada nas entrevistas das primeiras praticantes de futebol da cidade, no sentido de reconhecimento deste espaço por parte das mulheres. Os relatos orais são documentos do presente que estão sob a responsabilidade do entrevistado e do entrevistador (PORTELLI, 1997). O processo de formulação do trabalho a partir desta metodologia dividiu-se em três etapas: preparação das entrevistas, sua realização e, por fim, seu tratamento (ALBERTI, 2008).

Utilizadas como fontes principais deste estudo, essas entrevistas possibilitaram o entendimento acerca do surgimento das primeiras práticas do futebol feminino na cidade pesquisada, além de conhecer as opções e possibilidades do esporte oferecidas às mulheres durante o período de recorte histórico que corresponde ao período de 1980 a 1990. Entendendo que as entrevistas de história de vida têm como eixo a biografia, vivência e experiência do entrevistado ou da entrevistada (ALBERTI, 2008), essas fontes foram avaliadas com base na técnica da análise de conteúdo que é compreendida como:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2011, p. 47).

Segundo a autora, esse procedimento observa três etapas básicas: a pré-análise, momento de organização do material a ser analisado e que permite formular categorias ou índices a partir dos objetivos da pesquisa; exploração do material coletado, ocorre a escolha das unidades de registro, bem como a reunião do maior número de informações que se

relacionam com cada categoria; e tratamento dos resultados, fase em que surgem os indicadores temáticos a partir das informações coletadas e o pesquisador busca dar embasamento teórico a esses indicadores. Assim, o eixo central da pesquisa não se perde no decorrer da sua elaboração.

Foram utilizados também como fontes para a pesquisa os números 7 de agosto de 1993 e 14 de maio/junho de 1994, da *Revista Integração do Vale*, veículo informativo regional fundado em meados da década de 1990 e que apresentam informações pertinentes à pesquisa. Outra fonte que enriqueceu o trabalho foram fotos do time na época em que atuaram. Disponibilizadas por uma das entrevistadas, as fotos são as únicas lembranças materiais do período.

Por entender que pesquisas envolvendo seres humanos devem seguir todos os cuidados éticos previstos em lei, antes de iniciar o processo de busca das fontes, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), o qual emitiu parecer favorável sob o número 3.735.311. Após essa primeira fase, muitas dúvidas surgiram em relação ao paradeiro dessas jogadoras e a iniciativa, a priori, foi ir em busca de informações nas duas escolinhas de futebol da cidade, *Verdão* e *Saturno*, ambas com turmas femininas e masculinas. Foi o professor da escolinha *Verdão* que forneceu o nome de uma das participantes do primeiro time de futebol de mulheres da cidade. A partir daí foi estabelecido contato com Maria Aparecida da Silva Neves<sup>4</sup>, que se tornou um fio condutor para as outras quatro entrevistas realizadas, totalizando um quantitativo de cinco entrevistas.

Esta etapa da pesquisa foi realizada presencialmente com cada uma das entrevistadas e entrevistado na cidade de Guanambi no período de janeiro de 2020 a setembro deste mesmo ano com entrevistas que variaram de 40 a 60 minutos cada. Embora Alberti (2008) sugira que uma entrevista tenha, em média, um tempo superior a 60 minutos, é válido ressaltar que, no caso desta pesquisa, as entrevistadas e o entrevistado conseguiram relatar de forma clara e precisa todos os acontecimentos presentes em suas memórias acerca das atuações no futebol de mulheres e as circunstâncias que as conduziram e o conduziu até esse meio.

O ano de 2020 foi bem atípico, já que em meados do mês de março o mundo foi assolado pela pandemia do Novo Coronavírus, que pegou todos de surpresa e obrigou as pessoas a se reinventarem em alguns aspectos. Diante da necessidade do isolamento social, houve um tempo até que as coisas se adaptassem, ainda que de maneira improvisada. Por essa

---

<sup>4</sup> Cida foi a primeira ex-atleta a ser entrevistada e, desde que parou de jogar futebol, atua em uma empresa de transporte rodoviário de cargas da cidade de Guanambi-BA.

razão, apenas as três primeiras entrevistas realizadas do mês de janeiro ao início do mês de março puderam ser efetivadas dentro do esperado pelos protocolos metodológicos iniciais seguindo o cronograma proposto pela pesquisa. Só foi possível a realização das duas últimas entrevistas no mês de setembro quando a cidade de Guanambi teve uma baixa no número de casos.

Diante da atual conjuntura pandêmica foi proposto que essas entrevistas ocorressem via redes sociais a fim de não expor a entrevistada e o entrevistado a nenhuma situação de risco. No entanto, ambos solicitaram a realização presencial mediante o cumprimento de todas as medidas de segurança recomendadas pelos órgãos de saúde, como o uso de máscaras tanto pela pesquisadora, quanto pela entrevistada e pelo entrevistado, além da utilização do álcool em gel para higienização das mãos e dos objetos utilizados durante a entrevista.

Foram utilizados um aparelho de gravador de voz e um telefone celular como meios de captação dos relatos, a fim de garantir maior segurança na obtenção e garantia dos registros mesmos. O diário de campo também foi outro meio utilizado para que os elementos não captados nos áudios, como a fisionomia, a postura e os gestos dos entrevistados pudessem ser registrados no decorrer da entrevista, com o intuito de serem considerados no momento da transcrição e análise das entrevistas que aconteceram manualmente, utilizando os mecanismos de retardamento dos áudios para que nenhuma palavra ou informação fosse perdida.

Momentos antes da entrevista, foi apresentado a cada um o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, a fim de que conhecessem a proposta e autorizassem o uso voluntário dos depoimentos através de áudio e imagem ou de possíveis fotos ou gravações. Por meio desse documento foi facultado ainda a revelação das suas identidades durante todo o processo de desenvolvimento e posterior divulgação da pesquisa. Após todos os esclarecimentos não houve nenhuma objeção quanto às solicitações expressas pelo TCLE.

Revelar as identidades dessas jogadoras é um ato político e de valorização da luta de mulheres dentro de uma sociedade que limita e marginaliza a sua atuação. A entrevista de história oral funciona como mecanismo de visibilização de memórias e histórias silenciadas pela história oficial, daí a importância de evidenciar essas mulheres, que, mesmo tendo a prática do futebol negada a elas, conseguiram fazer história nesse esporte em uma cidade do interior baiano, diante de um contexto difícil para essa atuação feminina em todo o país.

Permitir que essas memórias aflorassem possibilitou às participantes voltarem no tempo e, de certa forma, reviverem situações marcantes nas suas histórias. Durante os relatos foi possível notar que em alguns momentos o tom da voz adquiria empolgação, sobretudo, ao relembrar acontecimentos marcantes dentro de campo. Os olhos brilhavam e o sorriso tomava

conta do rosto ao recordar a forma com que o time era aclamado pelas pessoas que assistiam aos jogos. Foi possível perceber através das fisionomias a alegria que o futebol proporcionou individualmente a cada uma delas.

Assim, as entrevistas foram realizadas seguindo a teia de informações iniciada por Maria Aparecida, ou simplesmente Cida, como é citada pelas colegas de time. Essa ex-jogadora é natural de Guanambi e foi uma peça fundamental para compor o time da época por ser considerada a artilheira do time em diversos jogos. A sua entrevista foi concedida na casa da sua mãe, por ser o local onde ela passa a maior parte do seu tempo livre. A segunda participante a ser entrevistada foi Rogéria<sup>5</sup>, que escolheu sua própria casa como o melhor local para dar seu depoimento acerca da atuação no futebol de mulheres. Nasceu e foi criada em Guanambi em meio a oito irmãos ao total, quatro mulheres e quatro homens, uma irmã e um irmão vieram a falecer já adultos. Teve uma infância totalmente envolvida nos esportes e, embora praticasse diversas modalidades, sempre teve um carinho muito grande pelo futebol e se destacava nos jogos entre os meninos da sua rua. Outra figura que marca a história das futebolistas guanambienses é Risalva<sup>6</sup>, a terceira entrevistada da pesquisa e a mais irreverente em campo, não se intimidava diante de faltas propositais, ao contrário, revidava sem pensar duas vezes. Seu relato foi concedido na casa da sua mãe, onde reside atualmente.

Natalina de Melo Fernandes<sup>7</sup>, ou *Espetinho*, como era chamada pelas colegas de time e pelos amigos, assumia com dedicação e empenho em campo a posição de lateral direita. Ela foi a quarta entrevistada da pesquisa e carrega nas lembranças um sentimento de gratidão pelo futebol e por todas as outras práticas que teve a oportunidade de vivenciar. A entrevista com esta participante aconteceu no quintal da sua residência, já tomando todos os cuidados em relação ao Coronavírus.

Ainda buscando meios de fortalecer a teia de ideias e memórias sobre o primeiro grupo de mulheres futebolistas da cidade de Guanambi, estabeleceu-se contato com o então técnico da equipe na época, o senhor José Carlos Silva Santos, popularmente conhecido como Zé Carlos. Prontamente se disponibilizou a relatar suas lembranças sobre a época, afirmando ter sido um momento marcante em sua vida, pois, além de estar ajudando um grupo de mulheres talentosas, ele estava envolvido com um esporte que tinha grande paixão. Foi o

---

<sup>5</sup> Rogéria Pereira dos Santos, uma das entrevistadas desse trabalho, atuou no futebol de Guanambi-BA na década de 1980 e, atualmente, reside nesta cidade.

<sup>6</sup> Risalva Magalhães de Oliveira, outra entrevistada que atuou no futebol guanambiense na década de 1980, embora já tenha morado em diversas cidades, atualmente, reside em Guanambi-BA.

<sup>7</sup> Natalina de Melo Fernandes também compôs o Vênus Futebol Clube, primeiro time de futebol de mulheres da cidade de Guanambi-BA. Esta jogadora foi a quarta entrevistada desta pesquisa e apresenta uma história de vida marcada pela presença em diversas áreas esportivas.

último a conceder a entrevista e, assim como Natalina, foram tomados todos os cuidados necessários em relação à pandemia. Seu depoimento foi coletado em um local arejado em frente à sua residência.

Ao refletir sobre o contexto histórico em que essas mulheres passaram pela experiência de constituírem um time de futebol de mulheres, percebe-se que essa era uma prática que já vinha sendo desenvolvida no país há alguns anos. (MORAES; ROQUE, 2014). No entanto, talvez pelo fato de se tratar de uma cidade interiorana, não se ouvia falar e nem se conhecia muito desta prática pelos moradores de Guanambi na década de 1980, período em análise. Em estudos acerca da prática do futebol feminino em algumas cidades baianas, Moraes (2012) aponta que os primeiros times femininos brasileiros surgiram em meados da década de 1960, com a realização de competições em cidades de Minas Gerais. Neste início, assim como em muitas situações posteriormente vivenciadas pelas mulheres neste esporte, houve inúmeros casos de preconceito que dificultaram suas práticas. Essas interferências partiram de órgãos legislativos e, também, da igreja, que determinava que as mulheres não deveriam expor suas pernas correndo atrás de uma bola (MORAES, 2012).

O contato a partir dessa pesquisa com os relatos de vida de mulheres inseridas no meio esportivo, em especial no futebol, propiciou um aprofundamento das discussões sobre a presença de mulheres não só dentro dos esportes, mas, também, ao longo da história. Para isso, visitou-se importantes obras de feministas e historiadoras, como Michelle Perrot (2019), Margareth Rago (2014), Maria Odília Leite Dias (1995) e Silvana Goellner (1999; 2005; 2018), que abordam sobre o lugar e o espaço da mulher dentro da sociedade.

Debater sobre questões que envolvem gênero é muito importante, e, mais ainda, quando se relacionam ao processo de construção histórica da humanidade, pois torna-se perceptível a dificuldade em notar as mulheres dentro desse processo (PERROT, 2019). Seriam elas menos participativas? Teriam se ocultado dessa tarefa e escolhido outros lugares dentro da sociedade? Os estudos de Perrot (2019) respondem a estes questionamentos ao indicarem que as mulheres sempre fizeram parte da história assim como os homens, o que lhes falta é o reconhecimento da sua presença e dos seus vestígios, que são fortemente apagados e destruídos. Essa monopolização da figura masculina fez com que as mulheres fossem ocultadas da sociedade, jogadas para segundo plano, sendo submetidas a situações humilhantes ao longo de toda história da humanidade.

Corpo, alma, trabalho, educação, vestimentas, comportamentos, tudo isso manipulado por certos princípios injustificáveis da diferença hierárquica dos sexos e que formou uma sociedade com poderes suficientes para reprimir e submeter mulheres a destinos

premeditados. Segundo Perrot (2019), o que permanece inicialmente é o silêncio do pudor e da vergonha, capaz até mesmo de destruir qualquer indício dos seus sentimentos e dos seus feitos por acreditarem na sua insignificância.

Ao longo dos anos, as mulheres começaram a perceber que, assim como os homens, elas também fazem parte da construção histórica da sociedade e que é um grupo que deve atuar de acordo às demandas existentes ao seu redor. Foi, então, que começaram a surgir as reivindicações políticas e sociais, além da criação dos coletivos “feministas”, a fim de lutarem pela igualdade dos sexos. (PERROT, 2019).

A partir das lutas feministas muitos espaços foram e estão sendo conquistados pelas mulheres em diferentes âmbitos, seja ele social, político, cultural, de lazer ou profissional, e isso pode ser notado em diferentes lugares, inclusive na cidade de Guanambi que possui em sua história uma construção social e uma visão de mulher tão condizente com os moldes tradicionalistas de divisão dos sexos. No entanto, muitas barreiras ainda precisam ser quebradas, como é o caso da prática esportiva, ou ainda da prática do futebol, considerado um campo recente de atuação feminina, principalmente nesta localidade onde se propôs o estudo das memórias das primeiras praticantes.

A estrutura deste trabalho encontra-se organizada em quatro seções além desta introdução. Levando em consideração as informações contidas nos relatos das entrevistadas e do entrevistado, apenas a primeira seção não apresenta informações contidas nas entrevistas, pois se trata de uma contextualização histórica da cidade lócus da pesquisa. Essas informações são cruciais para um melhor entendimento do leitor acerca das memórias sociais desta localidade em relação aos lugares destinados às mulheres. Nessa seção, busca-se descrever a cidade de Guanambi desde seu surgimento, ainda enquanto uma pequena vila, e apontar algumas influências que se tornaram importantes para seu desenvolvimento próximo às regiões do Rio São Francisco.

Para conseguir reunir informações suficientes que traçassem uma linha tênue de dados capazes de esclarecerem todo contexto histórico da cidade, utilizaram-se obras de memorialistas regionais e documentos oficiais, como legislações e publicações no diário oficial do município que abordassem a história da cidade de maneira detalhada. Foram utilizadas, ainda, algumas edições da Revista Integração do Vale, veículo informativo

regional fundado em meados da década de 1990 e que apresenta informações pertinentes à pesquisa.<sup>8</sup>

Na segunda seção, apresentam-se os depoimentos coletados nas entrevistas e o processo de surgimento das primeiras práticas esportivas femininas, além dos incentivos e motivações que as levaram a estes ambientes. Os relatos indicaram as aulas de Educação Física daquela época como base fundamental para a disseminação esportiva na cidade, inclusive, entre as mulheres. Assim, foi feito um resgate de informações desta disciplina no contexto baiano em meados da década de 1980, período que abrange a baliza cronológica da pesquisa.

Na terceira seção do trabalho, estão presentes as memórias das praticantes acerca dos momentos vivenciados nos campeonatos e como suas presenças eram vistas perante familiares e amigos; as questões que permeiam a inserção feminina nos campos futebolísticos; os fatores que influenciaram as decisões dessas mulheres em abandonarem o futebol e seguirem caminhos totalmente diferentes e as reflexões acerca desses fatores.

Na última seção, é trazido um paralelo entre o percurso histórico da cidade difundida como uma memória oficial, em confronto com uma versão de memorialista não reconhecida pela população local e que é baseada em um protagonismo feminino entendido como prejudicial para a imagem da cidade, já que nessas memórias as mulheres estavam associadas à prostituição. Daí, torna-se possível pensar as dificuldades das mulheres com a prática do futebol dentro de uma sociedade que historicamente não dá lugar para a mulher.

Outro ponto abordado nesta seção é a importância pedagógica direcionada às memórias sociais envolvendo a trágica história da jovem Leocádia, cruelmente assassinada a mando da esposa de um fazendeiro da região, que viu seu casamento ameaçado pela moça. Embora essa memória declare Leocádia inocente, torna-se pedagógica exatamente no sentido de chamar atenção das mulheres para não se exporem, nem assumirem a mesma postura da jovem de estar em locais públicos, reforçando ainda mais a construção histórica do lugar da mulher no contexto local.

---

<sup>8</sup> Outra tentativa de localização dessas documentações foi a busca por jornais antigos contidos em um arquivo público da cidade de Caetité-BA, localizada a 40 km de Guanambi. Buscou-se no arquivo documentos que fizessem referência aos aspectos históricos da região, no entanto uma visita apenas não seria suficiente, já que a busca nesses acervos deve ser cuidadosa em aspectos técnicos e de conteúdo. Houve o interesse em retornar outras vezes até reunir informações que ajudassem, mas a pandemia da Covid-19 fez com que a sociedade assumisse novas formas de viver, os estabelecimentos da maioria das cidades foram fechados, inclusive, o arquivo público de Caetité, o que inviabilizou a coleta desses dados até o presente momento da escrita desta pesquisa.

Por fim, são apresentadas as conclusões do trabalho, as quais apresentam as percepções de que este estudo a partir de uma prática esportiva possibilitou discussões que transcendem a mera prática esportiva, visto que partiu-se da prática do futebol de mulheres e abrangeu discussões sobre o espaço das mulheres no contexto local de pesquisa e sua constituição histórica. Tal fato se deu principalmente devido o papel das entrevistadas no processo de quebra da lógica pedagógica imposta pela sociedade local no que diz respeito aos lugares da mulher que se tornaram pioneiras não só por exercerem uma prática direcionada aos homens, mas por quebrarem uma lógica pedagógica da cidade no que se refere aos lugares que as mulheres devem assumir perante a sociedade.

Tornar pública essas memórias é uma forma de fortalecer a prática do futebol enquanto possibilidade de atuação profissional de muitas jovens guanambienses que sonham em atuar nos grandes times. Sendo assim, essa pesquisa encerra apenas uma etapa no processo de reconhecimento e enaltecimento de trajetórias femininas em meio a sociedade brasileira, em especial a sociedade guanambiense, e constitui enquanto fonte de pesquisa para outros estudos, debates e reflexões acerca da mulher e seu lugar no futebol e na sociedade.

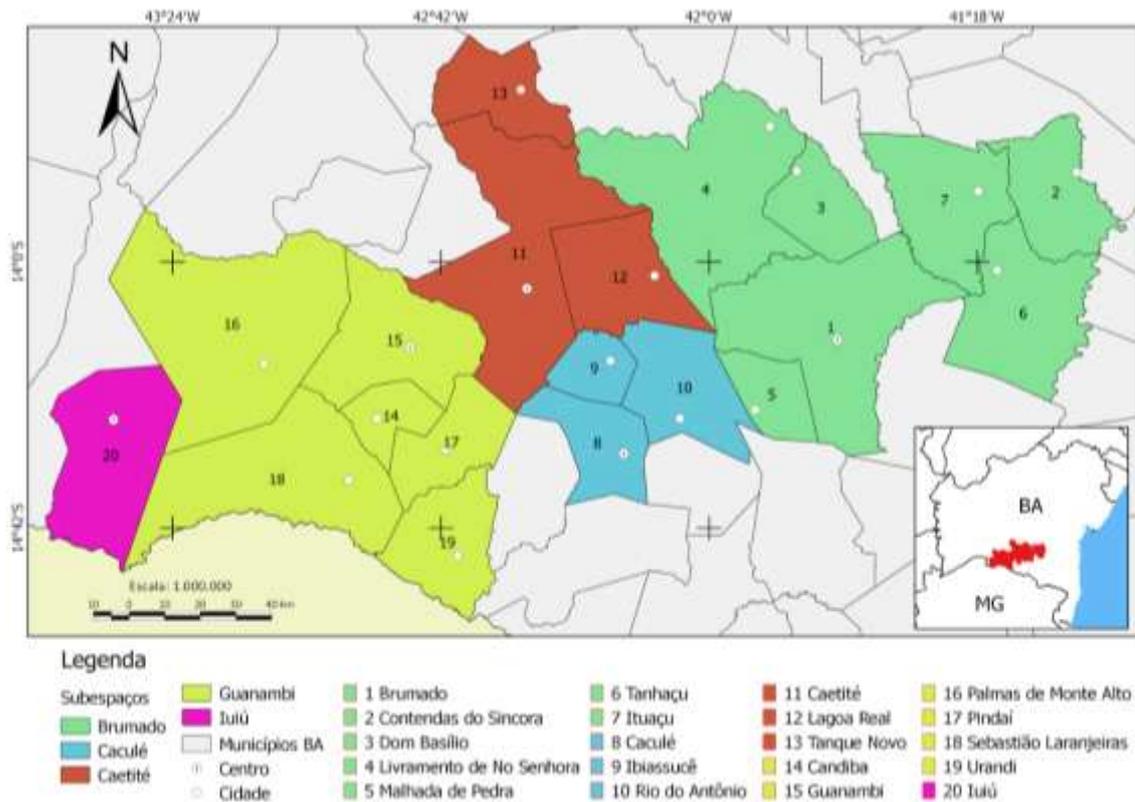
## **2 EM TORNO DO SERTÃO PRODUTIVO: ELEMENTOS QUE CARACTERIZAM A CIDADE DE GUANAMBI**

Situada na região do Território de Identidade do Sertão Produtivo<sup>9</sup>, como ilustra a Figura 1, a seguir, a cidade de Guanambi possui aproximadamente 84.481 habitantes, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) do ano de 2019 e está a uma distância de 796 km da capital do estado, Salvador. Seu surgimento se deu, em meados dos anos 1870, com a doação de uma parte da Fazenda Carnaíba de Dentro pelo seu proprietário, Joaquim Dias Guimarães, formando, então, o povoado.

Figura 1: Território de Identidades Sertão Produtivo

---

<sup>9</sup>O Território de Identidade Sertão Produtivo é um dos 27 Territórios de Identidade da Bahia, criado pelo governo do estado com o objetivo de identificar prioridades temáticas definidas a partir da realidade local e possibilitando o desenvolvimento equilibrado e sustentável entre as regiões. Assim, o Governo da Bahia passou a reconhecer a existência desses 27 Territórios de Identidade, constituídos a partir da especificidade de cada região. (BAHIA, 2016).



Fonte: <http://nupetesp.blogspot.com/p/sertao-productivo.html>

Antônio Guedes de Brito<sup>10</sup> foi um dos maiores latifundiários da região que abrangia uma extensão de terras que compreendia o norte da Bahia até grande parte do norte de Minas Gerais nos idos do século XVIII. (BAHIA, 2016). A produção econômica e cultural dessas terras baseava-se em fazendas para a criação dos seus gados, o que acarretou a ocupação e posse de terras ociosas desde o médio São Francisco<sup>11</sup> até a Serra Geral<sup>12</sup>. Assim, a região que hoje compreende o Território Sertão Produtivo era povoada pelas fazendas de gado, sendo os fazendeiros e vaqueiros os primeiros habitantes desse lugar. (BAHIA, 2016).

Outro fator de influência habitacional na região foram as explorações dos minerais das terras brasileiras, ocorridas em meados do século XVIII, a partir das terras do atual estado de Minas Gerais, cruciais para a descoberta de outras minas em cidades da Bahia nas proximidades da Chapada Diamantina<sup>13</sup>, possibilitando o surgimento dos municípios de Jacobina em 1720 e Nossa Senhora do Livramento das Minas do Rio de Contas em 1724

<sup>10</sup> Pecuarista conhecido como o segundo maior latifundiário do Brasil colônia (BAHIA, 2016).

<sup>11</sup> É um dos 27 Territórios de Identidade da Bahia. (BAHIA, 2016).

<sup>12</sup> O Alto Sertão da Serra Geral, ou somente Serra Geral é também um dos 27 Territórios de Identidades da Bahia. (BAHIA, 2016).

<sup>13</sup> O Parque Nacional da Chapada Diamantina possui 152.000 hectares e protege uma parcela da Serra do Sincorá, que é a parte norte da Serra do Espinhaço, cadeia montanhosa que se estende de Minas Gerais a Bahia. Disponível em: < <https://www.icmbio.gov.br/portal/visitacao/1/unidades-abertas-a-visitacao/9396-parque-nacional-da-chapada-da-diamantina>>.

(FIGUEIRÔA, 2006). Segundo Figueirôa (2006), os sertões começaram a ser explorados pelos colonizadores, e o fluxo de habitantes foi aumentando cada vez mais, principalmente, às margens de alguns rios, como o São Francisco<sup>14</sup>. Foi ao longo do curso do médio São Francisco, no sertão baiano, que, no ano de 1746, Jacobina desmembrou Santo Antônio do Urubu de cima (atual Paratinga), do qual emancipou Macaúbas e Monte Alto que posteriormente desmembrou Guanambi e outras cidades. (BAHIA, 2016).

Um pouco mais afastado, aproximando-se da Serra Geral, o município de Nossa Senhora do Livramento das Minas do Rio de Contas se desmembrou com a criação da Vila Nova do Príncipe e Santa Ana do Caetité, e, no decorrer do século XIX, surgiram vários outros municípios, como Imperial Vila da Vitória (Vitória da Conquista), Santo Antônio da Barra (Condeúba), Bom Jesus dos Meiras (Brumado), Boa Viagem e Almas (Jacaraci) e Vila Bela da Umburana (distrito de Quirapá). (BAHIA, 2016).

No ano de 1880, sob a Lei provincial nº 1979 de 23 de julho, foi criado o Distrito de Paz de Beija-Flor, pertencente ao município de Monte Alto, no entanto só foi elevada a vila pela Lei estadual n.º 1364 de 14 de agosto de 1919, que também criou o município com o nome de Guanambi, com território desmembrado de Palmas de Monte Alto. A instalação se deu em 1º de janeiro de 1920 e, ainda nesse ano,

[...] a Lei municipal n. 02, de 8 de janeiro, confirmou a criação do distrito-sede de Guanambi (ex-Beija Flor) ao tempo em que criou para o município o novo distrito de Mucambo. A criação de Mucambo, atualmente denominado Candiba, foi confirmada pela Lei estadual número 2 219, de 20 de agosto [sic] de 1929 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE, 1958, p. 244).

Esses dados apontam, ainda, que a divisão administrativa do Brasil de 1933 definiu que o município iria compor os distritos de Guanambi, Itaguaçu (Mutans), Mocambo (Candiba) e Gentio (Ceraíma). (IBGE, 1958).

Ainda de acordo com o censo do IBGE de 1958, as atividades econômicas exercidas no século XX eram a agricultura, com a produção de algodão, arroz, milho e feijão; a indústria, sendo beneficiada com as usinas de algodão e com a venda da carne de sol; e a pecuária, favorecida pela quantidade de rebanhos na região. Entre essas atividades, a que adquiriu maior destaque foi o cultivo do algodão, transformando a cidade em um polo de produção e comercialização até meados da década de 1990 (IBGE, 1958).

<sup>14</sup> O rio São Francisco, popularmente conhecido por Velho Chico, é um dos mais importantes cursos d'água do Brasil, e o maior trecho tecnicamente navegável encontra-se entre as cidades de Pirapora (MG) e Juazeiro (BA). Para maiores informações consultar GODINHO (2003).

Um acontecimento histórico que marcou a cidade foi a seca de 1976 que impactou diretamente a lavoura do algodão e a pecuária, provocando prejuízos para a população local.

A lavoura pouco produzia, quase teve perda total. As pastagens aos poucos iam se acabando, os reservatórios de água secando. Começava a faltar água para os animais e até para grande parte da população. Guanambi e região estava à beira de um colapso total. Os grandes produtores rurais não tinham recursos para sustentar seu rebanho e aos pequenos produtores faltavam recursos até para a manutenção familiar (TEIXEIRA; TEIXEIRA, 2019, p. 73-74).

A fim de resolver esses problemas, foi solicitada a intervenção do governo federal, pois a seca abrangia outras cidades nordestinas. Conforme Teixeira e Teixeira (2019), foi criado um plano de emergência para combate à seca, estabelecendo medidas de financiamento para aquisição de suplementos para o rebanho, compra de máquinas e motores, remoção de rebanhos para outros estados e aos pequenos produtores, uma linha de crédito para manutenção familiar.

Momento oposto à seca de 1975 foi a enchente de 1992, que provocou uma série de alagamentos no centro da cidade, desabrigando famílias na zona urbana e ilhando muitas pessoas da zona rural e de outras cidades devido ao desmoronamento de uma ponte na BR 030 que liga Guanambi a Palmas de Monte Alto e Mutans. Essa foi a última vez que a barragem de Ceraíma, principal reservatório de água da região, excedeu sua capacidade máxima de armazenamento. Recentemente, no primeiro semestre do ano 2020, a barragem atingiu 99 % da capacidade total, a segunda maior cheia do local desde a enchente de 1992. (MARQUES, 2020).

Atualmente, a cidade representa o polo regional do comércio, com a implementação de diversas redes de supermercados, eletrodomésticos, franquias do setor alimentício, além de um alto crescimento nos investimentos públicos e privados em educação e saúde, o que tem atraído cada vez mais pessoas. (OLIVEIRA; PEREIRA, 2010). Destaca-se ainda no campo educacional, ao se tornar referência no ensino superior, possuindo duas grandes instituições privadas, o Centro Universitário Faculdade Guanambi (UniFG) e as Faculdades Integradas Pitágoras (FIP), além da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), importante instituição pública de ensino superior presente em todas as regiões do estado. (OLIVEIRA; PEREIRA, 2010).

Acontecimento marcante nesta cidade e que ganhou destaque nacional e internacionalmente foi a criação do maior Complexo Eólico<sup>15</sup> da América Latina, situado principalmente nas cidades de Caetité e Guanambi. Esse empreendimento influenciou de maneira significativa o setor econômico da cidade, devido à permanência de diversas empresas que atuam nessas atividades; ademais, embora tenham seu quadro de funcionários formado na sua maioria por pessoas de outras localidades, ainda assim, possibilitou que os índices de empregos na região também aumentassem nos últimos anos.

### **2.1. O legado dos Dias Guimarães: a consolidação de uma memória oficial para o surgimento da cidade**

O contexto histórico de surgimento da cidade de Guanambi encontra-se fortemente vinculado à figura de um imponente fazendeiro, lembrado pela grande quantidade de propriedades na região do médio São Francisco. De acordo com a memória oficial<sup>16</sup>, presente na Fundação Joaquim Dias Guimarães e, por vezes, difundida pela imprensa local, o surgimento da vila está ligado à construção da chamada ‘casa de orações’, atual igreja matriz da cidade, a partir da doação de uma parte de terras pelo senhor Joaquim Dias Guimarães, um dos maiores fazendeiros que existiu na região nos idos do século XIX. A seguir, encontra-se um trecho de uma reportagem publicada no 7º número da Revista Integração do Vale, de agosto de 1993, no qual relata-se o surgimento da cidade:

Tudo começou no século passado, com a doação de uma gleba, por Joaquim Dias Guimarães. De lá para cá, a força de um povo, que muitas vezes ficou sem reconhecimento público, fez com que Beija Flor, antiga vila do Quebra, acabasse se transformando na atual Guanambi, capital do Ouro Branco, cidade interiorana mais capitalista da Bahia. (GUANAMBI..., 1993, p. 16).

Neste trecho de uma matéria sobre os 75 anos de emancipação política de Guanambi, a revista Integração dá ênfase à figura do fazendeiro Joaquim Dias, permitindo perceber a importância atribuída àquele fazendeiro que se tornou o patriarca da cidade.

Atualmente a cidade conserva uma fundação pública com acervos históricos locais e pessoais do fazendeiro que recebeu o seu próprio nome (Figura 2). Idealizado por seus

---

<sup>15</sup> Para maiores informações sobre o parque eólico consultar: <https://revistaoe.com.br/maior-complexo-eolico-da-america-latina/>. Acesso em: 11/11/2020..

<sup>16</sup> O conceito do termo memória oficial aqui utilizado tem como base teórica as discussões de Pollak (1989).

familiares, o museu visa resgatar e preservar aspectos históricos e culturais de Guanambi, tendo sua sede na Câmara Municipal da cidade, localizada na Praça Henrique Pereira Donato.

Parte do acervo pertencente ao próprio fazendeiro estava sob o domínio de familiares, outros utensílios fazem parte de uma série de doações da população local que também viram no museu uma possibilidade de preservação da memória da cidade.

Figura 2: Fundação Joaquim Dias Guimarães



Fonte: <http://blogdolatinha.blogspot.com/2017/05/o-acervo-historico-da-fundacao-joaquim.html>

Entre os utensílios presentes na imagem apresentada anteriormente, é possível notar uma maquete da cidade que foi confeccionada e doada por um morador ao museu, uma cadeira que teria pertencido ao fazendeiro Joaquim Dias Guimarães, além de diversos quadros com fotos dos intendentes, prefeitos e prefeita da cidade ao longo da sua história.

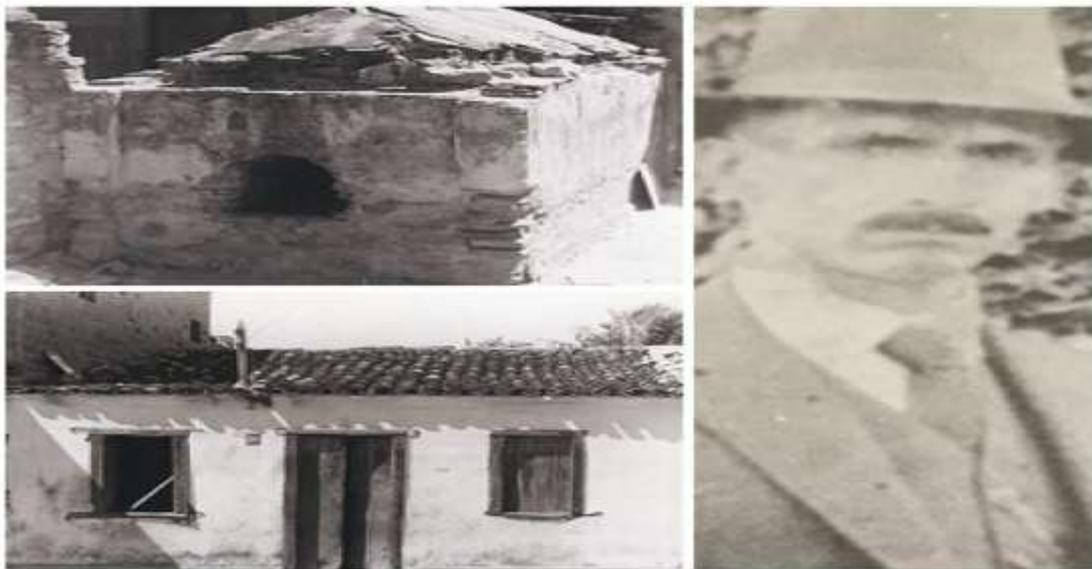
Como forma de resguardar as memórias acerca do fazendeiro, até mesmo o túmulo do fazendeiro que se encontra localizado no interior de uma antiga residência no centro da cidade foi tombado sob a recente lei municipal de nº 1.235 de 14 de maio de 2019, a qual dispõe ainda de outras providências. De acordo com seu Art. 2º:

A partir da publicação da lei em comento, por interesse histórico e cultural do Município de Guanambi, o Poder Executivo cancelará qualquer licença concedida para executar modificações, reformas e eventuais alterações na obra a que se refere o art. 1º, exigindo do proprietário ou ocupante do imóvel a suspensão de quaisquer iniciativas a serem realizadas que descaracterizem o projeto original (GUANAMBI, 2019).

Diante dessa legislação municipal, em caso de eventual venda do imóvel, a preferência para aquisição será do município, podendo, neste caso, aplicar recursos financeiros para a restauração do túmulo a partir de projetos de entidades ligadas à área do patrimônio histórico, com base em adaptações na edificação, tendo em vista sua melhoria e conservação, sem perder as características da construção original.

Esse processo de tombamento do túmulo de Joaquim Dias Guimarães demonstra a relevância que a memória oficial da cidade atribui a ele enquanto responsável pelo seu surgimento. Documentos legislativos dessa natureza tornam-se determinantes para que a história cultural, artística e urbana esteja cada vez mais vinculada à figura desse fazendeiro.

Figura 3: Túmulo de Joaquim Dias Guimarães



Fonte: Agência Sertão (TÚMULO, 2019)

Nesse contexto, de uma cidade marcada pela forte presença masculina e consequentemente do patriarcado<sup>17</sup> é que as mulheres entrevistadas nesta pesquisa vão, na década de 1980, buscar o seu espaço a partir da prática esportiva do futebol, modalidade culturalmente masculinizada.

---

<sup>17</sup> O termo patriarcado se refere ao regime de dominação das mulheres por parte dos homens (SAFFIOTI, 2004 apud VERON, 2014).

### 3 A MULHER GUANAMBIENSE DENTRO DO MUNDO ESPORTIVO

Nos primeiros anos da década de 1980, um grupo de mulheres guanambienses desafiou regras e ousou tomar um lugar historicamente demarcado como masculino, o universo esportivo. Encantadas com as práticas corporais e, mais ainda, com o futebol, estas mulheres buscavam algo novo, queriam protagonismo e reconhecimento naquele espaço tão venerado pela sociedade. A Figura 3, a seguir, ilustra, portanto, o primeiro time de futebol de mulheres da cidade de Guanambi, cujo registro deu-se durante um jogo que aconteceu em meados dos anos 1982, em que estavam presentes todas as entrevistadas desta pesquisa. De pé, podemos identificar o treinador físico, Pedro, e as jogadoras Rita, Dagma (*in memoriam*), Margarida e Risalva. A última as entrevistadas não recordaram o nome. Agachadas, estão a goleira Ivande e as jogadoras Cida, Débora, Nádia, Rogéria e Natalina. Nesta foto, nota-se que o uniforme era composto por uma blusa azul de manga e o característico shortinho curto da mesma cor, enquanto a goleira utilizava a blusa com uma tonalidade de verde para se destacar.

Figura 4: Primeiro time de futebol de mulheres de Guanambi



Fonte: Arquivos pessoais da entrevistada Cida.

Com o intuito de levantar as discussões que permeiam essa prática esportiva na cidade de Guanambi, bem como as relações estabelecidas entre os lugares destinados às mulheres no contexto local, serão apresentadas as trajetórias de vida de quatro mulheres que fizeram parte

do primeiro time de futebol de mulheres da cidade, a partir de memórias individuais sobre suas atuações enquanto jogadoras. Serão apresentados também os relatos de memória do, então, técnico do time na ocasião. No quadro abaixo, consta as principais características das entrevistadas e do entrevistado, a fim de traçar o perfil de cada um:

Quadro 1: Perfil das entrevistadas e do entrevistado

	<p>Maria Aparecida da Silva Neves 56 anos Casada Escriturária Atuou no futebol durante 2 anos</p>
	<p>Rogéria Pereira dos Santos 51 anos Divorciada Comerciante Atuou no futebol durante 3 anos</p>
	<p>Risalva Magalhães de Oliveira 53 anos Solteira Profissional da Educação Física Atuou no futebol durante 3 anos</p>
	<p>Natalina de Melo Fernandes 58 anos Divorciada Comerciante Atuou no futebol durante 3 anos</p>
	<p>José Carlos Silva Santos 61 anos Divorciado Militar aposentado Atou como técnico do Vênus Futebol Clube por 2 anos</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Maria Aparecida da Silva Neves nasceu na cidade de Guanambi, onde reside até os dias de hoje. Irmã mais velha dos seus três irmãos, sendo a única mulher, relata ter despertado o interesse pelo futebol ainda criança, por volta dos dez anos de idade, quando jogava futebol de rua com Zé Luís, seu irmão mais novo. Nesse tempo, devido à dificuldade em conseguir bolas convencionais, as crianças brincavam com bolinhas feitas com meias. Carregava a camisa de número 10 e era considerada pelas colegas de time e pela torcida como a versão feminina de Zico<sup>18</sup>, que, na época, recebia grandes premiações por sua atuação em campo. Durante sua fala, foi possível notar que em alguns momentos seu tom de voz mudava, uma entonação de empolgação tomava conta de si, sobretudo, ao narrar situações de dribles em campo. Os olhos brilhavam e o sorriso tomava conta do rosto ao lembrar o quanto era aclamada pelas pessoas que assistiam aos jogos. Foi possível perceber através do seu olhar quanta alegria o futebol lhe proporcionou.

Rogéria Pereira dos Santos também nasceu na cidade de Guanambi, morou alguns anos em outras cidades, até mesmo no exterior, mas atualmente reside na sua cidade natal. Pertencente a uma família de oito irmãos no total, o que mais lhe inspirava no mundo dos esportes era Pedro Romildo Pereira dos Santos, sempre uma figura de grande influência esportiva para a entrevistada, após a criação do time de futebol feminino, ele deu muito apoio com os treinamentos físicos da equipe.

Rogéria relata que, na infância, quando jogavam o futebol de rua, tinha o momento de separar os times, e os melhores sempre eram escolhidos primeiro, e ela estava entre esses primeiros em razão da sua boa desenvoltura com a bola, em algumas situações jogava até melhor que os meninos. Em toda a infância se manteve ligada aos esportes, o que se tornou um ponto de grande importância para sua posterior atuação no futebol, como pode ser observado no depoimento abaixo:

Aí a gente começou a jogar futebol e aí a gente foi e foi indo com o tempo a gente brincava as brincadeiras de meninas, mas sempre que tinha os times de futebol a gente jogava. E eu sempre me dediquei ao, ao esporte néh aí eu jogava, eu também corria, depois dos meus nove/doze anos eu comecei a

---

<sup>18</sup> Arthur Antunes Coimbra, mais conhecido como Zico, é um treinador, ex-dirigente e ex-futebolista brasileiro que atuava como meia. Contribuiu muito para a trajetória do Clube de Regatas Flamengo, conquistando vários títulos entre as décadas de 1970 e 1980, além de atuar na seleção brasileira no mesmo período. Foi uma personalidade esportiva marcante, principalmente, para as crianças e jovens deste período. Para maiores informações consultar FORMENTIN (2015).

correr sozinha, treinar sozinha, fazer maratona que também vinha dar um preparo físico bom pra gente se tornar, pra gente jogar o futebol néh.<sup>19</sup>

Risalva Magalhães de Oliveira nasceu na cidade de Vitória da Conquista, sudoeste baiano, e mudou-se para Guanambi ainda criança com todos os familiares. Pertencente a uma família de doze irmãos, seis homens e seis mulheres, Risalva e um dos seus irmãos eram os únicos que gostavam de esportes e estavam sempre incentivando um ao outro.

A bola sempre foi seu melhor brinquedo, ou, como costuma dizer, sempre foi “sua praia”. Assim como Cida e Rogéria, Risalva cresceu ligada aos esportes:

[...] como todas as molecas néh, que fui sempre, eu gostava muito de bola, gostava muito de, de, desde criança mesmo. Futebol era minha praia, ou melhor, a bola era minha praia, gostava muito, desde a infância mesmo. Saía para jogar com a molecada aqui e na escola também, começamos com baleado na rua, fazíamos o campeonato aqui na rua mesmo, de baleado.<sup>20</sup>

Apelidada de “Motorzinho” devido à sua agilidade, Risalva passava de um lado ao outro do campo em poucos segundos. Nasceu na cidade de Vitória da Conquista, mas ainda muito pequena mudou-se para Guanambi com seus familiares, onde passou toda sua infância, adolescência e juventude. Amante dos esportes, essa entrevistada relata que juntamente com seus irmãos e amigos se reuniam nos intervalos da escola e nos momentos de lazer para a prática do baleado, primeira atividade esportiva coletiva de que fez parte.

Depois de iniciar suas práticas esportivas, com 12 anos de idade, Risalva perde seu pai e passa a ver seus irmãos como a figura masculina da casa. Eles davam todo apoio nas suas escolhas, independentemente de quais fossem; em algumas ocasiões, davam até mesmo os materiais necessários para sua atuação em campo, como chuteiras e os uniformes se fosse preciso. Ao longo de sua adolescência e juventude teve contato ainda com o basquete, handebol, voleibol e atletismo.

Natalina de Melo Fernandes é natural da cidade de Guanambi, onde reside atualmente. Possui duas irmãs e um irmão. Na infância, morou na casa da sua avó, cenário em que ela desenvolveu o gosto pelos esportes ao brincar na rua com as irmãs e seus vizinhos. Uma característica marcante de Natalina é o seu gosto por esportes que demandem aventura, que lhe proporcionem mais energia, como podemos observar no seu depoimento adiante:

<sup>19</sup> Depoimento de Rogéria Pereira dos Santos em entrevista realizada em 10 de fevereiro de 2020, na cidade de Guanambi-BA.

<sup>20</sup> Depoimento de Risalva Magalhães de Oliveira em entrevista realizada em 12 de março de 2020, na cidade de Guanambi-BA.

Eu não gosto de coisa lenta, igual por exemplo, quando eu tive problema de coluna, ‘vai pra hidro’ eu fui lá, Jesus! Só foi a primeira aula entendeu! (risos) Comprei a roupa que está ali, que eu falo assim, cento e tantos reais não valeu nada porque só fui uma hora (risos). A mulher, faz isso, faz aquilo, eu falei não dá pra mim.<sup>21</sup>

Durante toda sua vida, Natalina sempre esteve envolvida com práticas esportivas, partindo do basquete e passando pelo atletismo, futebol, ciclismo, karatê, musculação até voltar novamente para o ciclismo, que é a atividade que desenvolve atualmente com um grupo de mulheres ciclistas da cidade denominado *Saia na Bike*. No depoimento seguinte, podemos notar o quanto esse grupo é importante para a entrevistada:

E aí, com o passar do tempo apareceu a bicicleta néh, em 2010 apareceu o *Saia na Bike*, foi o primeiro grupo feminino de bicicleta (em Guanambi-BA) e aí eu ouvi um comentário na rádio. Aí quem? Minha amiga. (risos) Logo quem, minha amiga. [...] marcou o horário e eu falei: ‘*Tchuff*, vou lá!’ Na terça feira do horário bati pra lá. Quando eu cheguei lá todo mundo minhas amigas, pronto! Aquilo virou festa, virou festa, e aí agora pronto, a gente começou [...]. E agora com isso aí criou foi criando grupos, por que tinha só masculino.<sup>22</sup>

Assim como suas colegas de time, Natalina se aproximou dos esportes devido à influência de outros adolescentes que estavam à sua volta e que já praticavam alguma atividade esportiva, que, no seu caso, foram suas irmãs. Mas quem prosseguiu com treinos e dedicação foi somente ela, como podemos verificar em seu depoimento:

As outras todas jogavam entendeu, minhas irmãs, minha irmã mais velha jogava basquete, aí agora eu virava jogando também. E tinha minha outra irmã, mas a outra ela gostava mais de handebol entendeu, mas todo mundo gostava assim muito. Agora pra não sair mesmo foi eu, entendeu?!<sup>23</sup>

Sempre muito agitada e participativa nas brincadeiras de rua, a entrevistada relembra de sua infância com muito orgulho por ter aproveitado tudo que lhe era proporcionado, sem se restringir ao que, muitas vezes, era imposto pela época em relação às diferenças entre meninos e meninas. Recorda que, no círculo de amizades da rua em que morava, a quantidade de meninas sobressaía em relação aos meninos, mas todas buscavam interagir com eles, desde

---

<sup>21</sup> Depoimento de Natalina de Melo Fernandes em entrevista realizada em 09 de setembro de 2020, na cidade de Guanambi-BA.

<sup>22</sup> Idem.

<sup>23</sup> Idem.

o jogo de futebol ao jogo de bolinha de gude ou qualquer outra brincadeira que fizesse parte daquele contexto local.

Era futebol, era o jogo de bola de gude, era o da época néh! O da época que tivesse a gente tava engajada naquilo aí. E eram brincadeiras saudáveis néh, não tinham assim, coisas que desabonassem as nossas pessoas néh, era uma coisa muito boa, era ótimo.<sup>24</sup>

Embora tenha vivenciado uma infância saudável, aproveitando toda a energia propícia para aquela idade, e tendo se constituído uma pessoa realizada e bem estruturada, sua história de vida é marcada por muitos desafios. Com apenas 15 anos de idade, perdeu seu pai e sentiu a necessidade de conseguir um emprego para ajudar nas despesas de casa. Desde então, seguiu na luta para obter melhorias nas suas condições financeiras. Nas palavras da entrevistada: “então, a gente é por aí assim, pessoas que iam à luta néh, pessoas que iam à luta e tentavam conquistar. O poder aquisitivo de todas era praticamente igual, não era tão elevado assim néh, eram pessoas, que necessitavam lutar pela vida mesmo”.<sup>25</sup>

Ainda como fonte para enriquecer as memórias sobre a participação feminina no futebol de Guanambi, utilizou-se também como fonte de análise os relatos de José Carlos Silva Santos, então técnico do time. Natural da cidade de Ibirataia-BA, localizada no sudoeste baiano e cerca de 100 km da cidade de Jequié-BA, foi concursado na polícia militar da cidade de Jequié em meados da década de 1970, onde atuou até os anos finais dessa década, quando foi transferido para Guanambi. Uma vez que a delegacia se localizava próximo ao Colégio Luiz Viana, Zé Carlos começou a observar as meninas treinando na quadra e percebeu que elas tinham talento para o futebol. Foi aí que iniciou o interesse de ajudá-las, como podemos perceber no relato a seguir:

As meninas, eu achava assim: Poxa! Se as meninas jogam bola, por que não jogar bola as mulheres? Eu ficava lá parado olhando sentado na quadra. Aí eu comecei a fazer amizade com elas, ser amigo delas, aí pronto, nasceu o time feminino de Guanambi (risos).<sup>26</sup>

O interesse de Zé Carlos em ajudar as meninas nos treinos era reflexo da sua paixão pelo futebol. Quando ainda morava em Ibirataia-BA, o entrevistado já tinha contato com o

---

<sup>24</sup> Depoimento de Natalina de Melo Fernandes em entrevista realizada em 09 de setembro de 2020, na cidade de Guanambi-BA.

<sup>25</sup> Idem.

<sup>26</sup> Depoimento de José Carlos Silva Santos em entrevista realizada em 16 de setembro de 2020, na cidade de Guanambi-BA.

futebol. Quando se mudou para Guanambi chegou a atuar em dois times, inicialmente no Cruzeiro do Monte Pascoal e depois no Veteranos. Sua última atuação como jogador foi nos campeonatos entre bairros realizados pelo Centro Social Urbano da cidade.

Vale destacar, também, outra função desempenhada por Zé Carlos na cidade: a coordenação do projeto denominado Associação de Assistência a Menores de Guanambi<sup>27</sup>, na qual ele atuou durante cinco anos. Sobre esse momento, ele relata:

[...] lá tinha sala de aula, tinha diretora, tinha a escola. Esses meninos do Monte Pascoal iam tudo pra lá [...]. Tinha o dia da faxina, porque lá era de segunda a sexta-feira. Quando chegava lá, sexta-feira era a faxina meio dia, aí todo mundo ia para o banheiro tomar banho, se ariar, lavava cabelo. Tinha um que ia para cortar o cabelo deles. Dos que frequentou lá tinha mais de cem meninos, entre mulher, tinha mulher também.<sup>28</sup>

Nesse projeto, Zé Carlos era responsável por instruir várias atividades para os adolescentes, desde cuidados higiênicos até questões cívicas, regras de trânsito e práticas esportivas. Na narrativa, a seguir, o entrevistado traz algumas recordações sobre determinadas situações:

Nós desfilava na rua, desfilava na rua. Lá na praça, saía da praça da feira e ia pro fórum para apresentar pro juiz. Era! O juiz ficava na porta esperando. Teve um dia, um dia nós treinamos, desfilou na praça da prefeitura lotou assim. Aí o coronel ficou todo encabulado que botou um pelotão da polícia também no fundo.<sup>29</sup>

Zé Carlos fala da importância social desse projeto para a comunidade, visto que os adolescentes que frequentavam eram de bairros periféricos da cidade, e ter esse ambiente como suporte de aprendizado e de desenvolvimento de atividades lúdicas auxiliava nas suas formações enquanto cidadãos e cidadãs, além de proporcionar mais oportunidades de inserção no mundo do trabalho na fase da juventude, como relata o entrevistado: “[...] tem vários deles motorista da Novo Horizonte, tem motorista de caçamba, tem polícia, tem outro que trabalha na Oi na Telemar, tem um bocado”.<sup>30</sup>

---

<sup>27</sup> Segundo o entrevistado José Carlos, a associação de Assistência a Menores de Guanambi foi uma entidade municipal da cidade de Guanambi que oferecia uma série de atividades voluntárias para crianças e adolescentes de baixa renda. Entre as atividades oferecidas pela associação, estavam conhecimentos relacionados a higiene pessoal, a saúde, a noções de trânsito, entre outros.

<sup>28</sup> Depoimento de José Carlos Silva Santos em entrevista realizada em 16 de setembro de 2020, na cidade de Guanambi-BA.

<sup>29</sup> Idem.

<sup>30</sup> Idem.

Isso tudo para Zé Carlos lhe gerava retorno, mas não o retorno financeiro, já que por ser um projeto social ele apenas prestava um serviço voluntário, mas o retorno que o faz sentir orgulho do que fez, ou seja, poder ver essas pessoas, hoje em dia, bem direcionadas na vida. E assim como o projeto da Associação de Menores distanciava os adolescentes da violência e das drogas, Zé Carlos acredita que o seu trabalho com o futebol de mulheres foi muito importante na vida daquelas jovens e que inspirou muitas outras a se inserirem nesse meio. O entrevistado narra que a popularização do time fez com que muitas meninas o procurassem para entrarem no time, “[...] teve uma época que eu já tava quase fazendo dois times (risos)”.<sup>31</sup>

### **3.1 A Educação Física e a prática esportiva em Guanambi: o lugar das mulheres nas tramas da memória**

Assim como tudo que envolve a história das mulheres, sua inserção no espaço esportivo não ocorreu de maneira natural, esse processo demandou muitas lutas que se estendem até os dias de hoje em busca de visibilidade e reconhecimento, principalmente na mídia esportiva que raramente divulga a participação das mulheres e, quando divulga, é para dar ênfase aos aspectos físicos dessas atletas e, não, às suas atuações. (GOELLNER; KESSLER, 2018).

Diante desses aspectos, a inserção das mulheres guanambienses no mundo dos esportes ocorreu através de pequenas oportunidades encontradas por elas e que se tornaram cruciais para essa conquista. Os relatos das entrevistadas ouvidas nesta pesquisa apontam para uma forte influência da disciplina Educação Física nesse processo na cidade de Guanambi, na década de 1980, quando foi fundado o primeiro time de futebol de mulheres. Daí a importância de situar o leitor em relação ao percurso histórico desta disciplina, elencando alguns de seus acontecimentos marcantes, principalmente, no contexto baiano.

Ao longo da sua história, a Educação Física passou por diversas mudanças em relação aos modelos educacionais de ensino que foram evidentes e distintos, além de serem refletidas a partir do contexto social vivenciado pelo país nos dados momentos em que se desenvolviam. Segundo Daolio (1997), a década de 1980 tornou-se marcante para a Educação Física brasileira, pois surgiram ideias inovadoras influenciadas por uma série de fatos, como o retorno de alguns professores que estudavam no exterior e suas atuações a partir

---

<sup>31</sup> Depoimento de José Carlos Silva Santos em entrevista realizada em 16 de setembro de 2020, na cidade de Guanambi-BA.

dos modelos vivenciados por eles em outros países. No entanto, vale ressaltar que esses movimentos aconteciam em cidades mais desenvolvidas, que possuíam condições favoráveis para isso, que não era o caso da Bahia nesse momento.

Embora nesse período houvesse a implementação de programas de pós-graduações a nível nacional que permitissem a presença de professores de Educação Física em estudos vinculados às ciências humanas e sociais, além da realização de eventos que debatessem temas relacionados ao campo da Educação Física configurando fatores primordiais para uma nova reestruturação desta área (DAOLIO, 1997), a realidade das cidades do interior, principalmente do Nordeste, era de condições precárias no processo de formação de professores de Educação Física. De acordo com Pires, Rocha Júnior e Marta (2014), o primeiro curso superior de Educação Física na Bahia surgiu apenas na década de 1970, em Salvador, na Universidade Católica de Salvador (UCSAL), enquanto em outras cidades brasileiras começaram a surgir na década de 1940, o que permite refletir sobre o retardamento de uma estrutura da disciplina em comparação a outros estados.

O distanciamento entre o contexto mais amplo da educação Física e a prática da disciplina no interior baiano se reflete nas falas das entrevistadas ao descreverem um modelo metodológico de ensino vinculado ao tecnicismo e ao esportivismo, o que acabou se tornando uma porta de entrada para a inserção das mulheres no futebol da cidade a partir das aulas no Colégio Estadual Governador Luiz Viana Filho<sup>32</sup>. Foi lá que essas mulheres encontraram subsídios para praticarem não só o futebol, mas, também, voleibol, handebol e basquetebol. Rogéria, em seu relato, detalha sobre esse período:

[...] nós estudamos no Colégio Estadual Luiz Viana e lá a gente tinha vários outros esportes, e nisso a gente começou a falar, a gente ouvia falar de algum time de futebol feminino néh, a gente ouvia falar que existia isso lá fora, mas como tinha muito preconceito [...] nós resolvemos chamar a meninas do, do... Cida do basquete, tinha Pretinha do handebol, tinha eu, era maratonista e praticava atletismo. Aí nós reunimos pra fazer um time, nós reunimos no colégio. Eram de outros esportes néh, e aí nós reunimos pra fazer o time e a gente começou a treinar. E nós começamos a treinar nós descobrimos que a gente tinha uma seleção muito forte, era como já eram atletas néh, todas já eram atletas, não foi do nada.<sup>33</sup>

---

<sup>32</sup> Segundo Souza e Miguel (2016), o Colégio Luiz Viana foi fundado, no ano de 1970, a partir da junção de duas instituições de ensino privadas que doaram ao estado os prédios das instituições junto aos seus equipamentos. Até a década de 1980, esse era o segundo colégio público da cidade, a partir desse momento, outros começam a ser criados.

<sup>33</sup> Depoimento de Rogéria Pereira dos Santos em entrevista realizada em 10 de fevereiro de 2020 na cidade de Guanambi-BA.

Nesse momento, o país vivia os últimos anos da ditadura militar, que aconteceu entre 1964 e 1985, quando a educação passava por fortes mudanças, mas como a estruturação ditatorial do estado brasileiro funcionava de maneira verticalizada, em que a macroestrutura era o capitalismo e a microestrutura era exatamente a escola, as imposições e demarcações acerca da educação e da Educação Física realizadas pelo governo permaneceram vigentes mesmo após o fim deste período. (OLIVEIRA, 2002). Assim, esse modelo ainda permaneceu nesta e em outras cidades por alguns anos.

Vale ressaltar que antes da estruturação da equipe feminina de futebol, as entrevistadas já eram atletas de outras modalidades esportivas e, quando tinham competições no colégio ou nas regiões vizinhas, elas disputavam. Rogéria relembra uma competição entre escolas realizada na cidade de Caetité-BA naquele período. Era um projeto denominado Jogos Escolares Brasileiros (JEB's)<sup>34</sup>, de abrangência nacional e que acontecia em determinadas regiões com a participação de todas as escolas próximas. Foi nesta ocasião que surgiu a oportunidade de se reunirem e criarem um time de futebol de mulheres para treinar e disputar nos JEB's, visto que o colégio tinha participantes de todas as outras modalidades, mas não tinha do futebol.

Por ser um projeto esportivo do governo, a equipe de arbitragem deslocava-se da capital do estado, Salvador, até as cidades que iam sediar os jogos, para que as competições adquirissem maior credibilidade e adesão por parte das escolas. Normalmente, esses campeonatos em outras cidades eram organizados pelos próprios professores de Educação Física dos colégios, o que facilitava a adesão de muitos jovens, já que os pais depositavam confiança na equipe escolar.

Diante da oportunidade de acesso às diversas modalidades esportivas por meio das aulas, as meninas se dedicavam muito à Educação Física e recordam do caráter tecnicista dos professores em relação aos treinos, mas, para elas, nunca se configurou como problema, pelo contrário, apontam essa característica como responsável pela organização dos treinos, que não

---

<sup>34</sup> Os Jogos Estudantis Brasileiros (JEBs) foram a primeira competição de cunho escolar de abrangência nacional. Criada em 1969 pela antiga divisão de Educação Física e Desporto do Ministério da Educação e Cultura (DEF/MEC), a edição de estreia foi realizada na cidade de Niterói, no Rio de Janeiro. Em 1976, esses jogos sofreram a primeira mudança de nome, para que estivessem em consonância com a Lei nº 6.251 de 1975 e com o Decreto 80.228 de 1977, que dividiam o esporte estudantil em esporte escolar e esporte universitário. Os jogos, então, passaram a ser chamados de Jogos Escolares Brasileiros (JEB's). Em uma tentativa de tornar os jogos mais econômicos, em 1978, 1980 e 1982 aconteceram os Campeonatos Brasileiros Escolares, divididos por modalidades e classificatórios para os JEB's dos anos seguintes. Disponível em: <http://arquivo.esporte.gov.br/index.php/institucional/acesso-a-informacao/162-ministerio-do-esporte/jogos-escolares-brasileiros/21611-historico>. Acesso em: 13/11/2020.

tinham brigas ou desentendimentos. Dentro dessa Educação Física de muita disciplina e técnica, os horários deveriam ser cumpridos pontualmente, o que não era nenhum problema para elas, todas compareciam sem reclamações, mesmo quando eram cinco ou seis horas da manhã, como relata Cida:

Na época [...] todo mundo dedicava muito à educação física. A educação física aquele tempo, educação física, vixe... era igual como se fosse hoje uma academia, você entendeu?! Compara assim com a academia. E o pessoal, todo mundo era pontual. Nós íamos fazer, tinha vez que Homero [professor da disciplina que se dedicava ao basquete] treinava com a gente, mandava ir cinco horas da manhã pra jogar basquete. Nós íamos jogar handebol com o professor Delson [professor da disciplina que se dedicava ao handebol], que era seis horas da manhã, todo mundo tava lá, não faltava ninguém. Assim, todo mundo compromissado sabe! Gostávamos, gostávamos demais, demais, a gente gostava muito de esporte.<sup>35</sup>

Assim como suas colegas de time, Risalva também resgata em suas memórias a importância do colégio para sua inserção no meio esportivo:

E quando eu fui sair do primário, fui pro ginásio, naquela época falava ginásio, fui pro Luiz Viana estudar no Luiz Viana e pronto. A minha Educação Física era ótima porque assim, estudava pela manhã e fazia esporte ou então Educação Física à tarde. Aí, mas eu sempre preferi o esporte. Eu já joguei basquete, handebol, voleibol, participava do atletismo, [...] eu praticava esses esportes todos, mas tinha um que era certo, cinco horas da manhã o futsal na quadra do Luiz Viana e outro dia era o futebol à tardezinha no campo do Estádio 2 de Julho [...].<sup>36</sup>

Seguindo a mesma linha de recordações das demais entrevistadas, Natalina, que vestia a camisa de número oito e assumia em campo a posição de lateral direito, estabelece relações entre a formação do time e as aulas de Educação Física; segundo ela, foi o espaço onde tomaram gosto por esse esporte. Sobre esse momento, a entrevistada recorda:

A gente praticou também na escola, mas isso aí aconteceu mesmo pra fazer um time. Para participar, para fazer viagens e tudo, isso assim do futebol em si, foi uma coisa particular. Que aí a gente jogava em estádio, aqui a gente ficou muito famosa néh, ficou muito famosa. Era futsal, porque a gente não tinha o espaço pra todo dia disponível pra gente, a gente treinava futsal néh! Aí agora quando a gente ia jogar lá é que a gente jogava no campo de

<sup>35</sup> Depoimento de Maria Aparecida da Silva Neves em entrevista realizada em 29 de janeiro de 2020, na cidade de Guanambi-BA.

<sup>36</sup> Depoimento de Risalva Magalhães de Oliveira em entrevista realizada em 12 de março de 2020, na cidade de Guanambi-BA.

futebol, aí era outra bola néh, era outra forma. Mas as regras mais ou menos era a mesma coisa, e por aí néh o contato, a forma néh!<sup>37</sup>

Nesse contexto, a disciplina de Educação Física assumia uma metodologia de ensino que estabelecia o desenvolvimento dos aspectos teóricos da disciplina em turno oposto às práticas esportivas, ou seja, algumas turmas tinham aulas teóricas de Educação Física pela manhã e vivências esportivas à tarde, e vice-versa, diferentemente do modelo existente atualmente em que todas as atividades relacionadas a ela são realizadas em um mesmo espaço de tempo. Dessa forma, Natalina relata que a figura dos professores também foi muito importante no processo de incentivo dessas atuações, além de auxiliarem ainda nas condições físicas, para que estivessem sempre favoráveis a uma boa atuação, seja no basquete, futebol ou mesmo atletismo.

Se, por um lado, o caráter tecnicista e esportivista da Educação Física, os quais buscavam exatamente a técnica perfeita nos esportes, visava à dominação dos corpos através dos esportes, por outro, as jovens guanambienses que se familiarizavam com essas práticas começavam a utilizar esse espaço de maneira que conquistassem seus objetivos, como pode ser visto no relato abaixo:

[...] qualquer intervalo a gente tava lá jogando. Os professores davam oportunidade pra gente jogar. Faltava alguém no handebol a gente tivesse sentado lá: ‘Você quer jogar?’ Colocava a gente pra jogar. Até os professores jogavam junto com a gente pra fechar o time. Eles incentivavam muito.<sup>38</sup>

Por meio dessas aulas, conseguiram se organizar e formar times das principais modalidades de esportes coletivos na cidade (voleibol, handebol, basquetebol e futebol). No entanto, segundo Darido (2002), embora as décadas de 1970 e 1980 apresentassem um momento marcante para o futebol brasileiro devido aos títulos conquistados pela seleção masculina, essa visibilidade era notada apenas nesse âmbito. A inserção da mulher nesse espaço só começou de forma institucionalizada em meados da década de 1980 nas grandes cidades.

Na Bahia, as primeiras práticas surgiram em meados dos anos 1959, período em que já possuía alguns campeonatos intermunicipais que eram apoiados por rádios do interior, além

---

37 Depoimento de Natalina de Melo Fernandes em entrevista realizada em 09 de setembro de 2020 na cidade de Guanambi-BA.

38 Depoimento de Maria Aparecida da Silva Neves em entrevista realizada em 29 de janeiro de 2020, na cidade de Guanambi-BA.

de terem ainda a cobertura de canais de televisão (MORAES; ROQUE, 2014). Dessa forma, percebe-se que embora o país estivesse em um período de opressão, inclusive com legislações oficiais, como o Decreto-Lei 3.199, art. 54, que proibiam a prática do futebol por parte das mulheres, ainda assim possuíam grupos em atuação, mesmo que de forma silenciada.

Para Moraes e Roque (2014), no ano de 1984, já havia aproximadamente 200 equipes de futebol feminino na Bahia, o que nos leva a refletir que, embora o time de Guanambi tenha sofrido com a carência de equipes para que houvesse competições, esse fato talvez ocorresse devido à falta de informações e contato com as equipes de cidades mais distantes, fruto das condições precárias pelas quais passavam o futebol de mulheres na época. Assim, em Guanambi, bem como em outras cidades do interior, ainda que a prática feminina desse esporte tenha se iniciado desde antes da sua institucionalização, por diversos vieses, a carência de eventos dessa natureza foi marcante no contexto histórico pesquisado.

Nesse sentido, é possível notar que, apesar das aulas de Educação Física do Colégio Governador Luiz Viana Filho de Guanambi terem se constituído uma porta de entrada para a inserção das mulheres nos esportes, principalmente no futebol, isso não se consolidou enquanto ponto-chave para sua permanência, visto que o tempo de duração deste time precursor foi muito breve, somente tempos depois houve a criação de novos times.

### **3.2 “Todo lugar que a gente jogava, a gente ganhava”: a formação do primeiro time de futebol de mulheres em Guanambi**

Vimos no tópico anterior que houve uma grande influência do ambiente escolar para a inserção das mulheres no meio esportivo, mas como estas mulheres conseguiram estabelecer o primeiro time feminino de futebol da cidade?

Embora a Educação Física tenha exercido grande contribuição para a formação do time, Natalina menciona uma questão muito importante, que é a carência de atividades sociais para a juventude da época. A entrevistada recorda que os jogos eram uma das poucas atividades que a sociedade oferecia e, mais ainda, era a única forma das meninas poderem sair de casa sem que suas famílias proibissem.

As mulheres cresciam tendo como base uma memória pedagógica sobre os lugares que elas deveriam ocupar na sociedade local, e, ao utilizar esse termo, entende-se a memória pedagógica a partir das referências de Halbwachs (2003) ao considerar o caráter social e coletivo da memória, mesmo a individual, já que surgem de visões de mundo, classe, familiares, etc., e, assim, considera-se que essa sociedade local traz consigo passado e

presente imbricados em um mesmo pensamento. Um exemplo desse caráter pedagógico pode ser percebido na lenda da “Santa Leocádia”, que será abordada e discutida com mais detalhes na próxima seção, por meio da qual observa-se um direcionamento quanto ao lugar onde uma mulher não deve estar para que não sofra nenhum tipo de repressão social. Ao longo da construção histórica da cidade, os costumes familiares estabeleceram que o convívio social deve ser direcionado aos homens, ter as mulheres como protagonistas desse meio não era comum e nem muito bem visto, como podemos verificar em seu relato:

Naquela época nós não tínhamos assim, tinham muitos jovens néh, mas não tinham [...] muita coisa para preencher o tempo néh! E aí, na convivência da escola tinha a aula de Educação Física, aí também tinha a rua néh, que a gente brincava na rua também de futebol néh! Então era muito carente [...] de alguma coisa que um jovem ou um adolescente pudesse participar néh! Então era, como a gente era assim, já meio direcionada pro esporte [...], o que vinha a gente participava. Era futebol, era baleado, era o que tivesse na rua a gente participava. Era com os meninos da rua, quando foi aparecendo as pessoas que, ‘Ah não! Vamos treinar mesmo, vamos fazer um time, vamos participar de campeonatos!’ E aí surgiu néh!<sup>39</sup>

A entrevistada acredita que o déficit de participação feminina nos esportes hoje em dia é um reflexo das mudanças que ocorreram na sociedade em relação às conquistas femininas. Ela atribui isso ao fato de hoje haver muitas possibilidades destas mulheres se envolverem na vida social sem que sejam restringidas. Na visão de Natalina, o esporte deixou de ser a única porta de inserção feminina no convívio social e, hoje, as meninas não têm tanto interesse na prática do futebol. Entretanto, embora a entrevistada acredite em certa falta de interesse das mulheres para a prática do futebol na cidade de Guanambi nos dias de hoje, existem estudos como o de Stalberg (2011, p.104) que traz evidências de que hoje em dia “as mulheres demandam um espaço e uma voz cada vez maior nos estádios, mesas de bar e fóruns de discussão sobre o futebol.” Para a autora, muitas mulheres se reúnem, presencialmente ou nas redes sociais, para assistirem jogos, discutirem contratações e resultados dos seus times. O fato de haver cada vez mais artigos esportivos de times e seleções voltados para o sexo feminino, demonstram que os fabricantes desses materiais perceberam maior interesse e considerável disposição das mulheres para investirem em produtos oficiais do seu time do coração. (STALBERG, 2011).

Em seus relatos, Natalina aponta que:

---

<sup>39</sup> Depoimento de Natalina de Melo Fernandes em entrevista realizada em 09 de setembro de 2020, na cidade de Guanambi-BA.

[...] hoje às vezes você vê o feminino você não vê muito mais as mulheres participando de esportes. Antigamente era o que a gente tinha que engajar, por que não tinha outra coisa pra gente fazer, entendeu? Já hoje não. Pra você conseguir fazer um time de qualquer esporte você não consegue, porque as mulheres não querem, pra mim eu acho que a mulher não quer, entendeu. E antigamente não, era o que a gente participava era isso aí.<sup>40</sup>

Esses relatos permitem constatar que essa parcela da juventude feminina de Guanambi procurava meios de se inserir nos espaços públicos que, até então, encontravam-se revestidos pelos discursos de que os ambientes sociais eram destinados aos homens e que a presença das mulheres era restrita aos seus lares. Assim, as irmãs mais novas se espelhavam nas mais velhas ou mesmo nos seus irmãos que já faziam parte de algum esporte, para, então, começarem a estabelecer seus próprios vínculos esportivos também.

Todas as ex-jogadoras aqui entrevistadas citam que, pelo menos, um dos seus irmãos ou irmãs praticavam o futebol de rua e que isso as motivava a se envolverem neste esporte também. Embora fosse considerado culturalmente como uma prática masculina, esse fato não se tornou empecilho para que estas garotas realizassem seus desejos e conquistassem mais um espaço dentro da sociedade.

A partir dos estudos de Moraes (2012) e Dornelles e Santos (2020), é possível identificar que, assim como em Guanambi, nas cidades de Jequié, Caculé, Amargosa e Feira de Santana também pertencentes ao interior baiano, as práticas femininas no futebol iniciaram-se a partir de brincadeiras de rua entre essas meninas e seus irmãos ou amigos. Estudos como o de Pisani (2012) e Ramos (2016) realizados com jogadoras dos estados do Paraná e do Rio Grande do Sul, respectivamente, também apontam que essas atletas iniciaram suas práticas futebolísticas durante os momentos de lazer na rua com amigos.

A rua é um lugar onde a liberdade e a opressão se misturam, pois, apesar de permitir uma variedade de acontecimentos, também existe certo controle social do que é permitido ou não. (DORNELLES; SANTOS, 2020). Segundo Dornelles e Santos (2020), desde muito cedo, as mulheres são privadas de ocuparem esse espaço para que não extrapolem o que é desejado para o corpo feminino, se tornando, então, a primeira barreira social enfrentada pelas mulheres no tocante à inserção no futebol.

Após vencerem essa primeira barreira, as jovens guanambienses perceberam que o ambiente escolar proporcionava a oportunidade de formação de um time feminino de futebol, e começaram a se organizar entre elas. Neste início, a falta de um treinador foi um problema

---

<sup>40</sup> Depoimento de Natalina de Melo Fernandes em entrevista realizada em 09 de setembro de 2020, na cidade de Guanambi-BA.

enfrentado pelo time, pois nem mesmo nas aulas de Educação Física havia professores que ministrassem aulas específicas do futebol, havia para outras modalidades, como atletismo, handebol, basquete e voleibol, mas, para o futebol, não havia. Desse modo, convidaram Pedro Romildo Pereira dos Santos<sup>41</sup>, irmão de Rogéria, que, na época, consagrava-se como um atleta de diversas modalidades no colégio, para ajudar o time nesses treinos atuando como treinador físico, conforme a seguinte narrativa:

[...] ele praticava atletismo e ele foi um atleta maior medalhista que teve na época. E ele, no colégio naquela época o professor de Educação Física treinava a gente e aí tinha aquele, o que destaca ele botava para liderar [...]. E aí meu irmão sempre se destacava, na hora de, da aula de Educação Física, o professor botava ele pra puxar, pra fazer os exercícios. O professor ficava sentado, ele já sabia a sequência, então ele já tinha esse destaque de preparação física do, ele que dava aula na verdade, na prática a aula de Educação Física quem dava era meu irmão.<sup>42</sup>

Embora Pedro já tivesse esse contato próximo com o ambiente esportivo, ainda sentiam dificuldades para se estabelecer apenas com ele à frente da equipe. Na ocasião, José Carlos Silva Santos, o Zé Carlos, ofereceu-se para ser o técnico do time, visto que ele já tinha contato com a seleção masculina da cidade e tinha facilidade em conseguir o Estádio Dois de Julho, o ambiente mais apropriado da cidade para a prática do futebol, o que facilitaria os treinos da mais nova seleção de futebol feminino da cidade, o *Vênus Futebol Clube*.<sup>43</sup> Natalina relata que nessa época Zé Carlos era recém-chegado à cidade como policial e começou a observar o time jogando na quadra do colégio, visto que a delegacia localizava-se em frente. A entrevistada recorda, ainda, como se deu o contato dele com as outras meninas:

Porque a gente morava perto da delegacia, ali na Cassimiro de Abreu que era ali pelo centro néh! e tinha muita gente mesmo, tudo vizinho, menina daqui, menina dali néh! Então quando ele veio de fora, veio vários outros policiais e ficou ali a gente ficou amigos. Ele vendo aquele movimento na rua aí ele foi e foi catando a gente. A gente tinha as amigas que moravam mais distantes, assim ele foi catando elas e conseguiu fazer o time sabe! E aí era uma luta, porque a gente jogava lá no Centro Social, aquele negócio ali perto da prefeitura ainda era mato, aquilo ali ainda era mato. Não tinha rua igual hoje néh! Tinha hora que a gente ia a pé, tinha hora que ia de bicicleta sabe,

---

<sup>41</sup> Estabeleceu-se contato com Pedro Romildo, mas como ele reside na cidade de Salvador-BA não foi possível realizar a entrevista.

<sup>42</sup> Depoimento de Rogéria Pereira dos Santos em entrevista realizada em 10 de fevereiro de 2020, na cidade de Guanambi-BA.

<sup>43</sup> De acordo com os depoimentos da entrevistada Risalva, era este o nome do primeiro time de futebol feminino da cidade. Vale ressaltar que nos dias atuais esse é o nome de uma das escolinhas de futebol da cidade.

tinha hora que ia de turma, e ele bancava isso tudo pra gente, por que ninguém tinha dinheiro, ninguém tinha dinheiro (risos).<sup>44</sup>

Nesse contexto, a equipe começou a adquirir condições de treinos mais fixos e organizados, possibilitando que fizessem parte das equipes de competições do Colégio Luiz Viana e de outros campeonatos realizados entre cidades vizinhas, como relata Rogéria:

E aí, pra gente formar a seleção a gente viu, Zé Carlos tem acesso a isso, meu irmão a parte física, aí nós formamos o time. Reunimos com as meninas, marcamos os treinos, começamos a marcar os treinos, aí [...] a gente foi chamando no, como eu já falei néh, no basquete, no handebol, no atletismo, no vôlei. Aí quanto mais a gente ia jogando, mais foi aparecendo gente querendo entrar no time.<sup>45</sup>

Apesar do estádio ser o local mais apropriado para os jogos, sua estrutura não oferecia tanta qualidade e, muitas vezes, as jogadoras se machucavam nos jogos, como pode ser percebido no depoimento a seguir:

[...] a gente treinava no Estádio Dois de Julho. Não tinha grama, naquela época o campo era de terra, era cair, era dar um carrinho e arrancava as pernas todinhas, o couro das pernas todinho (risos). Eu como era da defesa néh, as jogadoras vinham e eu dava carrinho, os meninos não acreditavam quando eu dava carrinho [...]. E aí eu me lembro que eu já dei carrinho e arrancava o couro do joelho até aqui assim [mostrou a coxa]. Já arranquei lá em Pindaí, fui jogar o campo era de cascalho, era pedra, era cascalho, quando eu dei um carrinho na menina eu arranquei o couro da perna todinha, eu tive que vim assim de lado, deitada de lado por que eu arranquei o couro da perna todinha. Não existia campo gramado, era campo de terra.<sup>46</sup>

No trecho anterior, é possível notar que, ao falar sobre suas atividades em campo, a entrevistada faz referência a surpresa masculina diante da sua desenvoltura em fazer determinadas coisas que eram consideradas próprias dos bons jogadores, e a satisfação com que ela narra essa situação evidencia o quanto essas vivências foram importantes e as motivavam mesmo nos mínimos detalhes. Ainda que não obtivessem estrutura ou incentivos suficientes estavam sempre dispostas a surpreenderem cada vez mais.

Apesar do técnico Zé Carlos possuir contatos que facilitassem o uso do estádio, nem sempre os treinos aconteciam lá. O time usava também as quadras do Colégio Luiz Viana em

---

<sup>44</sup> Depoimento de Natalina de Melo Fernandes em entrevista realizada em 09 de setembro de 2020, na cidade de Guanambi-BA.

<sup>45</sup> Depoimento de Rogéria Pereira dos Santos em entrevista realizada em 10 de fevereiro de 2020, na cidade de Guanambi-BA.

<sup>46</sup> Idem.

virtude da disponibilidade e da facilidade para se reunirem, e os chamados ‘poeirões’<sup>47</sup>, locais que eram adaptados como campos para os treinos de futebol. Por ter uma boa localização, a quadra pública da Praça Manoel Novais, localizada em frente ao Colégio Luiz Viana, era muito utilizada pela equipe em diversos horários, até mesmo tarde da noite, pois eram os melhores horários para todas.

Diante do contexto de surgimento desse time, o qual se relacionava com a dificuldade de inserção feminina no meio esportivo, tudo se tornava mais difícil para aquelas mulheres, isso porque manter um time participativo em competições e campeonatos exige uma série de investimentos, mas elas não tinham incentivos financeiros de nenhum órgão público ou político, e nem condições individuais de arcar com todas as despesas necessárias. Diante desses obstáculos, começaram a pedir patrocínios aos comerciantes da cidade.

Sempre muito comunicativa, Rogéria era uma das responsáveis por estar à frente do time em situações que precisassem de representante. Nesse caso, a maioria dos patrocínios era solicitada por um pequeno grupo coordenado por ela, como informa em seus relatos:

[...] eu sempre fui muito líder néh! Eu era líder em tudo que eu fazia, que eu tinha o jeito de pedir, porque tinha que ter o jeito de pedir néh, aí eu sempre destaquei nessa parte de conversar de pedir, e eu saía pedindo os patrocinadores, que patrocinou nosso uniforme e patrocinava o ônibus. E não tinha prefeitura. Era, nós mesmas que ia e pedia. Eu, o técnico e o treinador físico. E assim, tirava duas ou três jogadoras. Que às vezes ia eu e minha irmã, ia eu e Nádia, nós éramos muito bonitas néh! E quando a gente chegava lá a pessoa falava: ‘você não são jogadoras de futebol não’, eles falavam, e aí a gente saía pedindo, não tinha incentivo nenhum de nada, a gente ia mesmo por paixão néh, por gostar de jogar, e era aquela coisa assim que a gente que tava envolvida querendo participar não tinha noção, mas quem, quando a gente ouvia falar, quando a gente anunciava, o carro de som anunciava que ia ter futebol no Estádio Dois de Julho. [...] Tudo a gente pedia, saía anunciando, fazia anúncio, na rádio, a gente pedia na rádio. Pedia tudo, porque tudo era pago, a gente pedia tudo e aí o pessoal fazia, aí divulgou.<sup>48</sup>

Aspectos físicos vinculados à beleza e às características da feminilidade presentes nas jogadoras chamavam atenção da população, principalmente dos homens, que em algumas situações faziam comentários sobre esses corpos. Esta questão é vista também nos estudos de Dornelles e Santos (2020), ao afirmarem que as jogadoras da cidade de Amargosa ouviam comentários dos comerciantes em relação aos seus corpos quando iam em busca de

---

<sup>47</sup> Os poeirões eram terrenos baldios de terra batida existentes por toda a cidade. Esses locais existiam devido aos espaços vazios existentes e que viriam a se tornar grandes construções.

<sup>48</sup> Depoimento de Rogéria Pereira dos Santos em entrevista realizada em 10 de fevereiro de 2020, na cidade de Guanambi-BA.

patrocínios. Para as autoras, esses assédios masculinos evidenciam que o “corpo feminino é posicionado como alvo e objeto do desejo público masculino e heterossexual. ” (DORNELLES; SANTOS, 2020, p.77).

As entrevistadas relataram que os comerciantes e empresários entendiam o futebol como uma prática restrita aos corpos fortes dos homens, e vê-las em campo era um fato que aguçava suas curiosidades, motivo a mais para que fornecessem os patrocínios solicitados pelo time. Entre as conquistas, estão dois dos uniformes do time, sendo o primeiro azul, e o último, como ilustra a Figura 5 a seguir, verde, que foi patrocinado pela empresa Bonfim Industrial Algodoeira (BIAL) presente na cidade até os dias de hoje. Essas ações aconteciam movidas pela vontade dos empresários em presenciarem o espetáculo da aparição feminina dentro de um campo praticando o futebol, algo inusitado vindo de mulheres.

Figura 5: Vênus Futebol Clube com o último uniforme que atuaram



Fonte: Arquivos pessoais de Cida.

A foto anterior faz parte das raras recordações materializadas de Cida e foi registrada em meados de 1983, antes de uma partida que iriam jogar. Observando da esquerda para a direita, em pé, a primeira não foi identificada, em seguida está Joselma, a goleira Edilene, Margarida, Risalva, Dagma (*in memoriam*), Natalina e o técnico Zé Carlos, que ficou com parte do seu corpo sem aparecer na foto. Agachadas, estão, a partir da segunda, Branca, Cida, Neyara, Débora, Nádia e Rogéria. Assumindo a pose difundida pelo futebol masculino e com

olhares profundos e determinados, estas mulheres estavam à frente de muitos preconceitos e barreiras impostos pela sociedade e, principalmente, pelo contexto local em que viviam.

No período inicial, o *Vênus Futebol Clube* estabeleceu uma ligação muito forte com o time masculino da cidade, isso por dividirem o mesmo espaço de treino e por terem em comum a presença do técnico Zé Carlos. Normalmente, quando tinham jogos masculinos, o time convidava as mulheres para jogarem antes, exatamente por saberem que o jogo feminino atraía muitos curiosos, tornando-se, assim, um incentivo para o aumento do público. Esse não era um fato isolado. Os estudos de Moraes (2012)<sup>49</sup> permitem constatar que, ainda na década de 1970, quando o futebol de mulheres dava seus primeiros passos no Brasil, a presença feminina em campo causava euforia nos torcedores e fazia com que os estádios lotassem nos jogos.

Entre esses jogos, um deles foi muito lembrado pelas entrevistadas, exatamente por ter se tornado marcante na cidade, pela grande quantidade de torcedores no estádio. Na ocasião, aconteceria um campeonato masculino, e, como era de costume, convidaram a seleção feminina para que entrassem com as bandeiras e fizessem o jogo de abertura contra a seleção de Espinosa-MG, cidade mineira que faz divisa com a Bahia. Esse time era considerado o maior desafio para as meninas do *Vênus Futebol Clube*, pois tinha muito preparo e já estava bem encaminhado na sua região, o que fazia de cada vitória guanambiense sobre ele ainda mais estimulante. A narrativa de Rogéria abaixo detalha esse momento:

Só tinham as competições de futebol lá no Estádio Dois de Julho do masculino e não tinham público nenhum, o público era quase ninguém. E aí no dia que nós fomos jogar lá aí nós fomos jogar aí anunciou que ia ter o futebol feminino. Foi o dia que o estádio ficou na história, o público que deu no Estádio Dois de Julho na época, digamos que deu umas duas mil, três mil pessoas. E aí o Estádio Dois de Julho nunca deu público como tinha dado no dia desse futebol, mas como eu falei, as pessoas foram por curiosidade, pra ver se mulher jogava mesmo, se mulher conseguia correr, se aguentava néh! E aí lotou, então lotou assim, porque o futebol tinha aquele povo, os caras do futebol, então toda sociedade, todo comerciante nós fomos de porta em porta pedir patrocínio nós falávamos vai ter o time de seleção (feminina). Como nós éramos conhecidas, todo mundo era conhecida na cidade e aí nós, a família nós chamamos néh, vai ter a seleção, todo mundo queria ver essa seleção feminina. E aí, todo mundo chamou sua família e um chamou o outro, que chamou o outro, nós anunciamos, aí todo mundo foi ver.<sup>50</sup>

---

<sup>49</sup> Para maiores informações consultar MORAES (2012).

<sup>50</sup> Depoimento de Rogéria Pereira dos Santos em entrevista realizada em 10 de fevereiro de 2020, na cidade de Guanambi-BA.

Sobre esse jogo, Cida relata que ganharam de três a zero, todos os gols realizados por ela, que levava a camisa de número 10 e assumia a posição de atacante. Um desses gols foi ‘olímpico’<sup>51</sup>, considerado de muita dificuldade até os dias de hoje. Neste mesmo jogo, culminou com a expulsão da geniosa Risalva, situação em que até mesmo as pessoas que estavam na arquibancada ficaram contra o juiz sem nem mesmo saberem o motivo da expulsão. O relato seguinte mostra os detalhes desse momento:

[...] ela (adversária) fez falta em mim e eu não liguei, ela era muito grande e eu não liguei. E depois assim, na hora do intervalo ela tava lá aí falou assim ‘marca a baixinha’ [...]. Aí falaram ‘marca a baixinha que ela não sai’, desse jeito, que era eu, quando eles pensavam que eu tava lá eu tava cá e Rogéria já sabia [...] aí eu dizia Rogéria, já combinava com Rogéria, falava assim: ‘você passa a bola pra mim e eu vou voltar, você faz o lançamento que eu vou cruzar para Cida’. Já tinha essa jogada nossa sabe! E a gente, Cida batia uma falta igualzinho Ronaldinho. E a bola dela, a bola dela fazia uma curva quando ela batia a falta. Era massa (risos), muito bom. Aí ela (adversária) fez uma falta em mim eu fui lá com o juiz e falei. O juiz, ‘você tá reclamando demais’, eu reclamava, eu brigava mais eles sabe! Com os juízes. Ia pra cima. Aí quando ela bateu na, que eu caí e rolei ele marcou falta e tudo, aí eu levantei, mas fui no meio das fuças dela e ela óh! Mais alta que eu, mas meti a porrada nela (risos). Eu vou expulsa, mas que eu vou dar um pau nela eu vou! Aí o juiz me deu cartão amarelo, teve uma falta que eu [...] peguei dei um empurrão nela que ela saiu rolando, aí ele veio e me deu cartão amarelo, aí pronto, aí falei, vou ganhar o vermelho agora. Aí falei assim, óh, já tava ganhando mesmo, a gente tava terminando, aí quando ela fez a falta eu fiquei lá rolando aí levantei. Eu pego ela, eu tô com amarelo mesmo, vou ser expulsa agora, mas fui no meio da fuça dela e dei uma porrada, bati mesmo.<sup>52</sup>

A entrevistada relata ainda outra situação vivenciada por ela nos campos que não chegou a gerar sua expulsão, mas foi muito polêmica exatamente por ela ter enfrentado até mesmo o juiz. Nessa ocasião, o Vênus também enfrentava a seleção de Espinosa-MG, mas, dessa vez, o jogo aconteceu na cidade das adversárias, como relata Risalva:

Em Espinosa eu quase que, eu não fui expulsa, mas eu peguei, ele (juiz) deu um cartão amarelo eu falei ‘enfia no cu’, falei bem assim com ele, ele foi e tirou o vermelho, ‘tira que você vai apanhar’ (muitos risos). Tira, vai apanhar, vai apanhar de todo mundo [...] a gente ta ganhando, vamos quebrar você aqui. Aí o juiz ficava com medo de nós (risos). Mas era assim, porque a gente pintava e bordava com o juiz. Pois é, foi esse jogo muito bom, muito bom mesmo. Aí e a galera todinha contra o juiz ‘ladrao, filho da puta’. O

<sup>51</sup> No futebol, o gol olímpico é marcado a partir de uma bola cobrada diretamente de um escanteio ao gol (ANDRADE et al., 2015).

<sup>52</sup> Depoimento de Risalva Magalhães de Oliveira em entrevista realizada em 12 de março de 2020, na cidade de Guanambi-BA.

juiz quando me expulsou aí a galera todinha gritando juiz ladrão, e ninguém sabia o que tava passando dentro do campo (risos).<sup>53</sup>

Nesses relatos, é possível notar que essa jogadora não se intimidava dentro de campo, mas, também, não deixava que esses problemas atrapalhassem a performance da equipe durante a partida. Risalva vestia a camisa de número 5 e assumia a posição de cabeça de área, atuando um pouco mais à frente das zagueiras. Essa posição permitia que fizesse “[...] cada lançamento pra Cida. E Cidinha na cabeça, trá, de goleada (risos) ”<sup>54</sup>. É válido ressaltar o quanto Cida é exaltada pelas colegas e até mesmo por Zé Carlos, que não mede palavras para tecer elogios à atuação de Cida em campo, a quem ele denominava Cidona, devido à sua força física:

Agora a sensação era a Cidona. A Cida moça, não sei, sempre foi forte [...] ela tinha força física [...]. Jogava na frente de meia. Artilheira moça. Toda partida ela fazia gol (risos). Ela era respeitada, todo mundo no futebol tinha medo dela.<sup>55</sup>

Outro jogo que aconteceu no Estádio e foi lembrado por Natalina envolveu o cantor Luiz Caldas<sup>56</sup>, que estava na cidade para fazer um show no mesmo dia que aconteceria um campeonato de futebol de mulheres. Na ocasião, o cantor visitou vários espaços durante o dia e um deles foi o estádio onde estavam acontecendo os jogos. A entrevistada relata que esse acontecimento ficou marcado em sua vida, devido à imensa alegria da equipe em poder se encontrar com o cantor e conseguirem tirar fotos vestidas com os uniformes da seleção, resumindo esse momento como “o máximo” para ela.

A forma com que Risalva recorda esse momento lhe permite trazer não só um sorriso em seu rosto como demonstrou no momento, mas como afirma Halbwachs (1990), as lembranças funcionam como uma forma de reconstrução do passado a partir de dados do presente, portanto, relatar tudo que aconteceu naquela situação lhe permitiu reviver as mesmas sensações de prazer e felicidade vivenciadas no passado.

---

<sup>53</sup> Idem.

<sup>54</sup> Depoimento de Risalva Magalhães de Oliveira em entrevista realizada em 12 de março de 2020, na cidade de Guanambi-BA.

<sup>55</sup> Depoimento de José Carlos Silva Santos em entrevista realizada em 16 de setembro de 2020, na cidade de Guanambi-BA.

<sup>56</sup> Segundo Silva (2009), Luiz César Pereira Caldas é um cantor, compositor, instrumentalista e produtor brasileiro. Conhecido nacionalmente por ser o precursor do axé, gênero musical muito difundido na Bahia na década de 1980. Para maiores informações sobre a vida e carreira do cantor, consultar SILVA (2009).

Diante do contexto da época, não existiam muitos campeonatos femininos na região, eram sempre os mesmos times que disputavam esses jogos. Não havia organizações ou federações que oferecessem suporte para as equipes. O evento era combinado entre os técnicos, que entravam em contato uns com os outros e marcavam as competições. Esse fato fez com que, ao passar dos anos, esses mesmos times já não quisessem mais competir entre si, e isso se tornou um problema muito grande para as mulheres que queriam estar sempre competindo, como relata Rogéria:

Então existiam grupos de meninas que por elas mesmas elas resolveram treinar, gostava de futebol, eu gostava muito de futebol, eu era fanática sabe, eu era torcedora, eu sabia o campeonato brasileiro de cor, eu sabia o nome dos jogadores tudo. Falava campeonato brasileiro eu sabia da tabela quem tava em primeiro e segundo. Eu era apaixonada, muito apaixonada. Eu falava o nome, eu era torcedora do flamengo, eu falava os jogadores todos. Falava os reservas, falava o nome de todos, todos os jogadores eu sabia o nome, hoje eu não sei nem, nem da seleção brasileira. E naquela época eu sabia tudo, eu torcia muito, e entendia e debatia, discutia sobre o futebol e entendia técnica sabe, era totalmente envolvida.<sup>57</sup>

Nesses depoimentos, podemos perceber o quanto Rogéria se envolvia com a prática do futebol, todas as suas ações relacionadas ao time eram movidas pela paixão que tinha por esse esporte. A entrevistada relata que o time feminino jogava melhor que muitos times masculinos da época, pois possuíam a mesma resistência e os mesmos padrões de campo, a única coisa que os diferenciava era a questão anatômica do corpo masculino, que tende a ser mais forte, mas isso não configurava um problema para elas. A falta de incentivos na sua época faz com que Rogéria se lamente até os dias de hoje e exalte a qualidade daquele que sempre será seu melhor time:

[...] os primeiros jogos na década de 90, não chegavam aos nossos pés. Aí eu ainda falava assim, ô meu Deus! Se a gente tivesse tido esse incentivo a gente poderia ser um destaque, a gente poderia ter jogado na seleção brasileira. Nós tínhamos jogadoras lá, Cidinha batia uma falta, [...] ela era camisa dez. Naquela época Zico era o melhor jogador que existia, Zico do Flamengo. E eu, eu na verdade, Leandro era o zagueiro do flamengo, e eu falava que eu era Leandro, eu era Leandro do Guanambi (risos). E Cidinha batia uma falta de bola parada que eu nunca vi homem nenhum bater. Aqui em Guanambi nenhum. Cidinha batia falta igual Zico, igualzinho Zico. [...] na época a gente torcia, a gente gostava muito de futebol, a gente era fanático pelo futebol aí gente torcia. Porque se naquela época se o que eu

---

<sup>57</sup> Depoimento de Rogéria Pereira dos Santos em entrevista realizada em 10 de fevereiro de 2020, na cidade de Guanambi-BA.

jogava naquela época fosse hoje eu estaria na seleção brasileira. Eu e umas quatro cinco pessoas daqui de Guanambi.<sup>58</sup>

Perante toda essa falta de reconhecimento, é válido ressaltar que, no dia em que a seleção feminina fez a abertura dos jogos masculinos no estádio, Cida recebeu o convite de um técnico da cidade de Brumado-BA, oferecendo a oportunidade de investimento para que ela se tornasse uma atuante profissional do futebol. Nesse período ela tinha quinze anos e recusou o convite por causa das preocupações em deixar sua família, afinal de contas, naquela época, não era comum uma menina nessa idade ir morar sozinha em outra cidade, ainda mais para atuar como jogadora de futebol. Sua decisão foi tomada de maneira particular, nem chegou a externá-la aos familiares, apenas a Zé Luís, seu irmão e parceiro dos jogos.

Já para Zé Carlos, a escolha de Cida em não aceitar o convite do pessoal de Brumado foi movida pela falta de incentivo. O ex-técnico relata que se houvesse incentivo de empresas ou de mais pessoas, talvez, isso teria feito com que ela aceitasse o convite e se tornasse um importante nome do futebol de mulheres no país.

A criação do Vênus Futebol Clube foi uma atitude inovadora e ousada de um grupo de mulheres incomodadas com as determinações de uma sociedade marcada pela dominação masculina sobre os espaços. Mas esse acontecimento não ocorreu de maneira tão simples, houve muitos empecilhos que limitaram suas atuações simplesmente pela condição de serem mulheres e estarem adentrando um território culturalmente definido como exclusivamente masculino.

### **3.3 Mata a bola no peito: “o preconceito é que a mulher não jogava futebol, que a mulher era fraca, que ela poderia machucar”**

Ao serem questionadas sobre o contexto social em que viviam e a existência de preconceitos em relação a essa presença feminina no futebol, e ao fato deste esporte ser associado aos homens, elas relatam que na época as referências preconceituosas ocorriam através da associação da mulher ao sexo frágil, a questão de o corpo feminino ser reservado à maternidade e a traços delicados, os quais não estariam presentes na figura da mulher futebolista, que caía, ralava os joelhos e fraturava seus membros na disputa pela posse de bola em campo.

Sobre a influência familiar na sua prática, Cida relata que nunca foi obstáculo, inclusive, em algumas competições fora da cidade, seu namorado, hoje marido, dava a maior

---

<sup>58</sup> Idem.

força e a acompanhava para assistir aos jogos. Comentários, como “Moço, aí é a melhor jogadora de Guanambi [...]. Moça, aí joga uma bolona!”<sup>59</sup>, eram comuns por parte de algumas pessoas. A entrevistada relata que esses elogios deixavam-na muito feliz e mais empolgada ainda ao entrar em campo, mas que esse não era o único lado vivenciado por ela, existiam também muitos comentários de preconceitos e estereotipagens em relação a sua atuação no futebol, como podemos observar nos relatos abaixo:

Mas assim, igual eu te falei que às vezes naquela época na rua aí, às vezes tinha aquelas pessoas que falavam: ‘Não pode ficar jogando bola não, com homem não!’ Eu falava, eu jogo é mais meu irmão. ‘Não! Não pode não’. Porque tinha aquele negócio, se não vira. Se não o pessoal vai falar que você é, como é? ‘Macho e fêmea’!<sup>60</sup>

O termo “macho e fêmea” que a entrevistada relata ter ouvido durante o período em que atuou no futebol é uma expressão pejorativa utilizada no interior baiano para se referir “às meninas/os que são um misto de mulher-homem/homem-mulher” (MORAES, 2012, p. 24). Em seus estudos, Moraes (2012) afirma que jogadoras de cidades como Jequié-BA e Feira de Santana-BA, que atuaram nas décadas de 1970 e 1980, também ouviam comentários desse tipo da sociedade e, até mesmo, de pessoas mais próximas, mas, assim como Cida, não deixaram que isso interferisse no desejo de jogar. Esse termo esteve presente ainda nos estudos de Dornelles e Santos (2020), quando a sociedade local se referiam pejorativamente às mulheres que praticavam o futebol na cidade de Amargosa-BA. Para as autoras essas colocações são postas devido a relação que estabelecem entre o futebol e as características biológicas masculinas.

Embora tenha sofrido esse tipo de preconceito, Cida relata que vinha de pessoas mais distantes, seus familiares sempre deram muito apoio e atualmente ainda incentivam para que ela volte a praticar esportes. No entanto, no ano de 2015, quando procurou uma tradicional escolinha de futebol da cidade, deparou-se com a fala de um treinador em relação ao estilo das jogadoras de hoje, que são jovens solteiras com diferentes orientações sexuais e que aquele espaço não seria ideal para ela, já que era uma mulher casada. Diante do posicionamento desse treinador, Cida percebe as mudanças em relação à visão e as práticas atuais do futebol feminino na cidade quando relacionado ao tempo em que jogou. O treinador informou-lhe que

---

<sup>59</sup> Depoimento de Maria Aparecida da Silva Neves em entrevista realizada em 29 de janeiro de 2020, na cidade de Guanambi-BA.

<sup>60</sup> Depoimento de Maria Aparecida da Silva Neves em entrevista realizada em 29 de janeiro de 2020, na cidade de Guanambi-BA.

algumas das meninas gostavam umas das outras, que tinham muitas brigas e aconteciam até de terem ciúmes entre elas e isso não lhe caíria bem.

Neste momento é perceptível como esse treinador possui um aspecto social que impõe limites de espaços para as mulheres, de que nem sempre elas podem estar onde preferem, o que corresponderia não só uma memória local de marginalização da posição feminina diante dos espaços públicos, mas um reflexo da sociedade. Segundo Perrot (2019), a própria trajetória histórica das mulheres ao longo dos anos reflete uma manipulação dominante por parte do poder masculino, desde os aspectos da história social da mulher até questões ligadas a sua alma, seu corpo e seu trabalho.

Torna-se necessário retomarmos a primeira seção deste trabalho, onde debatemos acerca das visões da sociedade em relação às mulheres guanambienses. Uma mulher casada não deveria se juntar a outras solteiras, ainda mais diante de situações em que as identidades de gênero destas jovens eram tão diversificadas. Embora Cida tenha dito que não se importava com essa situação e que a orientação sexual de cada pessoa não estabelece relação alguma com a prática esportiva ou qualquer outra atividade exercida por ela, ocorreram imprevistos pessoais relacionados à sua saúde e ela acabou não entrando na escolinha naquele momento, mas planeja voltar ao menos às quadras, já que sua condição física não permite a prática do futebol de campo.

Quando questionamos sobre como essa questão era vista na época em que jogava, Cida recorda que na verdade não se ouvia falar muito em lésbicas ou gays, que essa discussão, bem como o surgimento ou mesmo a manifestação das diversas orientações sexuais, é mais recente na cidade. De fato, os debates envolvendo as questões de gênero só começam a tomar lugar no Brasil no início da década de 1980, quando surgem os primeiros grupos sociais para debaterem essas questões (NASCIMENTO, 2015).

Era exatamente nesse momento que as mulheres guanambienses estavam começando a se inserir no futebol, ainda em uma cidade situada no interior de um estado nordestino, o que possivelmente tardou o surgimento dessas discussões, justificando as falas das entrevistadas ao afirmarem que na época não se ouvia falar nesses assuntos. Possivelmente havia diferentes orientações sexuais na cidade, no entanto, o raro ou inexistente eram os debates e a aceitação em relação a elas. A partir do momento em que as mulheres dessem visibilidade a sua homossexualidade haveria um aumento significativo na possibilidade de sofrerem preconceitos impregnados na sociedade (SILVEIRA, 2008).

Assim como Cida, Rogéria relata não ter sofrido nenhuma intervenção familiar acerca das suas escolhas esportivas, tampouco relacionada ao futebol, até porque todos os irmãos já praticavam algum esporte, e como ela é uma das mais novas tinha muito apoio de todos:

[...] minha família tinha maior apoio, porque minha mãe néh, tinha meu pai mas quem comandava na minha casa era minha mãe. E minha mãe sempre apoiou porque lá em casa eu sou uma das caçulas, então os mais velhos já jogavam, praticavam muito esporte. Então minha mãe gostava muito de esporte. Então minha mãe incentivou muito a gente. Minha mãe incentivava muito a gente. Falava em esporte minha mãe dava maior incentivo néh. E nós também que éramos apaixonados pelo esporte [...].<sup>61</sup>

Vale ressaltar o lugar de mãe exposto na narrativa anteriormente apresentada. Na obra *Minha História das Mulheres*, Michele Perrot (2019) aborda sobre essas questões. O trabalho das mulheres girava em torno da sua casa, a ela era atribuída a limpeza, a alimentação, a educação e o trato com os filhos. Ao marido, cabia apenas a função de entregar-lhe o pouco de dinheiro para custear o básico. (PERROT, 2019). Ainda que seja uma fala individual de Rogéria acerca do seu universo familiar, é válido ressaltar que essa pode ser uma representação da cultura local relacionada à posição da mulher naquela sociedade.

Para esta entrevistada, os preconceitos vindos da sociedade local da época eram no sentido de hostilização da mulher, caracterizada como fraca, que poderia se machucar e afetar as suas condições maternas. “Tinha aquele negócio de matar a bola no peito, e quando a gente ia jogar o pessoal falava que a mulher tinha o peito, machucava o peito [...]”<sup>62</sup>. O preconceito existente na sociedade local naquele contexto se referia à mulher na condição de sexo frágil e a traços delicados, de beleza, graça e harmonia, enquanto o futebol representava o contato físico e a brutalidade que instigava a masculinidade em seus praticantes (GOELLNER; KESSLER, 2018).

Diante dos preconceitos locais em relação aos aspectos físicos das jogadoras, surgiam dúvidas quanto às suas atuações e capacidades dentro de campo. Rogéria relata que o time era formado por mulheres belas esteticamente, o que reforçava ainda mais a visão deturpada de que aqueles corpos bonitos não pudessem exercer a prática do futebol, um esporte tão bem visto nacionalmente, mas que era totalmente direcionado aos homens. Devido à construção cultural e histórica da sociedade em representar o corpo feminino enquanto belo, delicado e

<sup>61</sup> Depoimento de Rogéria Pereira dos Santos em entrevista realizada em 10 de fevereiro de 2020, na cidade de Guanambi-BA.

<sup>62</sup> Depoimento de Rogéria Pereira dos Santos em entrevista realizada em 10 de fevereiro de 2020, na cidade de Guanambi-BA.

ligado ao casamento tradicional e à reprodução, a fala de Rogéria, ao enaltecer essas características em si mesma e nas suas colegas de time, pode funcionar como uma maneira de se defender dessas caracterizações sociais que as distanciam da feminilidade (DORNELLES; SANTOS, 2020).

Essa fala da entrevistada talvez reforce a necessidade que elas viam em associar suas imagens à beleza e a outros traços socialmente relacionados à feminilidade. Esse aspecto pode ser notado nos estudos de Pisani (2012), ao afirmar que as jogadoras de futebol possuem certa vaidade e cuidado com o corpo, pois, para elas:

[...] características associadas ao masculino (cabelos curtos, “jeito de homem”), dentro do futebol de mulheres, remetem à homossexualidade. E essa associação, geralmente aliada ao preconceito manifesto pela sociedade, causa baixa autoestima entre as jogadoras (PISANI, 2012, p.88).

No futebol de mulheres, a sexualidade das jogadoras, por ser entendida pela sociedade como uma extensão da representação do gênero, apresentou-se como um ponto de destaque na atuação de mulheres na cidade. (DORNELLES; SANTOS, 2020). Sobre esta problemática, Goellner (1999), afirma que:

Responsabilizada pela sua aparência física, a mulher, é instigada a participar do universo das práticas corporais empenhando esforços não só para beneficiar seu estado de saúde como também para ser reconhecida e aprovada pelo olhar masculino. Um olhar que a submete ao imperativo da sedução, isto é, a um discurso cuja sustentação fundamenta-se na associação da aparência feminina como sinônimo de beleza física e jovialidade (GOELLNER, 1999, p. 27).

Embora em determinados momentos o olhar masculino estivesse centrado apenas na beleza das jogadoras e não no potencial dentro dos campos, as entrevistadas não se deixavam abalar pelo que pensavam ou exigiam, suas respostas eram dadas em campo e com um excelente desempenho, já que para elas a atuação esportiva não estava relacionada com beleza ou sexualidade, e sim com o preparo e a dedicação em exercer um bom trabalho em campo.

A concepção estabelecida pelo contexto local em que essas mulheres viviam não se tornou empecilho para que assumissem o futebol como um lugar de atuação, suas barreiras estavam relacionadas à falta de incentivos financeiros, políticos ou midiáticos, partindo de uma esfera maior e não apenas da sociedade local. Infelizmente isso não se restringe apenas ao período que relatamos, a condição histórica das mulheres nos meios esportivos é lamentável; seja como jogadoras eventuais ou atletas de rendimento, seu espaço sempre foi

limitado, como pode ser percebido nos estudos de Goellner (2005). A presença das mulheres nos esportes atualmente está totalmente direcionada à falta de reconhecimento profissional diante de tanta luta que vem sendo travada por elas em busca de valorização. As conquistas devem ser exaltadas, mas ainda são insuficientes se comparadas ao reconhecimento estabelecido ao sexo masculino nesse meio.

Vale ressaltar o quanto esse espaço está inserido em um universo de consumo em que se constituem sistemas capazes de manipular seus próprios lucros segundo suas próprias necessidades (BOURDIEU, 2004). Para Bourdieu (2004), como um sistema de consumo não pode ser desvinculado de outras formas de lazer, ou até mesmo do sistema de oferta e procura, ele servirá apenas aos grandes interesses de uma sociedade marcada por costumes conservadores e de caráter machista que não se direcionam às mulheres. Além disso,

O campo das práticas esportivas é o lugar de lutas que têm, entre outras coisas, por parada em jogo o monopólio de imposição da definição legítima da prática desportiva e da função legítima da actividade desportiva, amadorismo contra profissionalismo, desporto-prática contra desporto-espetáculo, desporto distintivo – de elite – e desporto popular – de massa –, etc. (BOURDIEU, 1983, p. 189).

Consoante às enunciações das suas colegas de time, Risalva destaca que elas tinham uma família além do tempo, ou seja, que nenhuma delas interferiram nas suas escolhas esportivas. Sempre com uma personalidade forte e decidida, saiu para seu primeiro jogo fora da cidade com apenas 12 anos. Quando falava para sua mãe que ia jogar em determinado lugar, recebia a seguinte resposta: “[...] se eu falar que não, você vai do mesmo jeito”<sup>63</sup>. A mãe conhecia bem a filha que tinha.

Em relação aos possíveis preconceitos advindos da sociedade referentes às suas atuações no futebol, Risalva revela que elas não se importavam com questões desse tipo, que, na verdade, valorizavam muito mais o apoio que recebiam, principalmente, dos jogadores que compunham o time masculino, os quais sempre buscavam ajudá-las, desenvolvendo, assim, uma grande amizade entre eles. Esta entrevistada cita, ainda, que se existiu algum preconceito relacionado à participação feminina na seleção da cidade ela não se recorda, que os únicos preconceitos sofridos por ela referentes à sua imagem enquanto jogadora de futebol foi posteriormente, nos anos 2000, quando participava de jogos na universidade, durante sua graduação.

---

<sup>63</sup> Depoimento de Risalva Magalhães de Oliveira em entrevista realizada em 12 de março de 2020, na cidade de Guanambi-BA.

Desse momento da sua vida, Risalva recorda de situações constrangedoras ocorridas dentro do ambiente acadêmico:

Aí tinha esse estereótipo assim [...], outras turmas lá, era turma mesmo, turma de pedagogia que falava que a gente era, os alunos de educação física era para fumar, que só tinha ‘viado’ e ‘sapatão’. Era eu, que jogava era eu e outra colega minha que assim, que a gente jogava mesmo bola. Eu saía daqui seis horas da manhã para jogar com os meninos, e tinha time mesmo, que as aulas começavam sete e vinte. E sempre era oito horas, e a gente já ficava jogando. Aí eles proibiam da gente dar bola lá para poder a gente não ficar jogando, mas não tinha jeito, a gente levava bola (risos). Aí era futsal, e à tarde jogava eu, Tião, Marcius<sup>64</sup> [...], outra colega minha que gostava muito de bola. [...] Na [...] primeira turma que jogava era Luciana que gostava de jogar, Luciana da primeira turma [...] assim, porque a gente tinha um jeitão assim, sabe, de falar, a gente era, chamava não era ‘sapatão’, chamava a gente de ‘machão’. Não tinha esse negócio de ‘sapatão’, era ‘machão’ (risos).<sup>65</sup>

As aulas de Educação Física se constituem em um espaço do ambiente escolar ainda mais propício às práticas preconceituosas que visam à separação entre homens e mulheres, isso graças a sua construção histórica vinculada à biologia e a ideia de separação entre as habilidades ditas femininas e masculinas. Portanto, se em outros espaços esses discursos se manifestam de forma implícita, nesta disciplina acontece de maneira explícita e sustentada por esses discursos históricos (LOURO, 2001). Certamente, a visão de Educação Física que foi estabelecida pelos alunos das outras turmas se amparavam nessa divisão de espaços esportivos através dos sexos.

Os relatos de Natalina reforçam ainda mais que os preconceitos relacionados à presença das mulheres no futebol naquele período não eram percebidos por elas. Mesmo que a sociedade apontasse reflexos das relações de domínio desse esporte pelos homens, tudo era muito novo para o contexto local, tinham poucas meninas nessas práticas, então elas acabavam se tornando conhecidas e reconhecidas por fazerem parte da seleção da cidade. A entrevistada expõe que elas eram muito bem vistas pelas pessoas e que se tornavam famosas, recebiam muito carinho e palavras de incentivo acerca da desenvoltura em campo.

---

<sup>64</sup> Sebastião Carlos dos Santos Carvalho (Tião) e Marcius de Almeida Gomes são professores da Universidade do Estado da Bahia, onde Risalva fez sua graduação. Na época, esses professores também participavam dos jogos com os alunos.

<sup>65</sup> Depoimento de Risalva Magalhães de Oliveira em entrevista realizada em 12 de março de 2020, na cidade de Guanambi-BA.

Sobre o envolvimento familiar e de amigos, Natalina recorda ter obtido muito apoio, principalmente, da sua mãe, fiel torcedora que, em certas ocasiões, fazia questão de assistir aos treinos e jogos do time, como afirma a entrevistada:

A minha mãe [...] ia assistir jogos meus entendeu? E assistiu várias vezes, ainda mais que a gente morava tudo ali na rua Sátiro Dias, bem próximo daquela praça do Luiz Viana – ali que a gente jogou muito ali, jogou muito, muito mesmo – então ela ia assistir entendeu? A minha mãe ia assistir. [...] nós não passamos por isso, essa situação de preconceito não.<sup>66</sup>

Embora nem sempre as mulheres recebam o incentivo dos seus familiares, pôde ser visto nos relatos que as mães das entrevistadas apoiavam a prática do futebol de suas filhas e isso não é algo restrito às vivências das jogadoras do *Vênus Futebol Clube*. Em estudos mais recentes realizados por Mariane Pisani com o time *Poderosas do Foz*, da cidade de Foz do Iguaçu, a autora aponta o apoio das mães como um fator comum para algumas das jogadoras:

Ela diz que incentivava a menina, pois achava bonito vê-la jogando e, já que ela se saía bem no meio dos garotos, não via motivos para impedi-la. [...] A mãe de Paula incentivava a filha a jogar na escolinha de futebol junto com o irmão e negociava, junto às autoridades competentes, a participação da menina em campeonatos de meninos (PISANI, 2012, p. 68).

É válido ressaltar que a intenção aqui não é generalizar o apoio das mães ou familiares para com suas filhas futebolistas desde o início da sua prática, até porque as questões de gênero e preconceitos nesse aspecto “pesam sobre essas mulheres durante toda sua trajetória de vida, a começar pela dificuldade de acesso a prática do futebol, uma vez que sofrem com a resistência social”. (PISANI, 2012, p.71).

Em seus relatos, as entrevistadas ressaltam que esse apoio familiar vinha acompanhado da confiança que as suas famílias depositavam em Zé Carlos. Por ser uma cidade pequena onde todos se conheciam, havia maior facilidade de estabelecer laços de amizade e confiança entre a comissão técnica e os pais ou mães das jogadoras, que deixavam suas filhas sob a responsabilidade principalmente do técnico.

Zé Carlos também recorda desse aspecto que, para ele, foi algo muito marcante no seu envolvimento com o grupo de meninas. Relata que sua relação com o time sempre foi pautada no respeito e na confiança para com as jogadoras e seus familiares, e que isso fazia toda diferença na atuação delas em campo.

---

<sup>66</sup> Depoimento de Natalina de Melo Fernandes em entrevista realizada em 09 de setembro de 2020, na cidade de Guanambi-BA.

Os pais deixavam viajar comigo, nós saíamos de manhã e voltava de noite, entregava tudo na porta, entendeu?! Os pais agradeciam tanto sabe?! [...] Os pais me entregavam na mão moça, pra gente viajar. A gente viajava pra Espinosa, Caculé, essa região nós íamos. Os pais entregavam na mão. [...] Era confiança que tinha na gente. Porque, assim, não tinha negócio de comemoração com bebida, terminou olha, nada, não tinha nada filha, bebida não, não pode, bebida não pode (risos).<sup>67</sup>

Durante sua narrativa, foi possível perceber o cuidado direcionado às jogadoras, principalmente, nas competições realizadas em outras cidades:

[...] o respeito era muito, com elas era muito grande o respeito. Era assim, chegavam e ia todo mundo para o vestiário, já mandava elas irem preparadas [...] vestidas com outra blusa por cima entendeu?! [...] eu e Pedrão nós separava as roupas tudo direitinho, saía de dentro do vestiário, fechava e deixava elas se trocar, entendeu?! Não tinha esse negócio de ‘ah, por que é técnico não sei o quê’, não, a gente saía, elas se arrumavam e quando estavam arrumadinhas preparadas, aí elas abriam e a gente ia conversar entendeu?! Aí cada uma deixava sua roupa arrumada e na volta tiravam, elas entravam para o vestiário se trocavam para depois a gente entrar de novo entendeu?!<sup>68</sup>

Ao se recordar de como era a relação entre ele, Pedro e as jogadoras, Zé Carlos faz uma reflexão dos dias de hoje sobre os acontecimentos relacionados aos diversos escândalos envolvendo os abusos e as chantagens sofridos pelas mulheres no futebol comandado por comissões técnicas masculinas. “Eu vejo muitas reportagens na televisão sobre ‘você só joga se você fizer isso’”.<sup>69</sup>

O entrevistado cita ainda que, apesar de todos esses problemas, temos hoje a figura de Marta que representa o futebol de mulheres no nosso país, e que se tornou um exemplo para muitas outras que sonham em atuar profissionalmente nesse esporte. Conforme seu depoimento:

A mulher foi muito discriminada no futebol, viu! Então falar pra você. Hoje até que está melhorando muito, agora quando elas começaram, que nem você perguntou antes, todo mundo ficou perguntando, só foi acreditar quando viu elas jogando.<sup>70</sup>

<sup>67</sup> Depoimento de José Carlos Silva Santos em entrevista realizada em 16 de setembro de 2020, na cidade de Guanambi-BA.

<sup>68</sup> Depoimento de José Carlos Silva Santos em entrevista realizada em 16 de setembro de 2020, na cidade de Guanambi-BA.

<sup>69</sup> Idem.

<sup>70</sup> Idem.

Zé Carlos cita também as melhorias no percurso histórico das mulheres brasileiras no que diz respeito aos direitos trabalhistas enquanto jogadoras de futebol, como a recente conquista da igualdade dos salários entre homens e mulheres futebolistas conferidos pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF), no início do mês de setembro de 2020. Em entrevista concedida aos veículos de imprensa, o órgão estabelece a igualdade de valores, de prêmios e de diárias entre as seleções masculinas e femininas. Nessa mesma ocasião, foi estabelecida também uma coordenação de competições nacionais femininas sob a responsabilidade da ex-capitã da seleção, Alline Pelegrino, e oficializada diretora de futebol feminino do Internacional Duda Luizelli, como coordenadora de seleções. Estes tornaram-se importantes passos para o futebol de mulheres no nosso país, uma luta que vem sendo travada desde sua inserção nesse meio.

### **3.4 “Não tinha incentivo [...], por que se tivesse [...] a gente tinha ido muito longe”: as histórias continuaram longe do campo**

Neste tópico, buscamos, através das entrevistas, apresentar a etapa seguinte da vida destas mulheres, após a saída do *Vênus Futebol Clube*. Embora tenham deixado a prática do futebol, ou mesmo de todos os esportes em que já se envolveram, seus feitos, lutas e contribuições sociais persistiram e persistem até hoje, tornando-se um acúmulo de experiências fincadas nas suas histórias de vida.

Cada uma seguiu um caminho diferente, mas carregam consigo muita coisa em comum. Os momentos compartilhados por um grupo de meninas dispostas a vencer a todo custo tornaram-se, hoje, lembranças resgatadas e memórias compartilhadas.

Fora das quadras e dos campos há mais ou menos 35 anos, Cida relata que até os dias de hoje se depara com antigos fãs, que comentam sobre sua atuação em campo, e isso lhe traz as lembranças deste esporte, que foi vivenciado por ela e seu irmão desde a infância. Recorda que, para conseguirem jogar, eles caminhavam de um lado ao outro da cidade para encontrarem com os amigos, quando conseguiam uma bicicleta emprestada de algum parente era muita sorte, mas quando não tinham iam a pé mesmo, e isso se tornava prazeroso, porque jogar bola era prazeroso.

Talvez se tivesse aceito aquele convite do treinador de Brumado, sua vida teria tomado um rumo totalmente diferente. No entanto, vale ressaltar que em meados da década de 1980 estava apenas iniciando o processo de regularização da prática do futebol pelas mulheres no país e esse período se configurou como de muitas dificuldades. Além de existirem poucos

clubes femininos, estes ainda possuíam uma forma de pagamento muitas vezes baseada em ajudas para a permanência das jogadoras nos treinos e nas competições em que participavam (ALMEIDA, 2013). Dessa forma, não é possível considerar com tanta veemência que a vida de Cida poderia ter mudado ao aceitar o convite para se profissionalizar.

Mesmo atuando de forma amadora, o futebol certamente proporcionou-lhe muitas mudanças e deixou marcas que jamais poderão se apagar, e isso se tornou perceptível quando suas lembranças iam surgindo. Os olhos brilhavam, a voz se empolgava, era como se ao expressar todas as emoções sentidas naquele tempo as experiências estivessem vindo à tona novamente.

Uma das razões da saída de Cida dos campos foi o seu casamento. Embora se diferenciasse de outras garotas da época ao fazer parte de times esportivos, inclusive de futebol, Cida acabou seguindo as tradições da sociedade guanambiense e de muitos outros lugares do país. Até meados da década de 1990, as moças casavam-se muito cedo e tinham que se dedicar aos afazeres do lar e da família, como aponta Magalhães e Carneiro (2003):

A família do século XX é considerada locus da afetividade. Isto se coloca em virtude da sua nuclearização e da sobrecarga de exigências e expectativas que, anteriormente, são imputadas ao Estado ou à comunidade de maneira geral. A família tem seu papel hipertrofiado em termos de sociabilidade, enquanto a comunidade restringe-se. Cabe à família conjugal preencher um vazio e responder às necessidades afetivas e sociais dos indivíduos. (MAGALHÃES; CARNEIRO, 2003, p.3).

Dessa forma, assim como outras jogadoras da época, Cida decidiu abandonar os esportes e se dedicar a instituição familiar e ao trabalho, visto que, naquele contexto, essa era a obrigação das mulheres.

Mesmo tendo abandonado a prática do futebol na sua juventude, os diversos momentos bons vivenciados pela entrevistada faz com que ela acredite no esporte para todas as idades e sinta o desejo de voltar às quadras novamente, mesmo que seja como meio de restabelecer seu condicionamento físico e se livrar de alguns problemas de saúde que foram acarretados exatamente pelo sedentarismo.

Questionada sobre as expectativas em jogar novamente em um novo contexto, já que hoje existem mais iniciativas relacionadas ao futebol de mulheres, Cida acredita que, embora seja menos do que na sua época, hoje ainda existe uma carência muito grande relacionada às políticas públicas para o esporte, e acredita que isso está vinculado a dois fatores, a falta de incentivos dos órgãos públicos e as alterações metodológicas no trato com os esportes dentro

das escolas. O fato de ter pertencido a um ambiente escolar voltado para o esporte enquanto meio de recrutamento, principalmente, da juventude periférica, a entrevistada acredita que ele pode funcionar como uma forma de socialização dos jovens de hoje que se prende aos avanços tecnológicos e não se dedicam à saúde física:

Eu acho assim. Precisava de mais apoio néh! Porque não tem. Não importam. Tem umas meninas boas de bola aí, jogam muito. Eu acho assim que os líderes da cidade como o prefeito tinha que incentivar mais o lado do esporte. Depois que o lado do esporte em Guanambi praticamente acabou, [...] uma das coisas que prejudicou mais os jovens foi que tirou as aulas de Educação Física. Influenciou muito pra os jovens irem pra outros lugares.<sup>71</sup>

A entrevistada estabelece relações entre essas alterações na abordagem da educação física relacionadas aos esportes e o fato dos jovens da atualidade procurarem outros meios para passarem o tempo. Estas alterações citadas por Cida em suas narrativas se referem às mudanças no trato metodológico das aulas de Educação Física, pois durante suas vivências escolares as aulas eram pautadas no ensino dos esportes, que possuíam horários específicos das modalidades no turno oposto.

Assim como Cida, Rogéria começou a participar do futebol desde a infância, quando brincavam na rua com irmãos e amigos e se destacava por ter a bola como sua aliada. Quando ingressou no colégio, começou a participar de atletismo, futebol, voleibol, basquete e futsal. Sempre muito dedicada aos esportes, justifica seu afastamento pela falta de incentivo e a presença mínima deste esporte na região:

[...] não existia um campeonato, não existia uma federação, sabe, pra poder organizar, pra poder formar campeonato. Então, em função disso a gente ficava aquele time, ia jogar ali em Caculé, ia jogar em Pindaí, ia jogar não sei aonde. Era aquela coisa, nós com os outros times, entendeu. Aí a gente fazia um troféu simbólico, quem convidava no caso fazia aqui em Guanambi quem convidava fazia um troféu para quem ganhasse. Então não existia um campeonato. Porque se existisse, então em função disso e aí então em função disso aí também muita dificuldade, as pessoas estudando, aí aos poucos foi, foi distanciando os jogos. Também não tinham nem tantos times pra poder a gente jogar néh, aí já jogamos uma vez em Caculé. Caculé já jogou aqui a gente não queria mais. Não tinha opção, não tinha incentivo, porque não tinha, porque se tivesse campeonato naquela época a gente tinha ido muito longe, porque nós fomos uma seleção muito boa.<sup>72</sup>

---

<sup>71</sup> Depoimento de Maria Aparecida da Silva Neves em entrevista realizada na cidade de Guanambi em 29 de janeiro de 2020.

<sup>72</sup> Depoimento de Rogéria Pereira dos Santos em entrevista realizada em 10 de fevereiro de 2020, na cidade de Guanambi-BA.

Embora Rogéria tenha certa convicção de que, se o *Vênus* tivesse continuado sua atuação, muitas jogadoras pudessem ter seguido carreira profissional. Vale destacar que o período era de muita dificuldade para a atuação das mulheres no futebol e isso em âmbito nacional. Em estudos com jogadoras do Rio de Janeiro, também da década de 1980, Almeida (2013) afirma que, nem mesmo com a regulamentação da prática futebolística das mulheres pela CBF, as condições melhoraram. Portanto, esse panorama de falta de incentivo e da existência de clubes ou times para competirem, não se restringia as cidades de interior ou de aspectos mais rurais.

Rogéria narra, ainda, sobre a dificuldade na organização de competições de futebol feminino e a disseminação da cultura local, desde a infância, de que o futebol era coisa de homem:

É isso que eu tô falando, os outros esportes tinham competição. Vôlei, basquete, tinha competição, mas o futebol não tinha. Não formava, era difícil formar um time. Tipo assim, Guanambi formou néh, então cada cidade não tinha um time, não tinha formação de time, porque as mulheres procuravam praticar era baleado, era vôlei, basquete, então as mulheres, não sei por quê veio desde criança que futebol era coisa de homem, então as mulheres não treinavam, então eram poucas. E aí, em função disso o futebol era assim, não tinham meninas, as meninas não treinavam [...].<sup>73</sup>

Após o fim da seleção guanambiense, Rogéria relata sobre alguns jogos femininos que passavam na televisão, como da seleção feminina de Ipiaú-BA, cidade também do interior baiano e que, em meados da década de 1980, possuiu um time denominado Panteras, chegando a disputar importantes jogos na Bahia. Em sua pesquisa, Moraes (2012) traz os relatos de Suely Morbeck<sup>74</sup>, uma das jogadoras que atuou no time Panteras de Ipiaú, que foi assistido por Rogéria. Moraes (2012) aponta que:

De acordo com suas lembranças, Suely ficou jogando e residindo na cidade de Ipiaú por volta de três a quatro anos e chegou a participar de dois campeonatos baianos, defendendo o time das Panteras. Nesses campeonatos, teve a oportunidade de jogar contra times como o Catuense e o Baiano de Tênis, times da capital Salvador, além daqueles de outras cidades como: Ituberá, Itabuna, Vitória da Conquista, entre outras. (MORAES, 2012, p. 66).

<sup>73</sup> Depoimento de Rogéria Pereira dos Santos em entrevista realizada em 10 de fevereiro de 2020, na cidade de Guanambi-BA.

<sup>74</sup> Suely Morbeck Ribeiro é uma ex-jogadora de futebol da cidade de Jequié-BA. Atuou em alguns times de futebol de mulheres do interior baiano e de Salvador na década de 1980. Atualmente atua como cantora e compositora de músicas evangélicas na cidade de Jequié. (MORAES, 2012).

Ainda em relação a equipe de Suely Morbeck, Rogéria faz um comparativo entre a seleção de Guanambi e a seleção de Ipiauí, ressaltando a semelhança na qualidade dos dois times e no processo de luta das equipes por reconhecimento em meio ao futebol.

Como todas as jovens da época, logo Rogéria começou a namorar, o que já começava a provocar mudanças em sua vida, visto que, segundo ela, na cidade de Guanambi naquela época, quando se namorava, tinha que se casar o quanto antes. Casou-se e ficou grávida, período que se afastou um pouco dos esportes, retornando alguns anos depois, com a prática do tênis e do karatê como uma forma de lazer através dos ‘babas’<sup>75</sup> entre amigos, como costumavam dizer. Seu desligamento definitivo desse meio só aconteceu tempos depois do casamento. No relato, adiante, ela descreve como se deu esse momento:

Jogava entre amigos, quando no Clube de Campo ia ter alguns jogos eu jogava, néh! Às vezes tinha, era que ia ter campeonato e às vezes faltavam atletas e me chamavam pra entrar, eu jogava também, mas fazer parte da seleção, dedicar ao treinamento eu joguei até os meus dezoito anos. Aí depois casei que tive filhos eu praticava esporte, mas não participando de campeonatos, praticava com um grupo de amigas que chamavam para bater um baba, só um baba, só fiquei participando de baba, aí pronto. [...] eu casei tive filhos néh, fui ser comerciante, aí não tinha tempo, criança, não tinha tempo, de vez em quando ia ter um babazinho no clube a gente jogava só.<sup>76</sup>

A partir da década de 1990, o comércio torna-se a área de principal interesse de Rogéria, que primeiramente teve um restaurante no centro da cidade, ponto de encontro de pessoas que circulavam pelo comércio, principalmente nos dias das feiras livres. Um tempo depois, ela se dedicou ao ramo da moda e adquiriu uma boutique de grife na cidade. Através dessa boutique a entrevistada promoveu diversos eventos na cidade, principalmente de moda íntima, sendo a precursora de desfiles de moda íntima e praia da região. Atualmente dedica-se a um pequeno comércio de vendas de bebidas e petiscos, mas os desejos de ver uma seleção sólida de futebol feminino na cidade ainda estão presentes, e até se disponibiliza a fazer parte de uma equipe, caso surja algum projeto nesse sentido.

Mas, para que isso aconteça, assim como Cida, ela frisa a importância principalmente de incentivos políticos municipais, porque “O esporte não se cresce pelo esporte destacar. Para o esporte se destacar tem que ter um apoio, tem que ter uma organização”.<sup>77</sup> Rogéria

---

<sup>75</sup> Baba é um termo utilizado em algumas cidades brasileiras para designar jogos esporádicos de futebol entre amigos.

<sup>76</sup> Depoimento de Rogéria Pereira dos Santos em entrevista realizada em 10 de fevereiro de 2020, na cidade de Guanambi-BA.

<sup>77</sup> Idem.

relembra o quanto o time da sua época era forte e se tornava visível em toda região por seu bom desempenho em campo. Mas a falta de condições financeiras da equipe tornou-se um empecilho para que progredissem, como salienta em seu depoimento:

Todo lugar que a gente jogava a gente ganhava, a gente tinha uma seleção fortíssima. Isso não foi adiante, nós não viramos uma seleção, e nós tínhamos time pra virar uma seleção, não virou porque naquela época estar em Guanambi não tinha as condições financeiras, não tinha, a gente não tinha dinheiro, a gente jogava porque a gente pedia patrocínio do comércio, sabe! Para comprar uniforme. Quando a gente viajava a gente pedia patrocínio pra poder a gente ganhar o ônibus pra transportar a gente, às vezes ia de carona, não tinha incentivo nenhum de órgão público nenhum. Era coisa organizada entre a gente por amor, por paixão, e a gente saía, nós jogadoras saíamos pedindo pra poder ter o uniforme, e era também um uniforme só, lavava e usava de novo [risos], só tinha um uniforme e a gente, a gente mesmo saía na rua pedindo [...].<sup>78</sup>

Rogéria relata que o fator político interferiu no fim da seleção feminina em sua época. Para ela, se houvesse mais apoio, as coisas teriam tomando rumos diferentes, porque a política exerce uma influência muito grande sobre todas as coisas, mesmo que visando muito a conquista do voto.

A entrada do futebol na vida de Risalva não foi diferente das suas colegas, tudo começou como uma brincadeira entre amigos e irmãos e foi tomando lugar na sua vida. Mas isso não permaneceu por muito tempo, exatamente devido a todo o contexto no qual se inseriam. A prática esportiva pelas mulheres naquele momento ainda era bem restrita, principalmente relacionada a esse esporte, que embora tivesse muita visibilidade no Brasil, considerado o país do futebol, era totalmente direcionado aos homens. Além disso, nem todas elas possuíam condições financeiras que lhes permitissem viver uma juventude sem trabalhar; assim que a maioria ia se aproximando, elas precisavam ajudar nas despesas de casa, e essa foi a razão primordial do afastamento de Risalva da seleção.

No início, ainda tentaram conciliar ao menos alguns ‘babas’, mas, com o tempo, isso foi se tornando cada vez mais difícil, como podemos perceber em seu depoimento:

[...] a gente começou a trabalhar, trabalhar mesmo. Eu comecei a trabalhar num consultório dentário com 17 anos, aí não dava mais pra, entendeu?! Trabalhava de segunda a sábado até meio dia, aí não dava mais pra, pra unir entendeu, não dava. E estudava à noite, estudei à noite e não dava, a gente mesmo assim a gente ainda corria e jogava uma, depois daí foi acabando,

---

<sup>78</sup> Depoimento de Rogéria Pereira dos Santos em entrevista realizada em 10 de fevereiro de 2020, na cidade de Guanambi-BA.

acabando por isso, porque cada um teve, todo mundo teve que trabalhar. E mesmo assim a gente reuniu, assim, tinha um dia na semana que a gente jogava basquete [...] no Luiz Viana [...]. Reunia para jogar basquete, mesmo assim, mesmo depois, trabalhava e jogava.<sup>79</sup>

Diferentemente das suas colegas de time entrevistadas neste trabalho, Risalva que tem uma personalidade marcante e decidida não se casou, o que não era algo tão comum para o contexto local em que vivia naquele momento. Desde que largou a vida esportiva para trabalhar, Risalva não se prendeu a muitas coisas, nem mesmo à cidade de Guanambi. Após finalizar a educação básica, mudou-se da cidade e morou em diversos lugares, como Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro.

No ano 2000, com a chegada do curso de Educação Física para a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), campus de Guanambi, decidiu se inscrever no vestibular para seguir a carreira profissional dos sonhos e que lhe aproximava novamente do que mais gostava: os esportes. Assim, retornou para a Bahia e conseguiu entrar na segunda turma do curso, momento em que, mais uma vez, buscou criar meios de conciliação entre estudos e trabalhos, mesmo que fossem nos finais de semana, já que o curso é diurno e oferecia aulas nos dois turnos alguns dias da semana.

Após a conclusão, foi aprovada em uma seleção pública para dar aulas em Presidente Jânio Quadros, cidade baiana situada cerca de 639 km de distância da capital do estado, onde permaneceu de 2005 a 2007. Em seguida, foi aprovada no Regime Especial de Direito Administrativo (REDA) para dar aulas em Aracatu-Ba, onde permaneceu por muito tempo ministrando aulas. Nesse momento da sua vida, aproveitou para se especializar na área de Educação e Gestão do Esporte e do Lazer.

Permaneceu na cidade de Aracatu até o ano de 2011, quando retornou a Guanambi para cuidar da mãe que estava com problemas de saúde. Nesse período, a entrevistada relata que dava aulas no projeto *Mais Educação* em uma escola da rede municipal da cidade. Em 2016, foi chamada novamente para atuar na cidade de Aracatu, mas, dessa vez, não se mudou para lá completamente, ia apenas dar as aulas e retornava para Guanambi.

Enquanto profissional ligada à área dos esportes, Risalva relata que durante todo seu período de atuação profissional esteve envolvida nesse espaço através de turmas de futsal e voleibol para jovens e adultos que estudavam ou mesmo atuavam nas escolas onde atuava. Dedicava-se ao máximo para que seus alunos sempre conquistassem a vitória nas

---

79 Depoimento de Risalva Magalhães de Oliveira em entrevista realizada em 12 de março de 2020, na cidade de Guanambi.

competições, uma forma encontrada por Risalva para reviver todas as emoções vivenciadas em sua juventude.

Atualmente, continua residindo em Guanambi e relata estar atuando na sua área, com planos de montar uma equipe de futebol de mulheres na cidade para que ela possa ajudar jovens que tenham o futebol pulsando em suas veias, assim como ela e todas as participantes do “*Vênus Futebol Clube*” tinham em sua época, mas não tinham incentivos. Embora na cidade haja muitos times de várzea femininos, todos são de futebol de salão devido à facilidade de espaços, por isso os planos de Risalva são de organizar novamente uma seleção feminina de futebol de campo.

Os direcionamentos de vida de todas as jogadoras que contribuíram para este estudo tomam caminhos diferentes. No entanto, a relação esportiva estabelecida por elas na infância deixa reflexos marcantes nas suas trajetórias, seja nas boas memórias do que viveram em meados da década de 1980, ou nas relações mais íntimas com algum tipo de esporte ao longo dessa trajetória e que perdura até os dias de hoje. Esse é o caso de Natalina, que começou a praticar futebol na rua com os amigos e a irmã e acabou criando um vínculo muito forte com as atividades esportivas em geral, constituindo um estilo de vida voltado para o exercício físico.

Quando questionada sobre os motivos do time ter parado de treinar, Natalina afirmou por várias vezes que não se recorda exatamente. Entretanto, no decorrer da entrevista, quando perguntado sobre seu envolvimento com outros esportes, suas lembranças permitem recordar que o time de futebol, bem como o de basquete, que ela também participava, acabaram exatamente pela ausência de pessoas nos treinos. Isso fazia com que o time estivesse sempre desfalcado, impossibilitando a ocorrência dos treinos e das competições. Em suas palavras:

[...] eu sei que virei também jogando basquete néh, e também eu jogava basquete não tinha o futebol, o campo. Aí, por exemplo, às vezes marcava e não ia todo mundo, porque cada esporte tem aquela quantidade de, de, de, do, do, do, das pessoas néh que jogam ali néh, se é cinco, se é três, se é quatro, tem que ter. Às vezes marcava uma não ia, a outra não ia, e aí agora por conta disso vai, as pessoas foram provavelmente se afastando. Porque no basquete foi assim, eu jogava no time também de basquete, igual muitas dessas daí mesmo virou jogando basquete entendeu? Porque não tinha mais o futebol virou jogando o basquete e aí agora por conta disso uma não foi, às vezes marcava dentro de um horário que aquela tava estudando ou fazendo outra coisa que não poderia participar dos jogos. E aí por conta disso começou as dificuldades e foi afastando néh!<sup>80</sup>

---

<sup>80</sup> Depoimento de Natalina de Melo Fernandes em entrevista realizada em 09 de setembro de 2020, na cidade de Guanambi-BA.

Sempre muito amante dos esportes, Natalina recorda que o fim do time foi algo muito ruim para ela, pois não pretendia se distanciar dos esportes, daí a necessidade de se envolver com outras práticas que não exigissem a presença de um grupo grande para se desenvolver. Foi então que tomou rumos diferentes nas suas escolhas esportivas para que não ficasse parada e passou a se interessar pelos estilos individuais, já que estes dependiam apenas da sua própria disponibilidade, no máximo da disponibilidade de uma amiga que lhe fazia companhia, e não de muitas pessoas, como os coletivos.

Mas essa mudança para os esportes individuais não aconteceu de imediato. Natalina relata que, após o fim do *Vênus Futebol Clube*, surgiu outro time de futebol de mulheres na cidade que era comandado por Valdir Vitor da Silva, conhecido na cidade como Mosquito, um ex-jogador da seleção masculina que se tornou uma figura marcante para o futebol local. Sobre essa fase da sua vida, a entrevistada relata:

Olha, eu joguei também com Mosquito. Mosquito também eu não sei se aí eu não me lembro mais assim como é que foi sabe. Eu sei que eu já joguei com Mosquito também, ele tinha um time, inclusive ele fez até uma demonstração de fotos na praça, todo mundo, convidou néh! Vocês vão lá para vocês verem aquele acontecimento que teve aqui sabe.<sup>81</sup>

Mas esse time não permaneceu por muito tempo, os mesmos problemas que dificultaram a permanência de treinos e competições do *Vênus* ainda permaneciam. A dificuldade em reunir uma quantidade de jogadoras fez com que esse segundo time e o time de basquete da cidade, que Natalina também participava, não tivessem continuidade também. Com a diminuição dos grupos que se reuniam na cidade para praticar os esportes coletivos, a entrevistada optou pela prática do ciclismo, por ser uma atividade individual que não dependeria de tantas pessoas para se desenvolver, apenas ela e sua irmã poderiam pedalar pela cidade.

Aí eu comecei a andar de bicicleta, que eu tinha uma bicicleta de ferro quando fez o anel viário néh! Aí eu andava com minha irmã, com aquelas bicicletas que Deus tenha misericórdia néh! (risos) Pois é, mas eu gostava tanto das coisas que eu fazia isso aí também.<sup>82</sup>

---

<sup>81</sup> Depoimento de Natalina de Melo Fernandes em entrevista realizada em 09 de setembro de 2020, na cidade de Guanambi-BA.

<sup>82</sup> Idem.

Essa fase da sua vida não demorou muito, com o tempo, acabaram perdendo o ânimo e se interessando pela prática do karatê em que conquistou a faixa marrom, considerada símbolo de muita disciplina. Permaneceu nesse esporte por algum tempo até sua gravidez quando teve que se afastar por um ano, posteriormente retornando não mais para o karatê e para a musculação, como destaca em seu depoimento:

Aí eu fiquei, isso aí um ano néh da gravidez, depois também que o nenê nasce também você [...] se ocupa, não pode néh ficar assim. Aí eu ficava na academia neh, ia pra academia e tudo para manter o corpo, mas do karatê não podia participar. E aí [...] ficou sem nada um período néh – você casou, muda vida, tem criança, um monte de coisas – tem uma mudança néh.<sup>83</sup>

Após esse tempo longe dos esportes, já no ano de 2010, Natalina conheceu o grupo de mulheres ciclistas da cidade, o *Saia na Bike*, e começou a fazer parte das fiéis pedaladas pela região. Em todo seu depoimento, é nítido o prazer que expressa ao recordar de cada fase da vida em que esteve envolvida com a prática dos diversos esportes em que teve a oportunidade de atuar e relata: “eu sempre me ocupei com esportes, é uma coisa que tem dentro de mim, não tem jeito sabe! ”<sup>84</sup> Além dessas atividades fazerem bem para seu corpo, o depoimento abaixo expressa como podem auxiliar também na sociabilização de todas as envolvidas:

Igual hoje mesmo por exemplo, - eu nunca fui de andar só – igual hoje mesmo eu já tenho o meu grupo de pessoas que andam de bicicleta. Eu tenho 57 anos, tem gente que tem mais um pouquinho, tem gente que já tem cinquenta e pouco. Quando eu tiver com sessenta, sessenta e tanto eu não tenho minhas amigas para pedalar junto? Para a gente sair, [...], para a gente divertir, tomar um açai, não é? Isso aí entendeu! Eu não tô só néh, eu tenho as minhas amigas. Eu hoje mesmo já fui fazer meus quilometrozinhas que eu não fui besta (risos).<sup>85</sup>

A entrevistada menciona ainda uma tentativa recente de montarem novamente um time de basquete com um grupinho que jogavam na juventude. Nessa ocasião, levou até mesmo seu filho para jogar junto com o grupo. Natalina guarda recordações marcantes desses momentos, como o orgulho do filho ao presenciar a atuação da mãe dentro da quadra ao fazer várias cestas:

---

<sup>83</sup> Depoimento de Natalina de Melo Fernandes em entrevista realizada em 09 de setembro de 2020, na cidade de Guanambi-BA.

<sup>84</sup> Idem.

<sup>85</sup> Idem.

Meu filho mesmo eu já levei ele pra jogar basquete comigo entendeu, lá para trás quando eu tava retomando aí assim as mais antigas. ‘Ah! Vamos jogar?’ ‘Vamos!’ Aí fazemos aquele grupinho ali, durou pouco tempo, mas nós fomos, aí eu levava ele. Aí eu já tinha, ‘minha mãe, ninguém segura a senhora’ (risos), eu falei ‘fazer o que meu filho, eu não preciso correr para fazer uma cesta’ (risos). Eu não preciso correr para fazer uma cesta. E ele aguentava correr e eu fazia a cesta, fazer o que néh! (risos)<sup>86</sup>

Outra dificuldade enfrentada pelo time e que, assim como suas parceiras, Natalina aponta como uma das razões para o término da atuação da equipe foi a falta de incentivo. Suas condições financeiras não eram das melhores, dessa forma elas não podiam arcar com as despesas, sendo necessária a obtenção de patrocínios, que ficavam a cargo da comissão técnica e de apenas algumas das jogadoras, como Rogéria, que tinham uma postura de liderança.

Não tinha incentivo financeiro não. [...] Eu acho que às vezes assim a gente poderia ir na prefeitura e ganhar o carro, assim, ganhar o carro para o trajeto daquilo ali sabe! Mas, não tinha assim, não tinha incentivo não. O sapato era a gente mesmo que comprava, o tênis néh, os negócios que a gente usava era nós mesmos que comprava. Então não tinha incentivo de ninguém que vinha dinheiro que nada não. Nós mesmos não tinha dinheiro, aí Zé Carlos é que dava um jeito dele lá [...] a gente jogava era com o (uniforme) dos homens, é história que eu te falei dos homens, era o futebol dos homens, entendeu? Davam roupa, era material que já tinha, entendeu? [...] Como não tinha essa condição de fazer esse preparo todo era o que tinha néh! Esse aqui fica bom pra você, o outro fica bom pra você e pronto.<sup>87</sup>

Como pode ser visto nesse depoimento de Natalina, devido à falta de condições para a obtenção dos próprios uniformes, em alguns jogos, a seleção feminina usava até mesmo o uniforme da equipe masculina, os quais estabeleciam uma boa relação de amizade com elas. Problemas como esse não se restringem apenas às jogadoras do *Vênus Futebol Clube*, durante a formação dos primeiros times de outras cidades do interior também puderam ser vistas situações como essa. Dornelles e Santos (2020) afirmam que, na cidade de Amargosa-BA, as jogadoras tinham dificuldade de conseguir vestimentas, sapatos, bolas e, até mesmo, o espaço para os treinos, visto que as quadras ou campos existentes eram dominados pelos times masculinos. As melhorias apareceram a partir do momento em que os times de mulheres eram representados pela figura masculina do treinador.

<sup>86</sup> Depoimento de Natalina de Melo Fernandes em entrevista realizada em 09 de setembro de 2020, na cidade de Guanambi-BA.

<sup>87</sup> Depoimento de Natalina de Melo Fernandes em entrevista realizada em 09 de setembro de 2020, na cidade de Guanambi-BA.

No entanto, embora houvesse muitos empecilhos, as garotas do *Vênus* faziam de tudo para conseguirem participar dos jogos e se divertiam muito, pois esses momentos geravam situações engraçadas, como a relatada no trecho a seguir:

Tomava emprestado néh, e aí como a gente, eu mesma sou muito magrinha. Tinha que vestir um outro short por baixo néh porque ficava aquela coisa horrorosa, bem folgadona néh (risos). E tinha um de homem, porque mesmo que for jogar nos dias de hoje vai ter uma bermudinha, uma roupa mais ajustada. Naquele tempo não tinha, e eu sempre fui magrinha tive que usar uma por baixo para não ficar muito horrorosa (risos). [...] a gente não sabe como é que ia, hoje eu não lembro mais, mas não era dinheiro da gente, porque não tinha dinheiro, era Zé Carlos que arrumava carro. Assim, a gente ia tinha hora que em cima de caçamba, entendeu? E ia para esses lugares todos jogar bola (risos).<sup>88</sup>

Fato interessante da vida de Natalina é que, mesmo depois de casada, não se afastou do estilo de vida esportivo e nem mesmo das suas atividades fora de casa. Segundo ela, o casamento nunca representou um empecilho para suas práticas, sejam elas nos esportes ou de trabalho, o que pode ser considerado exceção, já que o contexto da época e da própria cidade relacionava a imagem da mulher casada aos desígnios do lar. Sobre esse fato, ela pondera:

Agora no geral assim tinham muitas pessoas que eram mais donas de casa mesmo, não trabalhavam fora néh! Porque hoje em dia por exemplo, até uma conta que você sair com alguém já tem que dividir ali, antigamente não era muito assim não. Não era muito assim não, era mais o homem que assumia aquele ambiente ali [...] de pagar uma conta, de ser um homem mesmo assim, o papel do homem em si néh! Hoje é porque realmente as coisas já mudaram néh!<sup>89</sup>

Logo após se casar, no final da década de 1980, começou a trabalhar na Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e Parnaíba (CODEVASF), de onde foi demitida em 1990, quando Fernando Collor de Mello assumiu a presidência (1990-1992) e determinou uma série de cortes de funcionários desta empresa. Depois disso, Natalina se tornou autônoma, primeiramente com venda de artigos importados do Paraguai, para onde ela mesma viajava para comprar os materiais, mas, assim como nos esportes, essas atividades foram interrompidas pela sua gravidez.

Mesmo grávida, e depois com criança de colo, continuou trabalhando com vendas autônomas de outros artigos, já que os importados exigiam muita dedicação e viagens, e isso

<sup>88</sup> Depoimento de Natalina de Melo Fernandes em entrevista realizada em 09 de setembro de 2020, na cidade de Guanambi-BA.

<sup>89</sup> Idem.

havia se tornado uma dificuldade para ela. Foi nesse período que conseguiu um box de vendas no mercado municipal da cidade, onde trabalha até hoje com venda de utensílios e embalagens. As dificuldades enfrentadas por essas entrevistadas fazem referência a uma desvalorização da sua prática, marca de uma cidade que não oferece um espaço de igualdade no debate público para as mulheres. Suas memórias enquanto esportistas não adquirem relevância perante a sociedade, assim como para a memória subterrânea (POLLAK, 1989) que apresenta o protagonismo feminino no surgimento da cidade também não é dada a merecida relevância, e quando é dada, é a partir da igreja e de uma forma pedagógica, no sentido de determinar o lugar da mulher.

A seção seguinte traz uma discussão sobre como essas mulheres enfrentaram esses preconceitos, que era um preconceito não só em relação ao esporte, mas em relação ao lugar delas na sociedade de Guanambi, visto que essa situação não se dá por acaso, ela remonta uma memória da cidade na qual a mulher não tem protagonismo, o protagonismo é do fazendeiro Joaquim Dias Guimarães. O que permanece é o processo de disputas entre as memórias oficiais e dominantes e as memórias subterrâneas advindas dos marginais e excluídos (POLLAK, 1989).

#### 4 BELARMINA, FLORINDA E LEOCÁDIA: MARGINALIZAÇÃO E PEDAGOGIZAÇÃO DO PROTAGONISMO FEMININO EM GUANAMBI

A abordagem metodológica da história oral possibilita o reconhecimento de diversas influências sofridas pelos grupos sociais, as quais podem ser observadas nas versões acerca do surgimento da cidade de Guanambi, onde a memória oficial tem como protagonista do seu surgimento a figura de um fazendeiro, dono de muitas terras, e que doou parte dessas terras para a fundação da cidade. Por outro lado, há uma memória marginal da cidade que remonta a uma versão diferente da origem oficial vinculada a Joaquim Dias Guimarães, em que são trazidas as figuras de Belarmina e Florinda ligadas a um prostíbulo, bares e casas de divertimento, não interessando pedagogicamente para as famílias tradicionais de Guanambi reforçar isso.

Essas versões extraoficiais podem ser encontradas em produções de memorialistas da própria cidade (GUIMARÃES, 1991; TEIXEIRA, 1991; COTRIM 2012), que consideram a importância de conservar os relatos de memória, os quais, embora não sejam reconhecidos, perpassam muitas gerações locais. Segundo Cotrim (2012), Belarmina e sua filha Florinda teriam sido as primeiras moradoras das terras que se tornaram a cidade de Guanambi. Belarmina procurou construir sua casa com um cômodo de venda, anexo, em um local de passagem de tropeiros e mascates que comercializavam suas mercadorias em cidades vizinhas, fazendo com que outras pessoas também passassem a construir casas naquela localidade, formando uma pequena comunidade.

[...] aproximadamente no ano de 1833, era chegada para esta região uma mulher muito bonita e muito atraente de nome *Belarmina* e com ela, a sua dedicada filha *Florinda*. Aqui chegando, imediatamente, ela iniciou a construção de um lupanar, com um cômodo de venda, anexo. Primeiro era a *Casa de Venda de Bela*, depois o *Rendez-Vous de Bela*, que foi feito em taipa e coberto de palha de coqueiro. (COTRIM, 2012, p. 109, grifos do autor).

Por ser uma mulher de costumes religiosos, devota de Santo Antônio, fazia questão de celebrar suas rezas e ladainhas em devoção ao santo todos os anos. Esses eventos atraíam ainda mais as pessoas, principalmente, os fazendeiros daquela região, que viram aí a oportunidade de construção de prostíbulos com as jovens que possuíam condições precárias de vida, dando início ao comércio sexual na região. (COTRIM, 2012).

Segundo o memorialista Cotrim (2012), a beleza de Belarmina e da sua filha era singular naquele meio, todos os rapazes da época se encantavam com a jovem Florinda, que

se tornava alvo de cobiça, sobretudo nos festejos de Santo Antônio promovidos por sua mãe. Os rituais festivos só davam início após Florinda beijar o santo. Movidos pela ansiedade de terminar logo as rezas e chegar à parte das danças e brincadeiras, os convidados pediam para que a jovem beijasse logo o santo, formando um coro que dizia euforicamente “*Beija, Flor*” (TEIXEIRA; TEIXEIRA, 2019). É a partir dessa memória que surge a explicação para o primeiro nome da vila, denominada de *Vila de Beija-Flor*, outra variação de nome que se encontra na memória dos moradores e moradoras da cidade é *vila de Bela Flor*, que se justifica através da junção dos nomes de Belarmina e Florinda. Já para a memória oficial da cidade o nome *Vila de Beija-Flor* faz referência ao Beija-Flor ou colibri, pequena ave de bico fino e que na língua indígena significa Guanambi, como a cidade veio a se chamar posteriormente (TEIXEIRA; TEIXEIRA, 2019).

Um fato interessante apontado pela memória marginal e que diz respeito aos aspectos sócio-históricos de Guanambi refere-se à prevalência tanto dos inúmeros prostíbulo que foram surgindo, quanto da presença marcante da Igreja Católica nas mesmas proximidades, o que aparentemente nunca se configurou como problema. Cotrim (2012) aborda sobre essa questão:

*A Rua dos Porcos e parte da Rua das Sete Portas* contavam com mais de três dezenas de casas de prostituição e, nas adjacências, outras tantas. Esses prostíbulo sobreviveram até início dos anos sessentas [*sic*] quando eles foram dali, literalmente, transferidos para a *Zona do Cascalho*. [...] Não sabemos de registros em que a igreja católica estivesse em conflito com as prostitutas da *Rua dos Porcos*. Por outro lado, os políticos sempre souberam tirar proveito dessa situação para angariar alguns votos a mais, em tempo de eleição. (COTRIM, 2012, p. 112-113, grifos do autor).

A Rua dos Porcos e das Sete Portas citadas pelo memorialista são atualmente as ruas General Osório e Sete de Setembro, respectivamente. Como aponta Cotrim (2012), essas ruas foram transferidas para a Zona do Cascalho, que hoje é chamada rua Amazonas, no bairro São José, local que ficaria mais distante da região central da cidade. No período em que houve essa mudança este local ficava à margem da área urbana, tornando-se parte dela muito tempo depois devido ao seu crescimento populacional. Assim, torna-se possível questionar se o distanciamento da imagem da cidade vinculada as casas de prostituições seria uma iniciativa dos órgãos públicos a fim de tentarem silenciar esses fatos através da marginalização desses espaços.

O que chama atenção nessas memórias marginais são as relações de poder estabelecidas naquele contexto, resultando praticamente na expulsão das meretrizes para uma

localidade mais distante do convívio social, configurando, assim, a exclusão daquelas mulheres e das suas histórias que constituiriam parte da própria história da cidade. Os relatos memorialistas permitem refletir de maneira mais ampla sobre a constituição social da história da mulher, em que:

[...] o retrato da mulher pública é construído em oposição ao da mulher honesta, casada e boa mãe, laboriosa, fiel e dessexualizada. A prostituta construída pelo discurso médico simboliza a negação dos valores dominantes, “pária da sociedade” que ameaça subverter a boa ordem do mundo masculino (RAGO, 2014, p. 122).

Permitir que Guanambi se desenvolvesse vinculada ao comércio sexual afetaria diretamente o ideário conservador e patriarcal de famílias tradicionais, além de dar protagonismo para mulheres em detrimento da figura do fazendeiro Joaquim Dias Guimarães. Desta forma, é interessante notar que a fundação da cidade está vinculada e contada a partir de uma perspectiva masculina, como aponta Sousa Júnior (2013):

Com a prevalência do modelo de sociedade patriarcal de forma hegemônica ao longo da história da humanidade, implicando desigualdade nas condições de exercício de poder que se manifestam tanto de forma explícita como velada, temos uma história da humanidade que é contada pela perspectiva dos homens que detém o poder, embora a leitura que se faça dela nos passe a impressão de ser uma história genérica da humanidade (p.101).

As mulheres que constituíram o primeiro time de futebol da cidade foram de encontro a essa sociedade que queria torná-las invisíveis, que guarda essa memória marginal, e que estabelece para elas apenas o lugar de dona de casa e mãe. Essas entrevistadas são mulheres que quiseram se emancipar, jogar futebol e ocupar um espaço diferenciado na sociedade, em meio a uma memória que historicamente não as aceitava.

Na seção anterior foram apresentadas as trajetórias de vida dessas mulheres e todo percurso em busca de um espaço nos esportes, desde a infância até o momento em que, mesmo lutando pelo protagonismo no esporte, tiveram que optar por abandonarem suas práticas para se dedicarem a uma família, o que permaneceu mais uma vez foi a constituição histórica local que invisibiliza o sexo feminino.

Como foi visto anteriormente, a própria constituição histórica de fundação da cidade apresenta memórias que protagonizam mulheres, no entanto, algumas dessas memórias são marginalizadas em detrimento de uma memória oficial que visibiliza a figura masculina. As que evidenciam o protagonismo feminino são caracterizadas por aspectos pedagógicos que

definem o lugar que as mulheres devem ou não ocupar perante a sociedade, como é o caso da memória envolvendo a jovem Leocádia.

#### 4.1 A trágica história de Leocádia: o aspecto pedagógico por trás da santificação

A história da jovem Leocádia ou da Santa Leocádia, como mencionada pela pesquisadora Thiaquelliny Pereira<sup>90</sup>, perpassa muitas gerações de cidadãos guanambienses, tendo se transformado em romance histórico<sup>91</sup>, poemas escolares e filme<sup>92</sup>. Por vezes considerada simplesmente uma lenda e em outras circunstâncias considerada uma histórica verdadeira ocorrida em finais do século XIX, o fato é que essa história carrega consigo um aspecto pedagógico estabelecido pela igreja e pela sociedade local no que se refere aos lugares que as mulheres devem assumir perante a sociedade.

Ainda pautado em relatos memorialistas da cidade, como os de Teixeira (1991) e Guimarães (1991), Leocádia foi uma linda jovem de família humilde que morava aos arredores da Vila de Beija-Flor em meados dos anos de 1889, período posterior à Lei Áurea, promulgada pela Princesa Isabel no ano de 1888, e que marcou o fim jurídico do período escravocrata no Brasil (SOUZA et al., 2020). Com isso, muitas pessoas, principalmente escravizados, mudaram-se para a vila, em busca de trabalho na construção de uma represa<sup>93</sup> que estava sendo construída naquela região pelo coronel José Pedro Dias Guimarães, irmão de Joaquim Dias Guimarães, doador de parte das terras onde foi fundada a Vila de Beija-Flor (TEIXEIRA, 1991).

A trágica história da jovem se inicia com a visita do coronel José Pedro à obra da represa, onde ela estava trabalhando. Ao ver aquela moça bonita sendo tão maltratada por aquele serviço, o coronel chega até ela e questiona o fato de ali não ser o seu lugar, já que é algo muito pesado para uma menina tão nova, além do pagamento ser tão pouco que não custeava nem mesmo um corte de tecido para um vestido, visto que ela sempre era vista com roupas rasgadas (GUIMARÃES, 1991). Nesse momento da própria narrativa do memorialista,

<sup>90</sup> Para maiores detalhes sobre a Santa Leocádia, consultar PEREIRA (2010).

<sup>91</sup> GUIMARÃES, Elísio Cardoso. **Leocádia**: romance histórico. Guanambi, 1991.

<sup>92</sup> Produzido no ano de 2008, o filme foi baseado no romance histórico do autor Elísio Cardoso sob a direção de Benedito Teixeira Gomes e possui duração de 75 minutos. Pode ser encontrado na plataforma *youtube* através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=XCHDswz3pQo>.

<sup>93</sup> Represa é uma proteção contra a invasão das águas, uma barragem (REPRESA. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020). Disponível em: <https://www.dicio.com.br/represa/>. Acesso em: 07/10/20.

é perceptível que havia lugares determinados para as mulheres na sociedade e o fato da jovem estar naquele ambiente já configurava algo fora dos padrões.

Assim, o coronel, que era dono de uma loja de tecidos da vila, ofereceu à jovem alguns metros de pano para que ela fizesse um vestido novo, o que causou certo espanto a ela, já que:

Apesar da necessidade, sentia vergonha e não sabia se era correto fazê-lo. Mas o certo é que tinha vontade de usar um vestido novo. Aos domingos, as moças estavam sempre bem vestidas e ela ficava na calçada a olhar as que passavam na rua. Sim, tinha muita vontade de possuir um vestido novo também. Elas, aquelas moças, deveriam ser muito felizes (GUIMARÃES, 1991, p. 47).

Segundo Guimarães (1991), Leocádia passou alguns dias indecisa, sem saber se iria receber seu presente, mas, diante da situação humilde em que vivia, resolveu aceitar. Cabe ressaltar que os memorialistas situam essa história no início do século XIX e, segundo Dias (1995), em meados do século XVIII, os tipos de tecidos e vestimentas representavam uma divisão muito grande entre as realidades sociais da época, em que tecidos como sedas e veludos eram usados pelas senhoras de classe social alta, e tecidos como o algodão eram utilizados pelas mulheres de classe baixa. Possivelmente o tecido doado pelo coronel era o mesmo que vestia as famílias mais importantes da região, fazendo com que Leocádia chamasse mais atenção ainda.

Não demorou muito tempo para que todos do povoado soubessem do ocorrido e já começassem a formular várias hipóteses para o fato, associando a jovem àquelas que gostavam de ganhar a vida fácil às custas dos ricos coronéis (TEIXEIRA, 1991). Nesse sentido, a Vila de Beija-Flor carregava uma dicotomia em relação às mulheres daquele lugar. Mulheres pobres e geralmente negras que tinham que trabalhar fora das suas casas em busca de sobrevivência eram facilmente relacionadas à prostituição, enquanto as esposas e filhas de coronéis, que ficavam cumprindo afazeres domésticos e servindo aos seus maridos e pais, eram consideradas exemplos a serem seguidos por toda a sociedade.

Essa visão sobre as mulheres que trabalhavam em locais considerados masculinos era disseminada em toda sociedade, mesmo nos grupos mais humildes, como podemos notar no trecho a seguir, em que o memorialista descreve os insultos sofridos por Leocádia vindos de uma ex-escravizada da esposa do coronel José Pedro:

[...] Maria, com toda maledicência que lhe era peculiar, lhe perguntou apontando para seu vestido: - O coronel pagou a costura tumém? Ela, de início, ficou sem entender enquanto as outras se puseram a rir. Olhou para casa uma delas, procurando num olhar apenas um apoio e abaixou as vistas, sentindo-se só, ou como se estivesse cercada por uma alcatéia de lobas. Não sabia como responder e, enrubescida, teve desejo de chorar. Chorar todos os prantos que nunca havia chorado (GUIMARÃES, 1991, p.39).

Essa situação teria ocorrido em uma festa de reisado, manifestação comum em algumas comunidades negras da região até os dias de hoje. Nessa situação, como em tantas outras presentes nos relatos memorialistas da cidade que tratam sobre Leocádia, a jovem foi alvo de comentários maldosos que chegaram aos ouvidos de dona Raquel, esposa do coronel José Pedro.

Destaca-se, aqui, a imagem de dona Raquel, uma mulher branca, bem vista na sociedade por fazer parte de uma família de grande influência naquela vila, era movida pelo ciúme e pela raiva em saber que as pessoas comentavam que seu marido tinha um caso com uma moça mais nova que ela e muito bonita. Foi, então, que usou da sua influência para encomendar a morte da jovem Leocádia, da maneira mais absurda e cruel já relatada na região até os dias atuais. Percebe-se, portanto, mais uma questão pedagógica na conservação dessa memória, demonstrando até onde uma esposa é capaz de chegar para defender seu casamento e sua família.

A ordem dada por Raquel a dois capangas da sua fazenda foi que matassem Leocádia e que lhe levassem um dos seios da jovem, para efetivar a sua vingança:

A pobre vítima, ignorando o tenebroso plano arquitetado por Dona Raquel para seu assassinato, foi lavar a própria roupa nos pequenos “caldeirões<sup>94</sup>” da “Caiçara”, nas proximidades do arraial; ali ela foi fria e barbaramente assassinada, seu cadáver mutilado, atado a blocos de pedra, atirado dentro do “caldeirão” (TEIXEIRA, 1991).

Segundo o memorialista Guimarães (1991), após cumprido o combinado, um dos capangas retornou à fazenda e entregou a encomenda para dona Raquel, que fez questão de cozinhar o seio de Leocádia e servir ao seu esposo, esperando terminar de comer para lhe dizer do que se tratava. Depois de alguns dias, o corpo de Leocádia foi encontrado dentro de um caldeirão, já em fase de decomposição, não havendo condições de fazer um enterro

---

<sup>94</sup> Reservatório natural feito com água da chuva (CALDEIRÃO. *In*: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020). Disponível em: <https://www.dicio.com.br/caldeirao/>. Acesso em: 07/10/20).

convencional e tendo seus restos sepultados ao lado do lajedo, conforme o local ilustrado pela Figura 4, adiante.

Figura 6: Caldeirão onde o corpo de Leocádia foi jogado e o túmulo construído ao lado



Fonte: <http://blogdolatinha.blogspot.com/2013/05/18802013-o-sertao-historia-de-leocadia.html>.  
Acesso em: 07/10/20.

A partir daquele dia, teve início a tradicional visita à ‘cova de Leocádia’, vista por muitos devotos como uma santa que foi assassinada injustamente:

Os habitantes da vila começaram a visitar esse espaço e a realizar manifestações de caráter religioso como: orações, vigílias, ladainhas, romarias etc. Atualmente, há mais de um século do assassinato da jovem Leocádia, ainda ocorrem romarias, sextas-feiras santas e nos dias de finados (PEREIRA, 2010, p.16-17).

A história de Leocádia estabelece uma memória popular capturada pelo catolicismo local de forma a delinear o “bom lugar” da mulher na sociedade. Sentido pedagógico que, a despeito de ser ou não factual, tem potencial para produzir efeitos práticos na memória e, com efeito, nas próprias condutas da população.

As reflexões aqui destacadas se referem à visão que a sociedade local estabelece em relação ao lugar que a mulher deve assumir no convívio social, baseando-se em aspectos pedagógicos de ensino para que não sofram consequências que, segundo essas memórias, são

inevitáveis, caso assumam lugares inapropriados. O protagonismo dado à Leocádia é no sentido de mostrar às mulheres até que ponto elas podem ou não se expor e ocupar os espaços públicos da sociedade.

O fato dessa memória marginal determinar que a cidade tenha se desenvolvido a partir da presença de muitas mulheres que possivelmente foram obrigadas a seguirem a vida da prostituição como único meio de sobrevivência, faz com que a sociedade local tenha uma visão estereotipada sobre as mulheres pobres e que trabalham fora das suas casas em busca da sobrevivência. Os estudos de Dias (1995) constatam que esse era um problema enfrentado pelas mulheres pobres e de descendência negra, no século XVIII:

Nos documentos da segunda metade do século XVIII, delineia-se o pouco apreço com que eram vistas mulheres pardas e forras; a aura ambígua de objeto sexual, suspeita de prostituição e maus costumes, a que inevitavelmente associavam assuntos como filiação duvidosa e paternidade difícil de ser provada [...] (DIAS, 1995, p. 93).

Na cidade de Guanambi, isso não foi diferente, mesmo que não estivessem envolvidas com casas noturnas ou de prostituição, ao longo do percurso histórico da cidade, o que prevaleceu foi um certo direcionamento dos lugares e espaços que as mulheres poderiam, ou não, assumir. Através dos depoimentos das mulheres entrevistadas nesta pesquisa, é possível perceber que, até meados da década de 1990, estar em qualquer lugar ou assumir determinados espaços causava estranhamento para a sociedade, que se pautava no ideário conservador das tradicionais famílias dos fazendeiros que, por muito tempo, detiveram o poder na cidade.

Ao adotar os relatos memorialistas como uma fonte válida de conhecimento dos acontecimentos que permeiam a história de Guanambi, a história de Leocádia reforça a ideia de que a cidade exalta uma pedagogia do lugar da mulher, ao mesmo tempo que tenta apagar as memórias que dão protagonismo para as mulheres. É nesse contexto que as entrevistadas desta pesquisa procuram impor suas necessidades de praticar o futebol, indo ao encontro da memória oficial que direciona seus lugares na cidade. Essas reflexões serão debatidas no tópico a seguir.

#### **4.2 Memória, futebol e o lugar da mulher em Guanambi: desejos, lutas e transgressões no alto sertão da Bahia**

Ao longo dos relatos, as entrevistadas demonstraram ter enfrentado diversos empecilhos a fim de conseguirem um espaço nos esportes, no futebol especificamente, e até mesmo na cidade como um todo. Cada conquista que obtiveram durante o período de atuação no futebol, por mais simples que fossem, foram lembradas por cada uma com muito orgulho e emoção, exatamente por entenderem que mesmo que tiveram que transgredir determinados costumes da época, ainda assim, puderam se fazer presentes naquele meio, podendo hoje compartilhar suas memórias constituídas a partir de desejos e lutas. Assim, neste tópico, serão retomadas algumas dessas dificuldades encontradas por elas, fazendo um comparativo com as definições oficiais sobre a história da cidade.

As versões sobre o surgimento de Guanambi trazem consigo diferentes aspectos sobre a sua própria constituição atualmente. Entre esses aspectos, é possível citar o lugar destinado às mulheres na sociedade. Como mencionado no tópico anterior, as figuras de Belarmina e Leocádia presentes nas versões não oficiais do surgimento de Guanambi trazem a mulher de duas formas: no primeiro caso, negando o protagonismo feminino; e, no segundo, evidenciando um protagonismo pedagógico que direciona o lugar que devem ocupar perante ela.

Ao fazer uma leitura minuciosa acerca do surgimento e da pouca permanência do primeiro time de futebol de mulheres na cidade de Guanambi, é possível perceber as interferências sociais sofridas por ele no que diz respeito ao não protagonismo da mulher, reflexos de uma história oficial pautada no tradicionalismo patriarcal. Considerar que a cidade de Guanambi tivesse um time de futebol profissional de mulheres não era condizente com o modelo social vigente, indo ao encontro de toda construção do poderio masculino.

As mulheres guanambienses que buscaram atuar no futebol na década de 1980 podem ser consideradas as Belarminas do XX, pois foram esquecidas pela cidade, não tiveram o devido valor da sua prática e nenhum tipo de apoio da sociedade, elas assumiram o terreno do amadorismo mesmo diante de uma relativa qualidade técnica que afirmaram ter. À medida que o tempo ia passando, estas jogadoras tinham que assumir outras responsabilidades incompatíveis com as práticas esportivas, distanciando-as cada vez mais de uma possível atuação profissional:

Foi acabando o treino, aí uma pessoa vai fazer uma coisa, vai fazer outra, aí as vezes uma ali já começou a trabalhar, por que a gente trabalhava cedo, e aí, por falta de incentivo, de não ter, não tinha um negócio, um torneio, um

campeonato néh, que a gente queria ver ganhar, ser campeã. Aí ficar treinando só para treinar, para bater bola [não tinha como].<sup>95</sup>

Esta questão também pode ser vista nos estudos de Almeida (2013), quando a autora apresenta a situação do time Radar<sup>96</sup> da cidade do Rio de Janeiro durante a década de 1980. As jogadoras entrevistadas nesta pesquisa destacam a falta de apoio não só da comunidade, como também por parte dos órgãos esportivos quando o time já participava profissionalmente de competições estaduais. Este fato ilustra o percurso histórico da atuação feminina no futebol do país, pois não bastava que essas jogadoras fossem boas de bola, as relações de poder e domínio estavam sempre voltadas para o sexo masculino, levando a um processo de negação da presença das mulheres naquele ambiente.

Ao trazer essa reflexão para o âmbito local da cidade de Guanambi é possível identificar que é a partir desse pressuposto que as relações com a memória da cidade são estabelecidas, pois elas determinam o lugar da mulher, fato que pode ser percebido através das memórias que mostram um ambiente conservador no qual mulher no esporte pode até existir, mas enquanto for algo exótico; quando se tratar de algo sério não deverá progredir, porque terá que casar, e não terá o respaldo.

Embora nesta pesquisa não tenha surgido relatos de interferência direta de namorados ou maridos na prática do futebol por essas entrevistadas, três delas expressaram, com naturalidade, ainda que de maneira implícita, sobre a construção de uma família, expressando, assim, a importância desta instituição para aquele contexto vigente, como apontado por Rogéria ao dizer que “[...] aí depois pronto, namorei, arrumei um namorado, naquela época namorava tinha que casar, casei nova aí engravidei tive que abandonar os esportes.”<sup>97</sup>

A forma como a entrevistada traz a questão do casamento exprime certa obrigação por parte das mulheres para que se enquadrem dentro do modelo padrão da sociedade local. Fugir disso seria uma espécie de transgressão ao que era imposto, e não que estas mulheres se enquadrassem completamente dentro destes padrões, mas em certas situações, como a do

---

<sup>95</sup> Depoimento de Rogéria Pereira dos Santos em entrevista realizada em 10 de fevereiro de 2020, na cidade de Guanambi-BA.

<sup>96</sup> O Esporte Clube Radar foi fundado em 1981 no Rio de Janeiro, tendo sua sede no bairro de Copacabana. O Radar representou durante a década de 1980 o principal clube do país: foi hexacampeão da Taça Brasil de Futebol Feminino, campeão do Torneio Brasileiro de Clubes em 1989, além de representar a Seleção Brasileira no mesmo ano em Campeonato Mundial. Para mais informações consultar ALMEIDA (2013).

<sup>97</sup> Depoimento de Rogéria Pereira dos Santos em entrevista realizada em 10 de fevereiro de 2020, na cidade de Guanambi-BA.

casamento, a sociedade direcionava pedagogicamente através de memórias femininas exaltadas, a fim de serem tomadas como exemplo, como é o caso de Leocádia.

A memória pedagógica presente na história de Leocádia expressa de maneira sutil, porém reiterada, na medida em que foi abrigada pelas tradições da igreja católica local, os lugares que uma mulher deve assumir dentro da cidade, transmitindo a ideia de que na medida em que essa pedagogia fosse ignorada consequências inevitáveis poderão surgir. Ao fazer um paralelo entre essa memória que exalta o protagonismo feminino e a prática profissional do futebol de mulheres em Guanambi é possível notar as limitações pelas quais as jogadoras eram submetidas, já que o fato de estarem envolvidas com o futebol, considerado prática masculina, seria uma espécie de transgressão do modelo imposto, assim como no caso da jovem Leocádia que saiu do seu seio familiar em busca de trabalho em um ambiente também considerado masculinizado.

O problema da falta de incentivos para as práticas esportivas femininas levantado por todas as entrevistadas também se constitui enquanto uma forma de invisibilizar a presença das mulheres nos esportes, principalmente no futebol. Mesmo que houvesse chances de se destacarem profissionalmente, não era interessante para a própria cidade que o futebol fosse representado por mulheres, daí a justificativa para que a seleção masculina obtivesse mais estrutura material, ainda que não tivesse tanta visibilidade na região. O maior investimento seria sempre para os homens que por muito tempo foram considerados obtentores tradicionais da prática futebolística. As reflexões atuais de Rogéria para esse fato é que “[...] gasta um absurdo com o time de Guanambi e não tem nada [...], eu creio que 10% do que eles gastam com o homem, se gastasse com a mulher teria muito mais coisa, muito mais resultado.”<sup>98</sup>

Porém, é possível perceber através das memórias vigentes na cidade, a dificuldade em abrir o espaço esportivo para as mulheres, fato que não se restringe apenas a esse contexto local, visto que a própria história oficial do país aponta para a proibição da prática do futebol por parte das mulheres. O decreto lei de abril de 1941 instituiu que as mulheres só poderiam praticar esportes compatíveis com as condições de sua natureza, e foi regulamentado no ano de 1965 identificando quais não caberiam ao sexo feminino, dentre eles estava o futebol. Essa lei foi revogada no ano de 1979 e regulamentada enquanto prática profissional somente em 1983, como aponta Almeida (2013):

---

<sup>98</sup> Depoimento de Rogéria Pereira dos Santos em entrevista realizada em 10 de fevereiro de 2020, na cidade de Guanambi-BA.

Somente em abril 1983 a CND<sup>99</sup> regulamentou o futebol de mulheres no país através da Deliberação 01/83. Entre as regras estavam: o tempo da partida em 70 minutos com intervalos de 15 a 20 minutos; a bola de diâmetro entre 62 e 66 centímetros e peso máximo de 390 gramas; as jogadoras devem usar chuteiras em travas metálicas ou pontiagudas; e não podem trocar de camisas com as adversárias após uma partida. Essa última regra se deve ao episódio ocorrido no Morumbi, quando Ruth Escobar trocou de camisa com uma das jogadoras da seleção paulista. (p.58).

No entanto, embora em 1965 tenha sido oficializada a proibição da presença das mulheres no futebol, elas não deixaram de atuar ainda que de maneira informal e longe dos ambientes regulamentados. Muitas mulheres continuaram suas práticas mesmo diante da imposição do estado. (GOELLNER, 2005a). Este veto em relação a presença das mulheres no futebol afetou diretamente no desenvolvimento profissional deste esporte no Brasil, fato que reflete até os dias atuais no que se refere à carência de recursos relacionados ao futebol feminino competitivo. (GOELLNER, 2005).

A própria constituição oficializada nacionalmente do lugar que as mulheres deveriam ocupar no esporte ou em tantos outros espaços da sociedade foi enraizada de tal forma no contexto local de Guanambi que quebrar esses paradigmas se tornou uma luta diária de cada uma por reconhecimento e aceitação em diferentes ambientes sociais. Como exemplo disso está a própria história de vida de Rogéria, que até hoje luta de diversas formas para reconquistar seu espaço no mundo do trabalho, isso por que teve seus negócios interrompidos em virtude das dificuldades surgidas em seu casamento e até mesmo devido aos problemas empresariais do ex-marido e que interferiram diretamente em prejuízos particulares. Uma mulher divorciada seguir sua vida e manter-se socialmente bem e economicamente estável não é algo simples, e não por que ela é incapaz, mas sim por que o sistema tradicionalista de sociedade pautada no modelo patriarcal de família tende a dificultar esse processo de todas as formas, marginalizando cada vez mais essa parcela da população.

Até mesmo o fato dos pedidos de divórcios, normalmente feitos pelas mulheres, já era considerado naquele contexto enquanto um problema que preocupava não só a sociedade, mas, também, as instituições religiosas, que ao longo da história possuíam certo domínio sobre os corpos, principalmente, femininos. Na reportagem a seguir, publicada no 14º número da revista Integração do Vale de 1994, são apresentadas algumas informações relacionadas às crises nos casamentos que levaram ao aumento dos divórcios na cidade de Guanambi no período de 1983 a 1993.

---

<sup>99</sup> O Conselho Nacional do Desporto foi um órgão administrativo extinto do Brasil em 1993, voltado para os esportes criado pelo Decreto-Lei n. 3.199/41.

Figura 7: Reportagem sobre crise nos casamentos em Guanambi

**Especial**

# Crise atinge os casamentos

*Na região do Vale do Algodão, o número de casamentos é menor que o de dez anos atrás e as separações conjugais aumentam. A recessão, a proximidade sexual e a pobreza podem ser os fatores que mais contribuem.*

**N**o interior do Vale do Algodão, há uma crise silenciosa. Há dez anos, o número de casamentos era maior que o de separações. Hoje, a situação é inversa. O número de casamentos caiu e o de separações aumentou. Isso acontece em toda a região do Vale do Algodão, que se estende por mais de 100 quilômetros de extensão. A crise atinge não apenas os casamentos, mas também as famílias. Há um aumento de divórcios e separações. Isso acontece em toda a região do Vale do Algodão, que se estende por mais de 100 quilômetros de extensão. A crise atinge não apenas os casamentos, mas também as famílias. Há um aumento de divórcios e separações. Isso acontece em toda a região do Vale do Algodão, que se estende por mais de 100 quilômetros de extensão.

**Os jovens estão, a cada dia, mais distantes de Deus.**

**Os números preocupam a Igreja Católica**

**Reflexões sobre Guanambi**

1. Como se explica o aumento dos casamentos e a queda das separações? Ou o contrário, que as casais, que tinham sido casados há dez anos, estão se separando? Ou o contrário, que as casais, que tinham sido casados há dez anos, estão se separando? Ou o contrário, que as casais, que tinham sido casados há dez anos, estão se separando?

**“Os meios de comunicação social exercem influência negativa muito forte”**

**“As condições infra-humanas de moradia, alimentação e saúde, não favorecem a formação de famílias sólidas, firmes e felizes”**

Fonte: Revista Integração do Vale

Fonte: Revista Integração do Vale

Nesta reportagem, os editores entrevistaram dois líderes religiosos, um vinculado ao catolicismo e o outro vinculado a uma igreja protestante da cidade de Guanambi, os quais atribuíram esse fato a diversos fatores, dentre eles a distância dos jovens para com Deus e a influência negativa dos meios de comunicação, como podemos ver no recorte abaixo:

[...] essa facilidade e liberdade, exageradas, do ato sexual antes do casamento afastam os jovens do compromisso com o casamento e consequentemente [...] as mulheres de hoje estão mais desamparadas, até mesmo de seus familiares, e diante disso elas acabam se casando com qualquer homem, sem mesmo conhecê-lo bem, e resulta num casamento mal sucedido, em brigas, adultérios e inevitavelmente a separação, além disto “os jovens estão, a cada dia, mais distantes de Deus.” [...] Não tem dúvidas que os Meios de Comunicação social, com sua poderosa força de persuasão, exercem uma influência negativa muito forte. (CRISE..., 1994, p.20-21).

Nota-se no trecho anterior que os próprios líderes religiosos se referem às mulheres como seres frágeis e que precisam de suporte social e, até mesmo, religioso para que estes problemas não as atinjam. Outro ponto relevante presente na reportagem é a utilização dos meios de comunicação como justificativa para estas problemáticas, visto que é a partir desses meios que a população, principalmente a juventude, começa a perceber o mundo à sua volta e assumem posicionamentos, muitas vezes, contrários ao sistema de imposições propostas por grandes instituições que detêm o poder hegemônico.

Outro ponto muito importante no percurso do time e que deve ser colocado em contraste com a própria memória da cidade é quanto à importância da figura masculina do

treinador para que o time fosse notado na sociedade. Enquanto as jogadoras treinaram sozinhas, não houve nenhum reconhecimento ou notoriedade social, só começaram a ser vistas a partir do momento em que foram representadas por um homem.

Nas pesquisas de Dornelles e Santos (2020), e de Moraes (2012), também foi evidenciada a influência do treinador para que o time se estabelecesse e adquirisse mais visibilidade por parte da sociedade. Segundo Dornelles e Santos (2020), foi só a partir do momento que o time de Amargosa teve um treinador que as pessoas pararam de negligenciá-las, até mesmo, em relação ao espaço e horário dos treinos. Isso nos leva a refletir sobre a presença masculina no contexto baiano, inclusive, no processo de inserção das mulheres no futebol. O mínimo de reconhecimento e visibilidade só eram possíveis mediante a presença de um homem como representante da equipe.

Ao perceber as relações de poder da sociedade e a forma como a memória opera no sentido de oferecer uma pedagogia do lugar da mulher em determinada cidade, neste caso Guanambi, é possível notar que o estudo a partir dos esportes oferece elementos para pensar questões maiores na cidade. Embora essas mulheres tenham buscado o futebol como um espaço de inserção, em determinado momento, elas fizeram uma opção de ter família e seguiram outros caminhos, reflexos dessa cultura local que estabelece o lugar que a mulher deve assumir.

## 5 CONCLUSÕES

Ao estudar as trajetórias de vida de mulheres guanambienses que atuaram no futebol durante a década de 1980, foi possível perceber a importância dos aspectos históricos de fundação e desenvolvimento da cidade para o entendimento acerca do principal objetivo deste trabalho que foi compreender os lugares destinados a elas perante a comunidade local. Evidentemente, os preconceitos e as dificuldades enfrentadas pelo sexo feminino dentro dos esportes, em especial do futebol, não se restringem apenas a esse contexto. No entanto, esta análise mais restrita permitiu compreender diversos fatores que são reflexos da história da própria sociedade.

Definidas como fontes primordiais para esta pesquisa, as narrativas das jogadoras e do técnico do time em que atuaram foram cruciais para o desenvolvimento da linha de raciocínio utilizada dentro das quatro seções do texto, desde os momentos introdutórios em que foi apresentado todo percurso metodológico e de escolha da temática, até o desenrolar dos fatos na última seção em que se estreita as relações entre a história da cidade e a curta trajetória destas mulheres no futebol.

A busca por pressupostos teóricos e contextuais acerca da inserção feminina nas práticas esportivas desencadeou uma série de reflexões que transcendem a mera prática dos esportes. Trata-se do estudo de um percurso histórico de lutas e desafios que não ficaram no passado, mas que estão presentes constantemente em coletivos e organizações, até mesmo da própria cidade de Guanambi, lócus desta discussão sobre o futebol de mulheres.

Por se situar em local que era passagem de viajantes e exploradores do sertão nordestino no século XIX, a cidade de Guanambi, localizada no sudoeste baiano, começou a ser povoada a partir destas movimentações de pessoas, e, ao longo dos tempos, adquiriu um bom crescimento social e econômico, tornando-se um dos principais polos industriais da região atualmente. Sua memória oficial carrega a imagem do fazendeiro Joaquim Dias Guimarães enquanto responsável pela fundação da pequena vila que posteriormente se tornaria cidade. Esta memória foi materializada através da Fundação Joaquim Dias Guimarães, a qual comporta alguns artefatos que pertenceram ao fazendeiro, e do seu túmulo, localizado no interior de uma residência no centro da cidade e, recentemente, tombado pela prefeitura enquanto patrimônio cultural do município.

Foi diante desse contexto histórico de uma cidade marcada pela forte presença masculina e, conseqüentemente, do patriarcado, que as mulheres entrevistadas nesta pesquisa

foram, na década de 1980, buscar o seu espaço a partir da prática esportiva do futebol, modalidade culturalmente masculinizada.

Iniciada nas ruas em meio ao convívio entre amigos, a prática do futebol por essas mulheres ganhou força a partir do momento em que iniciaram no colegial, atual ensino médio, porta de entrada para uma curta, porém intensa, atuação nesse esporte. Foi a partir das competições organizadas dentro das aulas de Educação Física que o time se formou e começou a participar de campeonatos entre cidades. Estes campeonatos se tornaram palcos de muitos momentos marcantes, principalmente, para as jogadoras, que não hesitam em afirmar que onde jogavam conseguiam a vitória.

A partir do momento em que começaram a ser notadas pela sociedade, os preconceitos se tornaram evidentes e suas características físicas foram colocadas em debate, a fim de definir que esse espaço não deveria ser ocupado por elas. O contato com a bola ia de encontro ao discurso social de que a mulher deveria se preservar para a maternidade, pois, um confronto em campo poderia colocar em risco sua capacidade de gerar filhos ou amamentar. Apesar de esses fatores terem influenciado no afastamento da maioria das entrevistadas dos esportes, outro motivo indicado por elas para o não prosseguimento do time na cidade foi a falta de incentivo por partes de órgãos públicos e federações esportivas.

As narrativas e as discussões teóricas ao longo da pesquisa permitem identificar que a visibilidade do futebol na cidade, assim como no país como um todo, era direcionada para as equipes masculinas, detentores do direito de assumirem os estádios, possuírem uniformes completos, melhores espaços e horários para treinos. Na maioria das vezes, os materiais utilizados pelos times femininos pertenciam aos times masculinos. À mulher, era dado o direito apenas de brincar de ser jogadoras, quando o assunto era profissionalismo, o destaque era todo para os homens, principalmente, na cidade de Guanambi que já carregava em sua história esses aspectos tradicionalistas.

Tais aspectos refletiram na trajetória de vida das entrevistadas, pois cresceram em meio a uma construção social de exaltação do masculino, em que só estes tinham liberdade para ocuparem os espaços que desejassem sem que houvesse qualquer tipo de questionamento. A presença de uma mulher no futebol na década de 1980 era algo inusitado, uma transgressão dos costumes sociais difundidos por décadas ao longo da história. Afinal, as mulheres estavam abandonando o posto a elas estabelecidos, o lar.

Para as mulheres guanambienses que se aventuraram e dedicaram a este esporte, a transgressão de regras e costumes sociais foi apenas um meio de conseguirem exercer suas próprias vontades. Aproveitaram todas as oportunidades que apareceram, mesmo que

mínimas, para inserirem no futebol, seja brincando com irmãos e amigos na rua ou participando de jogos escolares, esse foi o caminho encontrado por elas em busca de reconhecimento enquanto jogadoras.

O mundo do futebol para essas mulheres ficou gravado em suas memórias como uma época muito importante das suas vidas, em que brincaram, se divertiram, competiram, tiveram muitas vitórias e, acima de tudo, viveram momentos marcantes que permeiam suas lembranças e que só existem porque elas foram além de um tempo e de costumes sociais impostos. A presença das mulheres no futebol, até os dias de hoje, se configura como uma luta que no contexto da década de 1980 estava apenas iniciando, e essas mulheres fizeram parte desse movimento ao se posicionarem impondo seus lugares perante uma sociedade local conservadora.

Diante disso, essas jogadoras se tornaram pioneiras no futebol guanambiense, não só por ser uma modalidade direcionada aos homens, mas porque elas tentaram/tentam quebrar a lógica da pedagogia que a sociedade e a própria igreja estabelecem em relação ao lugar da mulher. Para uma cidade que deseja se pautar pela moral e bons costumes, não é interessante atribuir relevância a Belarmina e Florinda, pois isso remete sua origem à prostituição. Nesse sentido, o lugar da mulher não é no futebol, não é no esporte, é dentro de casa cuidando dos filhos.

Estas mulheres são frutos de um tempo histórico e carregam as marcas de uma memória que estabelece o lugar da mulher. Embora tenham conseguido um relativo sucesso no esporte, esse sucesso veio pela influência masculina nesse meio, seja através da figura do técnico e do auxiliar dando suporte ao time ou com a presença dos comerciantes e empresários que concediam os patrocínios. Desta forma, esse relativo sucesso tinha um prazo de validade diretamente relacionado com o período em que essas mulheres deveriam retornar para aquilo que era desejado na cidade em relação ao lugar da mulher, o lugar de mãe e dona de casa.

Por isso, é tão importante ressaltar o protagonismo e a resistência dessas mulheres que assumiram um lugar no futebol em uma cidade interiorana com fortes aspectos rurais. Se reuniram em grupo para disputarem diversos jogos, nos quais obtiveram destaque em muitos deles, e isso tudo em meio a um cenário pouco favorável à inserção das mulheres nos esportes. Mas, embora essas jogadoras tenham tido a oportunidade de atuar no futebol, outros espaços lhes foram negados, como a discussão da sexualidade e do gênero, questões importantes para o processo histórico de luta das mulheres na sociedade.

Para que este ciclo de debates não se esgote é necessário que não paremos de lutar e que saibamos aproveitar cada ponto importante a ser discutido, pois, durante um processo de investigação em que a (o) pesquisadora (o) se debruça sobre determinado objeto de pesquisa com suas delimitações de objetivos a serem respondidos, certamente outros questionamentos relevantes emergem durante o percurso. Problemas estes que não seriam percebidos sem que os primeiros passos fossem dados.

As discussões desenvolvidas nesta pesquisa deixaram em aberto possibilidades de futuros debates, entre eles, sobre a própria categoria mulher, que engloba diversas problematizações acerca da forma como a cidade lida com estas questões, principalmente dentro da memória de Leocádia e Belarmina. Outro caminho deixado se refere à importância da Educação Física escolar para a cultura do movimento, já que as jogadoras entrevistadas aprenderam a fazer esporte nestas aulas, foram momentos de sociabilidade em que elas buscaram estratégias para continuar fazendo alguma atividade, mesmo que não fosse o futebol.

E por fim, lançar mão dessas memórias demonstra a importância de se discutir o futebol de mulheres hoje na cidade. A trajetória de vida de cada jogadora aqui entrevistada pode inspirar e motivar a geração atual que, mesmo ainda sofrendo com a dificuldade de reconhecimento nesse meio, possui maiores perspectivas do que na década de 1980. Tornar pública essas memórias é uma forma de fortalecer a prática do futebol enquanto possibilidade de atuação profissional de muitas jovens guanambienses que sonham em atuar nos grandes times.

Enquanto mulher, pesquisadora e professora, posso destacar que este trabalho não cessa suas contribuições neste momento, a intenção é que se constitua enquanto fonte de pesquisa para outros estudos, debates e reflexões acerca da mulher e seu lugar no futebol e na sociedade. Desta forma, esta conclusão não encerra o trabalho, apenas conclui uma etapa no processo de reconhecimento e enaltecimento de trajetórias femininas em meio a sociedade brasileira, em especial a sociedade guanambiense.

## FONTES

### Orais:

1. Maria Aparecida da Silva Neves, entrevistada em 29 de janeiro de 2020 na cidade de Guanambi-BA.
2. Rogéria Pereira dos santos, entrevistada em 10 de fevereiro de 2020 na cidade de Guanambi-BA.
3. Risalva Magalhães de Oliveira, entrevistada em 12 de março de 2020 na cidade de Guanambi-BA.
4. Natalina de Melo Fernandes, entrevistada em 09 de setembro de 2020 na cidade de Guanambi-BA.
5. José Carlos Silva Santos, entrevistado em 16 de setembro de 2020 na cidade de Guanambi-BA.

### Revistas:

1. GUANAMBI guarda histórias tão ricas quanto a sua própria terra. **Revista Integração do Vale**. Guanambi, ano I, n. 7, agosto, 1993.
2. CRISE atinge os casamentos. **Revista Integração do Vale**. Guanambi, ano II, n.14, maio/junho, 1994.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **História oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: FGV, 1990.
- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi, (org.). **Fontes Orais**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 155-202.
- ALMEIDA, Caroline Soares de. **BOAS DE BOLA**: Um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2013.
- ANDRADE, Marcelo Teixeira de et al. Análise dos gols do Campeonato Brasileiro de 2008 - Série A. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. 37 (1): 49-55. 2015.
- BAHIA, Secretaria de Cultura do Estado da (SECULT). **Plano de Desenvolvimento Territorial Rural Sustentável e Solidário do Território Sertão Produtivo**. Guanambi, 2016.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. Programa para uma sociologia do esporte. In: BOURDIEU, Pierre: **Coisas ditas**. São Paulo, Brasiliense, 2004, p. 207-220.
- BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco zero, 1983, p. 136-153.
- CABRAL, Francisco; DÍAZ, Margarita. Relações de gênero. In: SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BELO HORIZONTE; fundação odebrecht. **Cadernos afetividade e sexualidade na educação**: um novo olhar. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Rona Ltda, 1998, p. 142-150.
- CASSAB, Latif Antonia; RUSCHEINSKY, Aloísio. Indivíduo e ambiente: a metodologia de pesquisa da história oral. **Biblos**, Rio Grande, 16: 7-24, 2004.
- COTRIM, Dário Teixeira. **História primitiva de Guanambi**. Montes Claros-MG: Editora Cotrim Ltda. 2012.
- CRUIKSHANK, Julie. Tradição oral e história oral: revendo algumas questões. In: AMADO, Janaína.; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p.149-164.
- DAOLIO, Jocimar. **Educação Física brasileira**: autores e atores da década de 80. Tese (Doutorado em Educação Física) - FEF/UNICAMP, Campinas, 1997.
- DARIDO, Suraya Cristina. Futebol Feminino no Brasil: do seu início à prática pedagógica. **Motriz**. Rio Claro, v. 8, n. 2, 2002.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

DICIO, Dicionário Online de Português. **Porto**: 7Graus, 2020. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/ladainha/>>. Acesso em: 04/03/21.

DORNELLES, Priscila Gomes; SANTOS, Jilvania Santana dos. Narrativas de mulheres-jogadoras do interior baiano: rastros generificados do futebol feminino amador em Amargosa/BA. In: KESSLER, Cláudia Samuel; COSTA, Leda Maria da; PISANI, Mariane da Silva (Org.). **As mulheres no universo do futebol brasileiro**. Santa Maria –RS: Editora UFSM, 2020, p.69-87.

FIGUEIRÔA, Silvia Fernanda de Mendonça. “Metais aos pés do trono”: exploração mineral e o início da investigação da terra no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n.71, p. 10-19, set/nov, 2006.

FORMENTIN, Claudia Nandi. Toda nação tem seu rei: a construção do imaginário mítico do ex-jogador do flamengo, Zico. **Revista Memorare**, Tubarão, SC, v. 2, n. 3, p. 80-90, maio/agosto, 2015

FREIRE, Diego José Fernandes. O (des) encontro entre História e Memória. **Revista História da Historiografia**, Ouro Preto, n. 21, p.132-139, 2016.

GODINHO, Alexandre Lima; GODINHO, Hugo Pereira. Breve visão do São Francisco. In: GODINHO, Alexandre Lima; GODINHO, Hugo Pereira (Org.). **Águas, peixes e pescadores do São Francisco das Minas Gerais**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2003, p. 15-24.

GOELLNER, Silvana Vilodre; KESSLER, Claudia Samuel. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil. **Revista USP**, p. 31-38, 2018.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun. 2005

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**, Goiás, v. 8, n. 1, p. 85-100, jan./jun. 2005a.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Bela, maternal e feminina**: imagens da mulher na Revista Educação Physica. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Campinas, Campinas-SP, 1999.

GOULART, Tiago Martins. **As Histórias marginais**: os memorialistas e a produção de conhecimento histórico no interior do Rio Grande do Sul. Tese (Doutorado em História). Universidade de Passo Fundo. Passo Fundo, 2007.

GUANAMBI (Cidade). Lei nº 1.235 de 14 de maio de 2019. Dispõe sobre o tombamento do túmulo de Joaquim Dias Guimarães, instalado no imóvel localizado à Rua Sete de Setembro. Nº 151, centro, neste município, e estabelece outras providências. **Diário Oficial do Município de Guanambi**, Bahia, 27 maio. 2019.

GUIMARÃES, Elísio Cardoso. **Leocádia**: romance histórico. Salvador: Ed.Arembepe Ltda., 1991.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Ed. Vértice, 1990.

HASS JÚNIOR, Arnaldo. Histórias locais, produtores de história e os usos do passado: reflexões sobre o contexto catarinense. **Fronteiras**: Revista Catarinense de História, Florianópolis, n.17, p.57-76, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE, 1958. 398 p.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**: uma perspectiva pós estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2001.

MAGALHÃES, Andrea Seixas; CARNEIRO, Terezinha Féres. Conjugalidade e subjetividades contemporâneas: o parceiro como instrumento de legitimação do “eu”. In: **Anais...** Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial, Rio de Janeiro 2003. Disponível em: [http://egp.dreamhosters.com/encontros/mundial\\_rj/download/5a\\_Carneiro\\_39020903\\_port.pdf](http://egp.dreamhosters.com/encontros/mundial_rj/download/5a_Carneiro_39020903_port.pdf)

MARQUES, Tiago. Barragem de Ceraíma chega a quase 99% da capacidade. **Agência Sertão**, 2020. Disponível em: <https://agenciasertao.com/2020/04/18/barragem-de-ceraima-chega-a-quase-99-da-capacidade-veja-fotos-e-videos/>. Acesso em: 04/03/2021.

MORAES, Enny Vieira. **As mulheres também são boas de bola**: histórias de vida de jogadoras baianas (1970-1990). Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

MORAES, Enny Vieira; ROQUE, Zuleika Stefânia Sabino. Sisi, a craque sem história: fragmentos sobre o futebol feminino no Brasil (1984 – 1989). **Revista eletrônica discente história.com**. v. 2, n. 4, 2014.

MOURA, Eriberto Jose Lessa de. **As relações entre lazer, futebol e gênero**. 135 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP, 2003. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/274928>>. Acesso em: fev. 2021.

NASCIMENTO, Andrew Feitosa do. Os primeiros grupos de afirmação homossexual no Brasil contemporâneo. **Albuquerque** – Revista de História. v. 7, n. 13, p. 62-84, jan.-jun./2015.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. Projeto História. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP**, n. 10. São Paulo, dez., 1993

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. Educação Física escolar e ditadura militar no Brasil (1968-1984): história e historiografia. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.28, n.1, p. 51-75, jan./jun. 2002.

OLIVEIRA, Polliana Bezerra de; PEREIRA, Sofia Rebouças Neta. O comércio formal do município de Guanambi/Ba e sua influência na microrregião. In: **Anais...** V Congresso Norte/Nordeste de Pesquisa e Inovação. Maceió: IFAL, 2010. Disponível em: <http://congressos.ifal.edu.br/index.php/connepi/CONNEPI2010/paper/viewFile/1564/789>

PEREIRA, Thiaquelliny Teixeira. **Memória e discurso religioso: a fé na “Santa Leocádia” de Guanambi – BA.** Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Vitória da Conquista, 2010.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres.** [Tradução: Ângela M. S. Corrêa] – 2. ed., 6ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2019.

PIRES, Roberto Gondim; ROCHA JÚNIOR, Coriolano Pereira da; MARTA, Felipe Eduardo Ferreira. Primeiro curso de educação física na Bahia – trajetórias e personagens. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 36, n. 1, p. 205-223, jan./mar. 2014 205

PISANI, Mariane da Silva. **Poderosas do foz: trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol.** Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2012.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 03-15.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho.** Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. São Paulo: Projeto História, 1997.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930.** 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

RAMOS, Suellen dos Santos. **Futebol e mulheres no Rio Grande do Sul: a trajetória esportiva de Eduarda Marranghello Luizelli (Duda).** Dissertação (Mestrado em Ciência do Movimento Humano). Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016.

SILVEIRA, Raquel da. **Esporte, homossexualidade e amizade: estudo etnográfico sobre o associativismo no futsal feminino.** Dissertação (mestrado em ciências do movimento humano) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Porto Alegre, 2008.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade.** Tradução de Guacira Lopes Louro, versão em francês. Revisão de Tomaz Tadeu da Silva, de acordo com o original em inglês. Porto Alegre, v.20, n. 2, p.71-99, jul./dez. 1995.

SILVA, Antônio César Silva. **A trajetória de vida de Luiz Caldas: ascensão, inflexão e retomada.** Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade). Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2009.

SOUZA, Maryana Gonçalves; MIGUEL, Antonieta. Colégio estadual governador Luiz Viana Filho (1956-1994): história, arquivo escolar e produção de catálogo de fontes. **Rev. Iberoam. Patrim. Histórico-Educativo**, Campinas (SP), v. 2, n. 3, p. 192-210, jul./dez. 2016.

SOUZA, Graciete da Silva de et al. Sentidos de mulher negra nos domínios da temporalidade: uma escravidão ainda por findar-se (?). **Revista Philologus**, Ano 26, n. 78 Supl. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez.2020.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de. **Futebol como projeto profissional de mulheres: interpretações da busca pela legitimidade**. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2013. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/275104>. Acesso em: 29 jan. 2021.

STALBERG, Lara Tejada. **Mulheres em campo: novas reflexões acerca do feminino no futebol**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2011.

TEIXEIRA, Domingos Antônio. **Respingos Históricos**. Salvador: Gráfica e Editora Arembepe, 1991.

TEIXEIRA, Maria Soares; TEIXEIRA, José Bonifácio. **Guanambi: Histórias, memórias e retratos de várias épocas**. Guanambi: Próprios autores, 2019.

TÚMULO de Joaquim Dias Guimarães vira Patrimônio Histórico do Município de Guanambi. **Agência Sertão**. Guanambi, 28 de maio de 2019. Disponível em: <https://agenciasertao.com/2019/05/28/tumulo-de-joaquim-dias-guimaraes-vira-patrimonio-historico-do-municipio-de-guanambi/>. Acesso em: 11/11/2020.

VERON, Maelly da Silva. Heleieth I. B. Saffiotti (1934-2010): contribuições norteadoras para pesquisa sobre violência doméstica e intrefamiliar contra a mulher. In: **Anais... 8º Encontro de Ensino Pesquisa e Extensão da UFGD e 5º Encontro de Pesquisa e Extensão da UEMS**. Dourados: UFGD, 2014. Disponível em: <http://eventos.ufgd.edu.br/enepex/anais/arquivos/242.pdf>

**ANEXO A – Roteiro da entrevista**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA: LINGUAGEM E  
SOCIEDADE**

**Memória das praticantes de Futebol feminino na cidade de Guanambi-Bahia**

Orientador: Felipe Eduardo Ferreira Marta

Mestranda: Nivalda Pereira Coelho

**VITÓRIA DA CONQUISTA**

**2019**

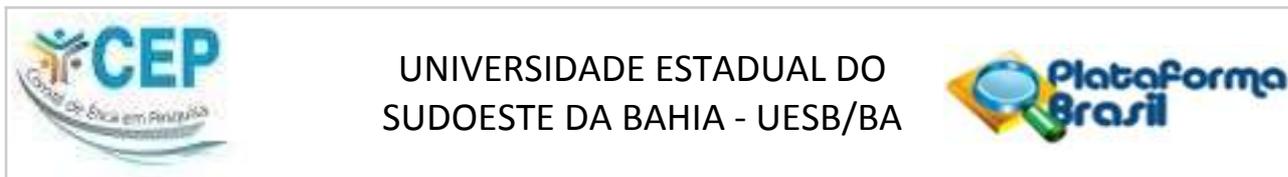


**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA: LINGUAGEM E**  
**SOCIEDADE**

**Roteiro de entrevista**

- 1- Relação com esportes ao longo da vida
- 2- Envolvimento com a prática do futebol
- 3- Participação da família e de amigos na prática do futebol
- 4- Práticas corporais femininas e masculinas
- 5- Preconceito no esporte feminino
- 6- Esporte e orientação sexual
- 7- Espaço da mulher na cidade de Guanambi

## ANEXO B – Parecer de aprovação pelo Comitê de Ética



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Memória das praticantes de Futebol feminino na cidade de Guanambi-Bahia

Pesquisador: Nivalda Pereira Coelho

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 25834619.9.0000.0055

Instituição Proponente: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

Patrocinador Principal: FUND COORD DE APERFEICOAMENTO DE PESSOAL DE NIVEL SUP

### DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.735.311

#### Apresentação do Projeto:

Segundo a pesquisadora, “este projeto tem por objetivo utilizar da memória como fonte para analisar os motivos que incentivaram a prática esportiva das primeiras jogadoras de futebol de Guanambi-BA, bem como investigar os fatores que as levaram a esta prática. Trata-se de um estudo que utiliza da abordagem qualitativa baseada na história oral, composta por um quantitativo entre 10 e 30 ex-praticantes de futebol feminino da cidade em estudo. Para a coleta de dados será utilizada uma entrevista semiestruturada realizada individualmente, que coletará opiniões e relatos de sua história de vida, mediante temas como envolvimento com esportes, preconceito, sexualidade, participação da família e o espaço da mulher na sociedade em que vive. Outro instrumento que será utilizado são os documentos presentes nas sedes dos primeiros ginásios esportivos, instituições educacionais, arquivos públicos e instituições públicas que dispuserem de elementos históricos que sejam úteis para a pesquisa. Os dados coletados serão analisados a partir da análise de conteúdo”.

#### Objetivo da Pesquisa:

“Objetivo Primário: Utilizar da memória como fonte para analisar os motivos que incentivaram a prática esportiva das primeiras jogadoras de futebol de Guanambi-BA.

Objetivo Secundário: Investigar os fatores que as levaram a esta prática, além de responder aos questionamentos sobre a existência de preconceitos relacionados ao futebol feminino na cidade, a presença do coronelismo e do patriarcado e os lugares destinados a mulher na sociedade local”



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO  
SUDOESTE DA BAHIA - UESB/BA



**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Os riscos e benefícios encontram-se bem delimitados, não havendo necessidade de acréscimos ou retificações.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Pesquisa de Mestrado vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMLS) da UESB.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Todos os termos apresentados encontram-se de acordo com as exigências deste Comitê de Ética e em conformidade com a resolução nº 510/2016.

**Recomendações:**

Não há.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Sem pendências ou inadequações.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Em reunião de 28.11.2019, a plenária do CEP/UESB aprova o parecer do relator.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1446417.pdf	14/11/2019 19:11:03		Aceito
Outros	Autorizacao_para_coleta3.pdf	14/11/2019 19:10:27	Nivalda Pereira Coelho	Aceito
Outros	autorizacao_para_coleta_2.pdf	14/11/2019 19:10:10	Nivalda Pereira Coelho	Aceito
Outros	autorizacao_para_coleta_1.pdf	14/11/2019 19:09:49	Nivalda Pereira Coelho	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	14/11/2019 19:06:51	Nivalda Pereira Coelho	Aceito

Outros	uso_de_imagem_e_depoimentos.pdf	30/10/2019 21:44:42	Nivalda Pereira Coelho	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	30/10/2019 21:39:02	Nivalda Pereira Coelho	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	30/10/2019 21:37:43	Nivalda Pereira Coelho	Aceito

Outros	Roteiro_de_entrevista.pdf	22/10/2019 17:14:19	Nivalda Pereira Coelho	Aceito
Declaração de Pesquisadores	termo_de_compromisso.pdf	22/10/2019 17:12:58	Nivalda Pereira Coelho	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	22/10/2019 17:06:50	Nivalda Pereira Coelho	Aceito

Situação do Parecer:  
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:  
Não

JEQUIE, 29 de Novembro de 2019

---

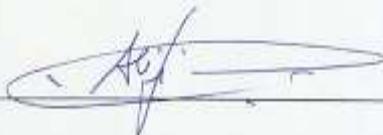
**Assinado por:**  
**Douglas Leonardo Gomes Filho (Coordenador(a))**

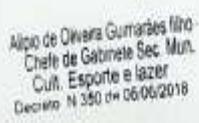
## ANEXO C – Autorizações para coleta de dados

**AUTORIZAÇÃO PARA COLETA DE DADOS**

Eu, Alcino de Oliveira Guimarães Filho, ocupante do cargo de Chefe de Gabinete do(a) Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer,  
**AUTORIZO** a coleta de dados do projeto **Memória das praticantes de Futebol feminino na cidade de Guanambi-Bahia** da pesquisadora Nivalda Pereira Coelho após a aprovação do referido projeto pelo CEP/UESB.

Guanambi, 14 de Novembro de 2019

ASSINATURA: 

CARIMBO: 

## AUTORIZAÇÃO PARA COLETA DE DADOS

Eu, Almeida Vinha da sato, ocupante do cargo  
de PROFESSOR do(a) ESCOLINHA F. S. D. VERDÃO,

AUTORIZO a coleta de dados do projeto **Memória das praticantes de Futebol feminino na cidade de Guanambi-Bahia** da pesquisadora Nivalda Pereira Coelho após a aprovação do referido projeto pelo CEP/UESB.

Guanambi, 12 de setembro de 2019

ASSINATURA: Almeida Vinha da sato

CARIMBO:

<b>ESCOLINHA DE FUTEBOL SOCIEDADE DESPORTIVA VERDÃO</b>		Vencimento ____/____/____
Praça Manoel Novais, 426 - Centro - Cel.: (77) 9997 3-7988 - Guanambi - BA		Valor
<b>FOLHA DE MENSALIDADE</b>		<b>R\$</b>
Nome		Multa
Endereço		
Responsável		Total
Referente ao mês de		
Valor da mensalidade		
<b>ESCOLINHA DE FUTEBOL SOCIEDADE DESPORTIVA VERDÃO</b>		
<small>Obs.: Após vencimento juros de R\$ 0,14 centavos ao dia, suspensão do aluno após 30 dias de atraso na mensalidade.</small>		
<small>PRAÇA MANOEL NOVAIS - CENTRO - FONE (77) 9997 3-7988</small>		



**PREFEITURA MUNICIPAL DE CAETITÉ**  
**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA -**  
**CAMPUS VE - CAETITÉ**  
**ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE CAETITÉ**



**PREFEITURA DE**  
**CAETITÉ**

## AUTORIZAÇÃO PARA COLETA DE DADOS

Eu, Rosália Junqueira Aguiar Rodrigues, ocupante do cargo de Superintendente do Arquivo Público Municipal de Caetité - APMC, **AUTORIZO** a coleta de dados do projeto **Memória das praticantes de Futebol feminino na cidade de Guanambi-Bahia** da pesquisadora Nivalda Pereira Coelho após a aprovação do referido projeto pelo CEP/UESB.

Caetité, 12 de novembro de 2019

Atenciosamente,

**Rosália Junqueira Aguiar Rodrigues**  
Superintendente do APMC  
Port. 058 de 13/03/2019

## **ANEXO D – Termos de Consentimento Livre e Esclarecido**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE** Conforme Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde – CNS

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “Memória das praticantes de Futebol feminino na cidade de Guanambi-Bahia ”. Neste estudo pretendemos analisar os motivos que incentivaram a prática esportiva das primeiras jogadoras de futsal de Guanambi-Bahia.

O que nos leva a estudar esse assunto é debater sobre a influência do gênero nas questões esportivas a fim de trazer uma maior valorização da imagem feminina no esporte, seja em âmbito profissional ou amador, além de investigar as relações existentes entre a prática do futebol feminino e os espaços destinados a mulher na sociedade guanambiense.

A pesquisa será realizada com as primeiras atletas femininas de futebol da cidade de Guanambi-Ba, e como amostra, serão selecionadas no máximo 30 e no mínimo 10 mulheres que se dispuserem a participar e que atendam aos critérios de inclusão.

Para este estudo adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): Será realizada individualmente uma entrevista semiestruturada, registrada por um gravador de voz no intuito de captar todos os detalhes dos depoimentos prestados. A entrevista proporcionará a coleta de opiniões e relatos de experiência sobre temas como preconceitos, sexualidade, incentivos, práticas corporais e esportes. Outro instrumento que será utilizado são os documentos presentes nas sedes dos primeiros ginásios esportivos ou em instituições públicas. Este instrumento permitirá a coleta de informações primárias, como nomes das primeiras atletas, seus treinadores, as equipes em que atuavam.

Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido(a) em todas as formas que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. Você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. Mesmo não sendo previsto, caso tenha gastos decorrentes da pesquisa, será ressarcido(a), assim como, caso sofra qualquer dano decorrente da sua participação nessa pesquisa será indenizado.

A sua participação é voluntária e a recusa em participar não causará qualquer punição ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade

com padrões profissionais e éticos. Por se tratar de um trabalho que utiliza da memória, sua identificação é necessária para posteriores publicações, visto que, para esta pesquisa optaremos pelos relatos orais, e para que eles tenham sustentabilidade faz-se necessário identificar de quem se trata. Este estudo apresentará riscos mínimos, o que poderá ocorrer serão desconfortos ou constrangimentos no momento da entrevista. Porém, a pesquisadora se compromete a prestar auxílio em tal situação, sendo cautelosa para evitar esse tipo de acontecimento. Os benefícios deste estudo será a socialização dos resultados da pesquisa junto as participantes.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizados. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma das vias será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, Marin Aparecida da Silva Neves fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e posso modificar a decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma via deste termo de consentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Jequié-BA 29 de Jan de 2020.

Marin Aparecida da Silva Neves  
Assinatura do(a) participante da pesquisa

Impressão digital

Nivalda Pereira Coelho  
Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável



Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

**Pesquisador(a) Responsável: Nivalda Pereira Coelho**  
Endereço: Estrada do Bem Querer, km 4, Caixa postal 95  
Fone: (77) 3425-9395 / E-mail: nyvia.uneb@outlook.com

**CEP/UESB- Comitê de Ética em Pesquisa**  
Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, 1º andar do Centro de Aperfeiçoamento Profissional Dalva de Oliveira Santos (CAP), Jequezinho, Jequié-BA. CEP 45208-091.  
Fone: (73) 3528-9600 (ramal 9727) / E-mail: cepjq@uesb.edu.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE  
Conforme Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde – CNS

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “Memória das praticantes de Futebol feminino na cidade de Guanambi-Bahia ”. Neste estudo pretendemos analisar os motivos que incentivaram a prática esportiva das primeiras jogadoras de futsal de Guanambi-Bahia.

O que nos leva a estudar esse assunto é debater sobre a influência do gênero nas questões esportivas a fim de trazer uma maior valorização da imagem feminina no esporte, seja em âmbito profissional ou amador, além de investigar as relações existentes entre a prática do futebol feminino e os espaços destinados a mulher na sociedade guanambiense.

A pesquisa será realizada com as primeiras atletas femininas de futebol da cidade de Guanambi-Ba, e como amostra, serão selecionadas no máximo 30 e no mínimo 10 mulheres que se dispuserem a participar e que atendam aos critérios de inclusão.

Para este estudo adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): Será realizada individualmente uma entrevista semiestruturada, registrada por um gravador de voz no intuito de captar todos os detalhes dos depoimentos prestados. A entrevista proporcionará a coleta de opiniões e relatos de experiência sobre temas como preconceitos, sexualidade, incentivos, práticas corporais e esportes. Outro instrumento que será utilizado são os documentos presentes nas sedes dos primeiros ginásios esportivos ou em instituições públicas. Este instrumento permitirá a coleta de informações primárias, como nomes das primeiras atletas, seus treinadores, as equipes em que atuavam.

Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido(a) em todas as formas que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. Você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. Mesmo não sendo previsto, caso tenha gastos decorrentes da pesquisa, será ressarcido(a), assim como, caso sofra qualquer dano decorrente da sua participação nessa pesquisa será indenizado.

A sua participação é voluntária e a recusa em participar não causará qualquer punição ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais e éticos. Por se tratar de um trabalho que utiliza da memória, sua

identificação é necessária para posteriores publicações, visto que, para esta pesquisa optaremos pelos relatos orais, e para que eles tenham sustentabilidade faz-se necessário identificar de quem se trata. Este estudo apresentará riscos mínimos, o que poderá ocorrer serão desconfortos ou constrangimentos no momento da entrevista. Porém, a pesquisadora se compromete a prestar auxílio em tal situação, sendo cautelosa para evitar esse tipo de acontecimento. Os benefícios deste estudo será a socialização dos resultados da pesquisa junto as participantes.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizados. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma das vias será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, Regina Pereira Santos fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e posso modificar a decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma via deste termo de consentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Jequié-BA 10 de fevereiro de 2020.

Regina P Santos  
Assinatura do(a) participante da pesquisa

Impressão digital



Nivalda Pereira Coelho  
Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

**Pesquisador(a) Responsável: Nivalda Pereira Coelho**  
Endereço: Estrada do Bem Querer, km 4, Caixa postal 95  
Fone: (77) 3425-9395 / E-mail: nyvia.uneb@outlook.com

**CEP/UESB- Comitê de Ética em Pesquisa**  
Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, 1º andar do Centro de Aperfeiçoamento Profissional Dalva de Oliveira Santos (CAP), Jequiezinho, Jequié-BA, CEP 45208-091.  
Fone: (73) 3528-9600 (ramal 9727) / E-mail: cepjq@uesb.edu.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE  
Conforme Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde – CNS

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “Memória das praticantes de Futebol feminino na cidade de Guanambi-Bahia ”. Neste estudo

pretendemos analisar os motivos que incentivaram a prática esportiva das primeiras jogadoras de futsal de Guanambi-Bahia.

O que nos leva a estudar esse assunto é debater sobre a influência do gênero nas questões esportivas a fim de trazer uma maior valorização da imagem feminina no esporte, seja em âmbito profissional ou amador, além de investigar as relações existentes entre a prática do futebol feminino e os espaços destinados a mulher na sociedade guanambiense.

A pesquisa será realizada com as primeiras atletas femininas de futebol da cidade de Guanambi-Ba, e como amostra, serão selecionadas no máximo 30 e no mínimo 10 mulheres que se dispuserem a participar e que atendam aos critérios de inclusão.

Para este estudo adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): Será realizada individualmente uma entrevista semiestruturada, registrada por um gravador de voz no intuito de captar todos os detalhes dos depoimentos prestados. A entrevista proporcionará a coleta de opiniões e relatos de experiência sobre temas como preconceitos, sexualidade, incentivos, práticas corporais e esportes. Outro instrumento que será utilizado são os documentos presentes nas sedes dos primeiros ginásios esportivos ou em instituições públicas. Este instrumento permitirá a coleta de informações primárias, como nomes das primeiras atletas, seus treinadores, as equipes em que atuavam.

Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido(a) em todas as formas que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. Você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. Mesmo não sendo previsto, caso tenha gastos decorrentes da pesquisa, será ressarcido(a), assim como, caso sofra qualquer dano decorrente da sua participação nessa pesquisa será indenizado.

A sua participação é voluntária e a recusa em participar não causará qualquer punição ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais e éticos. Por se tratar de um trabalho que utiliza da memória, sua identificação é necessária para posteriores publicações, visto que, para esta pesquisa optaremos pelos relatos orais, e para que eles tenham sustentabilidade faz-se necessário identificar de quem se trata. Este estudo apresentará riscos mínimos, o que poderá ocorrer serão desconfortos ou constrangimentos no momento da entrevista. Porém, a pesquisadora se compromete a prestar auxílio em tal situação, sendo cautelosa para evitar esse tipo de acontecimento. Os benefícios deste estudo será a socialização dos resultados da pesquisa junto as participantes.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizados. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma das vias será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, Rivalva Magalhães de Oliveira fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e posso modificar a decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma via deste termo de consentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Jequié-BA 12 de Março de 2010.

Rivalva Magalhães de Oliveira  
Assinatura do(a) participante da pesquisa

Impressão digital



Nivalda Pereira Coelho  
Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

**Pesquisador(a) Responsável: Nivalda Pereira Coelho**  
Endereço: Estrada do Bem Querer, km 4, Caixa postal 95  
Fone: (77) 3425-9395 / E-mail: nyvia.uneb@outlook.com

**CEP/UESB- Comitê de Ética em Pesquisa**  
Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, 1º andar do Centro de Aperfeiçoamento Profissional Dalva de Oliveira Santos (CAP). Jequiezinho. Jequié-BA. CEP 45208-091.  
Fone: (73) 3528-9600 (ramal 9727) / E-mail: cepjq@uesb.edu.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE  
Conforme Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde – CNS

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “Memória das praticantes de Futebol feminino na cidade de Guanambi-Bahia ”. Neste estudo pretendemos analisar os motivos que incentivaram a prática esportiva das primeiras jogadoras de futsal de Guanambi-Bahia.

O que nos leva a estudar esse assunto é debater sobre a influência do gênero nas questões esportivas a fim de trazer uma maior valorização da imagem feminina no esporte, seja em âmbito profissional ou amador, além de investigar as relações existentes entre a prática do futebol feminino e os espaços destinados a mulher na sociedade guanambiense.

A pesquisa será realizada com as primeiras atletas femininas de futebol da cidade de Guanambi-Ba, e como amostra, serão selecionadas no máximo 30 e no mínimo 10 mulheres que se dispuserem a participar e que atendam aos critérios de inclusão.

Para este estudo adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): Será realizada individualmente uma entrevista semiestruturada, registrada por um gravador de voz no intuito de captar todos os detalhes dos depoimentos prestados. A entrevista proporcionará a coleta de opiniões e relatos de experiência sobre temas como preconceitos, sexualidade, incentivos, práticas corporais e esportes. Outro instrumento que será utilizado são os documentos presentes nas sedes dos primeiros ginásios esportivos ou em instituições públicas. Este instrumento permitirá a coleta de informações primárias, como nomes das primeiras atletas, seus treinadores, as equipes em que atuavam.

Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido(a) em todas as formas que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. Você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. Mesmo não sendo previsto, caso tenha gastos decorrentes da pesquisa, será ressarcido(a), assim como, caso sofra qualquer dano decorrente da sua participação nessa pesquisa será indenizado.

A sua participação é voluntária e a recusa em participar não causará qualquer punição ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais e éticos. Por se tratar de um trabalho que utiliza da memória, sua identificação é necessária para posteriores publicações, visto que, para esta pesquisa optaremos pelos relatos orais, e para que eles tenham sustentabilidade faz-se necessário identificar de quem se trata. Este estudo apresentará riscos mínimos, o que poderá ocorrer serão desconfortos ou constrangimentos no momento da entrevista. Porém, a pesquisadora se compromete a prestar auxílio em tal situação, sendo cautelosa para evitar esse tipo de

acontecimento. Os benefícios deste estudo será a socialização dos resultados da pesquisa junto as participantes.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizados. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma das vias será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, Natalina de Melo Fernandes fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e posso modificar a decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma via deste termo de consentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Jequié-BA 09 de setembro de 2020.

Natalina de Melo Fernandes  
Assinatura do(a) participante da pesquisa

Impressão digital



Nivalda Pereira Coelho  
Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

**Pesquisador(a) Responsável: Nivalda Pereira Coelho**  
Endereço: Estrada do Bem Querer, km 4, Caixa postal 95  
Fone: (77) 3425-9395 / E-mail: nyvia.uneb@outlook.com

**CEP/UESB- Comitê de Ética em Pesquisa**  
Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, 1º andar do Centro de Aperfeiçoamento Profissional Dalva de Oliveira Santos (CAP). Jequiezinho. Jequié-BA. CEP 45208-091.  
Fone: (73) 3528-9600 (ramal 9727) / E-mail: cepjq@uesb.edu.br

Conforme Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde – CNS

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “Memória das praticantes de Futebol feminino na cidade de Guanambi-Bahia ”. Neste estudo pretendemos analisar os motivos que incentivaram a prática esportiva das primeiras jogadoras de futsal de Guanambi-Bahia.

O que nos leva a estudar esse assunto é debater sobre a influência do gênero nas questões esportivas a fim de trazer uma maior valorização da imagem feminina no esporte, seja em âmbito profissional ou amador, além de investigar as relações existentes entre a prática do futebol feminino e os espaços destinados a mulher na sociedade guanambiense.

A pesquisa será realizada com as primeiras atletas femininas de futebol da cidade de Guanambi-Ba, e como amostra, serão selecionadas no máximo 30 e no mínimo 10 mulheres que se dispuserem a participar e que atendam aos critérios de inclusão.

Para este estudo adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): Será realizada individualmente uma entrevista semiestruturada, registrada por um gravador de voz no intuito de captar todos os detalhes dos depoimentos prestados. A entrevista proporcionará a coleta de opiniões e relatos de experiência sobre temas como preconceitos, sexualidade, incentivos, práticas corporais e esportes. Outro instrumento que será utilizado são os documentos presentes nas sedes dos primeiros ginásios esportivos ou em instituições públicas. Este instrumento permitirá a coleta de informações primárias, como nomes das primeiras atletas, seus treinadores, as equipes em que atuavam.

Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido(a) em todas as formas que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. Você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. Mesmo não sendo previsto, caso tenha gastos decorrentes da pesquisa, será ressarcido(a), assim como, caso sofra qualquer dano decorrente da sua participação nessa pesquisa será indenizado.

A sua participação é voluntária e a recusa em participar não causará qualquer punição ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais e éticos. Por se tratar de um trabalho que utiliza da memória, sua identificação é necessária para posteriores publicações, visto que, para esta pesquisa optaremos pelos relatos orais, e para que eles tenham sustentabilidade faz-se necessário identificar de quem se trata. Este estudo apresentará riscos mínimos, o que poderá ocorrer

serão desconfortos ou constrangimentos no momento da entrevista. Porém, a pesquisadora se compromete a prestar auxílio em tal situação, sendo cautelosa para evitar esse tipo de acontecimento. Os benefícios deste estudo será a socialização dos resultados da pesquisa junto as participantes.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizados. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma das vias será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, Jose Carlos Silva Santos fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e posso modificar a decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma via deste termo de consentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Jequié-BA 16 de setembro de 2020

Jose Carlos Silva Santos  
Assinatura do(a) participante da pesquisa

Impressão digital

Nivalda Pereira Coelho  
Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável



Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

**Pesquisador(a) Responsável: Nivalda Pereira Coelho**  
Endereço: Estrada do Bem Querer, km 4, Caixa postal 95  
Fone: (77) 3425-9395 / E-mail: nyvia.uneb@outlook.com

**CEP/UESB- Comitê de Ética em Pesquisa**  
Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, 1º andar do Centro de Aperfeiçoamento Profissional Dalva de Oliveira Santos (CAP), Jequiezinho, Jequié-BA. CEP 45208-091.  
Fone: (73) 3528-9600 (ramal 9727) / E-mail: cepjq@uesb.edu.br

**ANEXO E – Autorização de uso de imagem e depoimentos****TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS**

Eu, Monia Aparecida da Silva Neves depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora **Nivalda Pereira Coelho** do projeto de pesquisa intitulado "**Memória das praticantes de Futebol feminino na cidade de Guanambi-Bahia**" a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Jequié-BA, 29 de 03 de 2020.

Monia Aparecida da Silva Neves  
Participante da pesquisa

Nivalda Pereira Coelho  
Pesquisadora responsável pelo projeto

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu Regina Pereira dos Santos, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora **Nivalda Pereira Coelho** do projeto de pesquisa intitulado "**Memória das praticantes de Futebol feminino na cidade de Guanambi-Bahia**" a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Jequié-BA, 10 de 02 de 2020.

Regina Pereira dos Santos

Participante da pesquisa

Nivalda Pereira Coelho

Pesquisadora responsável pelo projeto

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu Rischa Magalhães de Oliveira, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora **Nivalda Pereira Coelho** do projeto de pesquisa intitulado “**Memória das praticantes de Futebol feminino na cidade de Guanambi-Bahia**” a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Jequié-BA, 12 de Junho de 2020.

Rischa Magalhães de Oliveira  
Participante da pesquisa

Nivalda Pereira Coelho  
Pesquisadora responsável pelo projeto

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu Natalina do Nelo Francisco depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora **Nivalda Pereira Coelho** do projeto de pesquisa intitulado "**Memória das praticantes de Futebol feminino na cidade de Guanambi-Bahia**" a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Jequié-BA, 09 de 09 de 2020.

Natalina do Nelo Francisco  
Participante da pesquisa

Nivalda Pereira Coelho  
Pesquisadora responsável pelo projeto

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu Jose Carlos Silva Santos, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora **Nivalda Pereira Coelho** do projeto de pesquisa intitulado "**Memória das praticantes de Futebol feminino na cidade de Guanambi-Bahia**" a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Jequié-BA, 16 de 07 de 2020

Jose Carlos S. Santos

Participante da pesquisa

\_\_\_\_\_  
Pesquisadora responsável pelo projeto